

VOU FALAR DA MINHA TERRA

história e cultura de São Francisco de Paula – RS na voz de seus moradores

Anthony Beux Tessari | Eliana Gasparini Xerri

EDUCS
COMUNIDADE

VOU FALAR DA MINHA TERRA

história e cultura de
São Francisco de Paula – RS
na voz de seus moradores

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alexandre Cortez Fernandes – Presidente
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



VOU FALAR DA MINHA TERRA

história e cultura de São Francisco de Paula – RS na voz de seus moradores

Anthony Beux Tessari | Eliana Gasparini Xerri

Publicação realizada no âmbito do Plano São Chico 2050

VIVA SÃO CHICO

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

EDUCS COMUNIDADE

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© dos autores
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Roberta Regina Saldanha
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração: Anthony Beux Tessari
Capa: Anthony Beux Tessari
Transcrição de entrevistas: Érik Gabriel Loreto Lovatel e Ricardo Bonatto Rizzi/IMHC-UCS
Siglas de acervos: IMHC-UCS – Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul; AHMJSA – Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

T338v Tessari, Anthony Beux
Vou falar da minha terra [recurso eletrônico] : história e cultura de São Francisco de Paula - RS na voz de seus moradores / Anthony Beux Tessari, Eliana Gasparini Xerri. – Caxias do Sul : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Modo de acesso: World Wide Web.
Publicação realizada no âmbito do Plano São Chico 2050.
Apresenta bibliografia.
ISBN 978-65-5807-608-7

1. São Francisco de Paula (RS) - História. 2. Memória coletiva. 3. Cultura. I. Título. II. Xerri, Eliana Gasparini.

CDU 2. ed.: 94(816.5SÃO FRANCISCO DE PAULA)

Índice para o catálogo sistemático

1.	São Francisco de Paula (RS) - História	94(816.5SÃO FRANCISCO DE PAULA)
2.	Memória coletiva	316.6
3.	Cultura	008

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Com licença meus amigos vou falar da minha terra
Vou contar de São Francisco, Campos de Cima da Serra
Eu sou filho desses pagos, terra boa e sem luxo
É o coração serrano, no Rio Grande o mais gaúcho

São Francisco é Terra Boa,
de Os Bertussi



Sumário

Apresentação da Prefeitura de São Francisco de Paula • 11

Apresentação da UCS • 15

Apresentação dos autores • 19

Formação histórica • 25

Povos originários • 26
Aspectos histórico-administrativos • 32
A presença negra em São Francisco de Paula • 35
Mudanças territoriais e administrativas • 52
Economia e práticas em memórias • 60
Manifestações culturais • 82
Memórias de infância e sociabilidades • 96
Dois filmes que ilustram esta história • 102

Rincão dos Kroeff • 111

Agricultura e memória comunitária • 111
Tranças firmes • 115
Sementes crioulas • 125
Lembranças e heranças culturais • 133

Cazuza Ferreira • 141

Hospedagem e manifestações culturais • 141
Preservar uma tradição • 147
Hospedar e acolher • 167

Tainhas • 179

Origem e aspectos socioeconômicos • 179
Bailes da Serra • 185
Sentir-se bem • 193

Lajeado Grande • 201

Caminhos, economia e formação da comunidade • 201
Este meu lugar • 205
Produzir e transmitir • 219

Salto • 229

Formação da vila e transformações socioeconômicas • 229
Um salto para o futuro • 235

Juá • 243

Caminhos e transformações de uma comunidade rural • 243
Um antigo ofício familiar • 247
Mudanças e permanências • 253

Referências • 258

Entrevistados • 260



Apresentação da Prefeitura de São Francisco de Paula

É com grande orgulho que apresento esta obra, fruto de uma importante pesquisa histórica e cultural sobre São Francisco de Paula, um município que construiu sua identidade a partir da força de seu povo, da riqueza de suas tradições e do profundo respeito por sua própria história. Ao longo das páginas deste livro, o leitor encontrará relatos, memórias, personagens e acontecimentos que ajudam a compreender a trajetória de uma comunidade que soube preservar suas raízes sem deixar de olhar para o futuro.

Nossa cultura está profundamente enraizada nos valores da vida campeira, na tradição gaúcha, no convívio comunitário e no amor pela terra. São Francisco de Paula mantém viva a herança dos tropeiros, dos produtores rurais, dos artistas e dos inúmeros cidadãos que ajudaram a construir a identidade serrana que tanto nos orgulha. Essa riqueza se manifesta nas festas campeiras, nos rodeios, na música tradicionalista, na literatura, nas manifestações populares, na gastronomia, no artesanato e na permanente valorização do patrimônio histórico e cultural.

Ao mesmo tempo, nossa cidade compreendeu que a cultura é dinâmica, plural e capaz de unir diferentes gerações e visões de mundo. Sem abrir mão de suas origens, São Francisco de Paula ampliou seus horizontes culturais, acolhendo novas expressões artísticas e promovendo iniciativas que fortalecem a diversidade. Hoje, ao lado dos eventos tradicionalistas que fazem parte de nossa essência, também celebramos festivais de diversos estilos musicais, além de um carnaval de rua vibrante, democrático e representativo da alegria de nosso povo.

Essa convivência harmoniosa entre tradição e inovação é uma das maiores virtudes de nossa comunidade. Ela demonstra que preservar a história não significa permanecer parado no tempo, mas sim construir pontes entre o passado e o presente, permitindo que novas manifestações culturais floresçam e encontrem espaço para se desenvolver.

Por isso, esta publicação possui um valor que vai muito além do registro histórico. Ela é um instrumento de preservação da memória coletiva, de valorização da identidade local e de estímulo ao sentimento de pertencimento que une nossa população. Conhecer a própria história é compreender quem somos, reconhecer aqueles que nos antecederam e preparar os caminhos para as futuras gerações.

Que este livro inspire o orgulho de ser serrano e desperte em cada leitor a admiração pela riqueza cultural de nossa terra. Afinal, São Francisco de Paula é feita de suas paisagens, de sua gente e, sobretudo, das histórias que seguimos construindo todos os dias.

Thiago Teixeira
Prefeito Municipal de São Francisco de Paula – RS





Apresentação da UCS

Há trabalhos que ultrapassam a condição de produto técnico, editorial ou acadêmico. Pela densidade humana, pelo cuidado metodológico e pela força simbólica de seu conteúdo, tornam-se testemunhos de um tempo, registros de uma coletividade e legados para as gerações futuras. Esta obra é, precisamente, um desses trabalhos.

Sinto-me profundamente honrado em apresentar esta publicação, que nasce no contexto do Plano São Chico 2050, um processo amplo, integrado e inovador de planejamento estratégico, territorial, ambiental, econômico, social e cultural para o município de São Francisco de Paula. Trata-se de uma iniciativa de grande magnitude, não apenas pela diversidade de temas que articula, mas pela compreensão de que o futuro de uma cidade não pode ser pensado de forma fragmentada. Planejar o futuro exige reconhecer o território em sua complexidade: sua paisagem, sua economia, seus ecossistemas, sua infraestrutura, suas comunidades, seus modos de vida e, especialmente, sua memória.

Nesse sentido, esta obra ocupa um lugar singular no Plano São Chico 2050. Ao associar o planejamento de longo prazo a uma pesquisa aplicada, voltada ao registro histórico e cultural, o município afirma uma visão rara e necessária: a de que não há futuro consistente sem memória, não há desenvolvimento sustentável sem pertencimento e não há estratégia territorial transformadora sem a escuta das pessoas que dão sentido ao lugar.

O trabalho realizado pela equipe de historiadores e especialistas do Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul (IMHC – UCS), merece especial reconhecimento. Apresenta-se uma produção conduzida com rigor, sensibilidade e respeito às pessoas, às comunidades e aos registros históricos do município.

A pesquisa contemplou fontes documentais, entrevistas, narrativas orais, memórias comunitárias e registros visuais, alguns deles até então inéditos em publicação, conferindo à obra uma dimensão histórica e cultural de grande relevância.

Também merece destaque a riqueza das trocas estabelecidas entre a equipe responsável pela pesquisa histórica e cultural e as demais equipes técnicas envolvidas no Plano São Chico 2050. Essas interlocuções qualificaram a compreensão do território e fortaleceram a ideia de que o planejamento municipal não se restringe a mapas, diagnósticos, indicadores e instrumentos normativos. Ele também se constrói a partir das histórias vividas, das lembranças compartilhadas, das práticas culturais, das trajetórias familiares, das comunidades rurais e das marcas deixadas por diferentes grupos sociais ao longo do tempo.

São Francisco de Paula, a linda e querida São Chico, possui uma história territorial de grande importância para os Campos de Cima da Serra. Sua formação histórica, sua presença indígena, sua memória rural, suas comunidades distritais, suas manifestações culturais, sua relação com a paisagem, com os recursos hídricos, com o pinhão, com a hospitalidade, com a agricultura e com os modos de vida locais compõem um patrimônio que não pertence apenas ao passado. Pertence também ao presente e, a partir desta obra, passa a dialogar de forma ainda mais potente com o futuro.

O primor do trabalho realizado revela-se na capacidade de unir rigor histórico e esmero narrativo. Ao registrar memórias, valorizar comunidades, reunir fontes, recuperar imagens e organizar relatos, os autores e a equipe envolvida produzem um legado que ultrapassa o Plano São Chico 2050. Este é um legado para o município, para a região, para o estado do Rio Grande do Sul e para todos aqueles que compreendem que a memória é parte essencial da identidade de um povo.

Há uma beleza particular em uma obra que se propõe a falar de uma terra pela voz de seus moradores. Não se trata apenas de narrar fatos, datas ou acontecimentos. Trata-se de permitir que o território fale por meio daqueles que o habitam, que o lembram, que o sentem e que continuam construindo-o cotidianamente. Por isso, esta publicação eterniza parte importante do passado de São Chico, não no sentido de encerrar a história, mas de protegê-la do esquecimento. Aquilo que antes poderia permanecer restrito à lembrança de algumas pessoas, famílias ou comunidades passa agora a estar disponível para estudantes, pesquisadores, gestores públicos, moradores, visitantes e futuras gerações de serranos.

É possível que o impacto deste livro vá além do que hoje conseguimos prever. Ele poderá inspirar novas pesquisas, fortalecer políticas culturais, subsidiar processos educativos, estimular ações de preservação da memória, ampliar o sentimento de pertencimento e contribuir para que São Francisco de Paula continue reconhecendo a grandeza de sua própria trajetória.

Nesta apresentação, reitero meu reconhecimento aos autores, à equipe do IMHC – UCS, aos profissionais envolvidos no Plano São Chico 2050, à Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula e, sobretudo, às pessoas entrevistadas e às comunidades que generosamente compartilharam suas histórias, suas lembranças e seus afetos.

O Plano São Chico 2050 olha para o futuro. Esta obra nos lembra, com profundidade e beleza, que esse futuro será mais sólido quanto maior for a nossa capacidade de compreender, respeitar e valorizar o caminho percorrido.

Prof. Dr. Juliano Rodrigues Gimenez
Coordenador-geral do Plano São Chico 2050
na Universidade de Caxias do Sul



Apresentação dos autores

"O que é um município?" Essa pergunta suscita inúmeras respostas. Pode-se pensar em seus aspectos físicos, arquitetônicos, econômicos, culturais, políticos ou históricos. Entretanto, para além disso, um município também pode ser compreendido como um espaço construído pelas experiências humanas que nele se desenvolvem. Como afirma Ítalo Calvino (1990), "a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata".

Os territórios não são apenas delimitados por leis ou fronteiras geográficas; eles são formados por pessoas, por práticas cotidianas e por memórias que se acumulam ao longo do tempo. Assim, cada localidade se constitui a partir da ação de diferentes coletivos humanos que, em seus modos de viver, produzem sentidos diversos para o espaço que habitam.

Partindo dessa perspectiva, este trabalho procura dar voz a representantes de diferentes coletivos serranos. Homens e mulheres que vivem em São Francisco de Paula, interior do Rio Grande do Sul (Brasil), compartilham suas memórias e narrativas, permitindo refletir sobre aspectos do passado e do presente do município e compreendê-los. Essas narrativas dialogam com obras de memorialistas locais e regionais e com pesquisas e publicações acadêmicas que contribuem para ampliar o entendimento sobre a territorialidade, a diversidade cultural e a história que caracterizam a região.

Dividimos este livro em sete capítulos. No primeiro, historiamos a formação do município, fragmentando o tema em oito subtítulos, nos quais abordamos: a presença dos povos originários no território; a presença negra, com a problematização do período da escravidão; a história político-administrativa e as diferentes mudanças pelas quais a cidade passou; as transformações no âmbito da

economia, da sociedade e da cultura serrana; e, como complemento e de forma inédita, uma fonte sobre o local – no caso, dois filmes-documentários da década de 1960, exibidos apenas na data de sua produção e, após, guardados em arquivo.

Os demais seis capítulos formam a segunda seção do livro, dedicada aos distritos de São Francisco de Paula. Neles, demos ênfase às trajetórias e memórias de seus moradores, que compartilharam suas lembranças e vivências, permitindo-nos perceber elementos da cultura local e complexificar a história regional.

A pesquisa para esta publicação foi iniciada no segundo semestre de 2024 e realizada durante todo o ano de 2025, no âmbito do Plano São Chico 2050, realizado pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) em parceria com a Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula. Durante o período, foram produzidas entrevistas de história oral com 23 pessoas, totalizando aproximadamente 19 horas de gravação, e mais de 400 fotografias no território. Todo esse conteúdo, para além do que está no livro, passou a integrar o acervo histórico, o que possibilitará consultas a essas fontes e – espera-se – novas escritas sobre o município de São Francisco de Paula.

Ao finalizar esta apresentação, manifestamos nossos sinceros agradecimentos: à coordenação do Plano São Chico 2050 na UCS, em especial aos professores Juliano Rodrigues Gimenez e Tiago Panizzon, e à pesquisadora vinculada, Sílvia Rafaela Scapin Nunes; à Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula, em especial à diretora de Cultura Carlise Nunes Raupp; e a todas as pessoas informantes e entrevistadas (nominadas ao longo do livro) que contribuíram para esta pesquisa.

Os autores



Vitral com a imagem de São Francisco de Paula na Igreja Matriz. Foto: Anthony Beux Tessari.



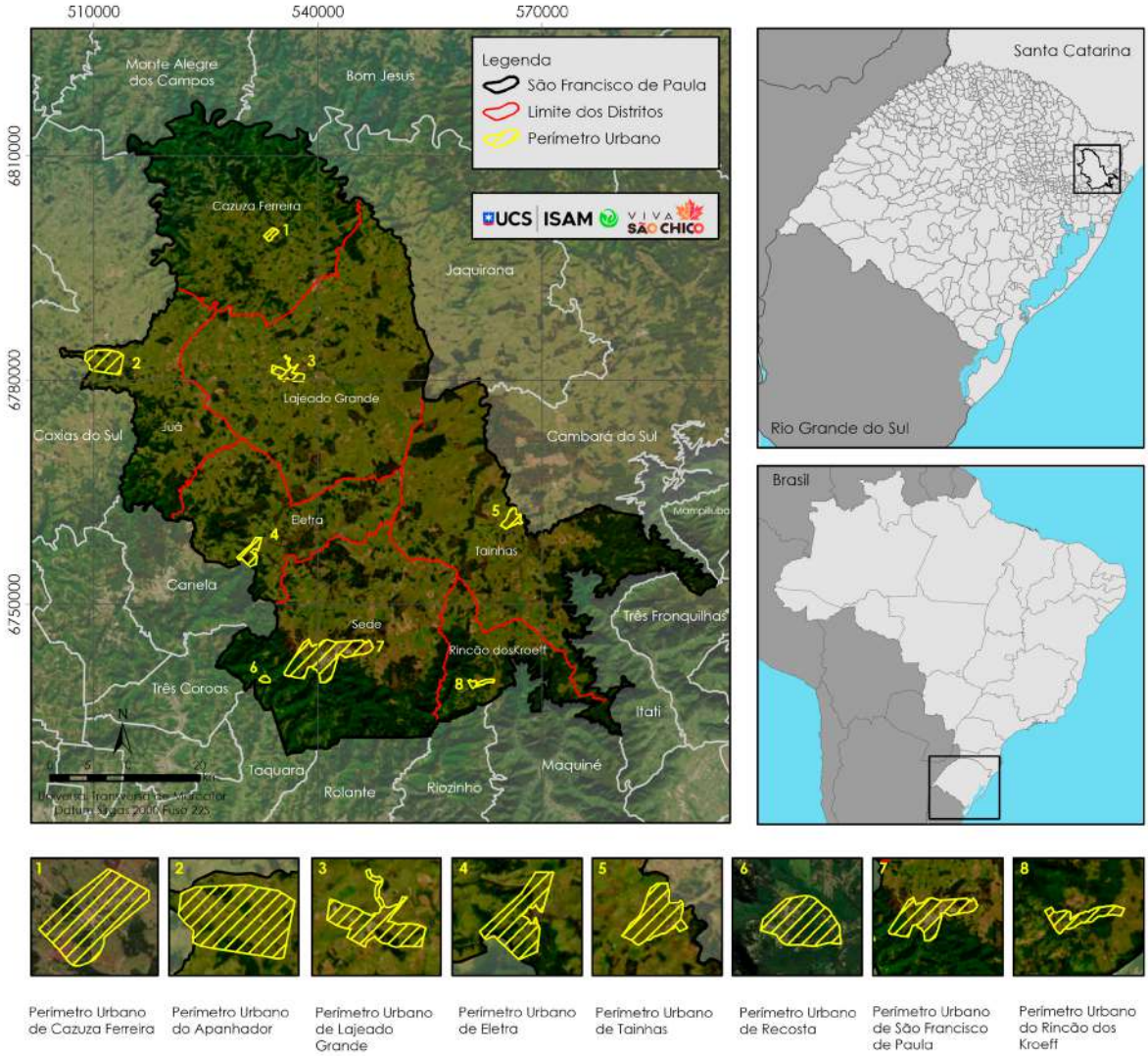
Paisagem na estrada para S. F. de Paula. Foto: Anthony Beux Tessari.





Formação histórica

O desafio de compreender aspectos relacionados aos patrimônios culturais (materiais e imateriais) de São Francisco de Paula condizem com a dimensão de seu território. A história de São Francisco de Paula encontra-se registrada tanto em documentos oficiais quanto em produções de gêneros variados. Escritores locais produziram crônicas, poesias e relatos históricos que ajudam a compor interpretações sobre a cidade.



Localização de São Francisco de Paula. Fonte: IBGE, 2024 (limite dos municípios) e Prefeitura de São Francisco de Paula (demais limites).

Com um dos maiores territórios do estado do Rio Grande do Sul, o município possui 3.317,794 km² e uma população estimada em 22.388 pessoas, de acordo com dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os mesmos dados indicam que 71,7% residem na área urbana e 28,3% na área rural e que a população se autoidentifica como: 16.290 pessoas brancas; 1.235 pessoas negras; 27 pessoas amarelas; 4.280 pessoas pardas e 61 indígenas.

Povos originários

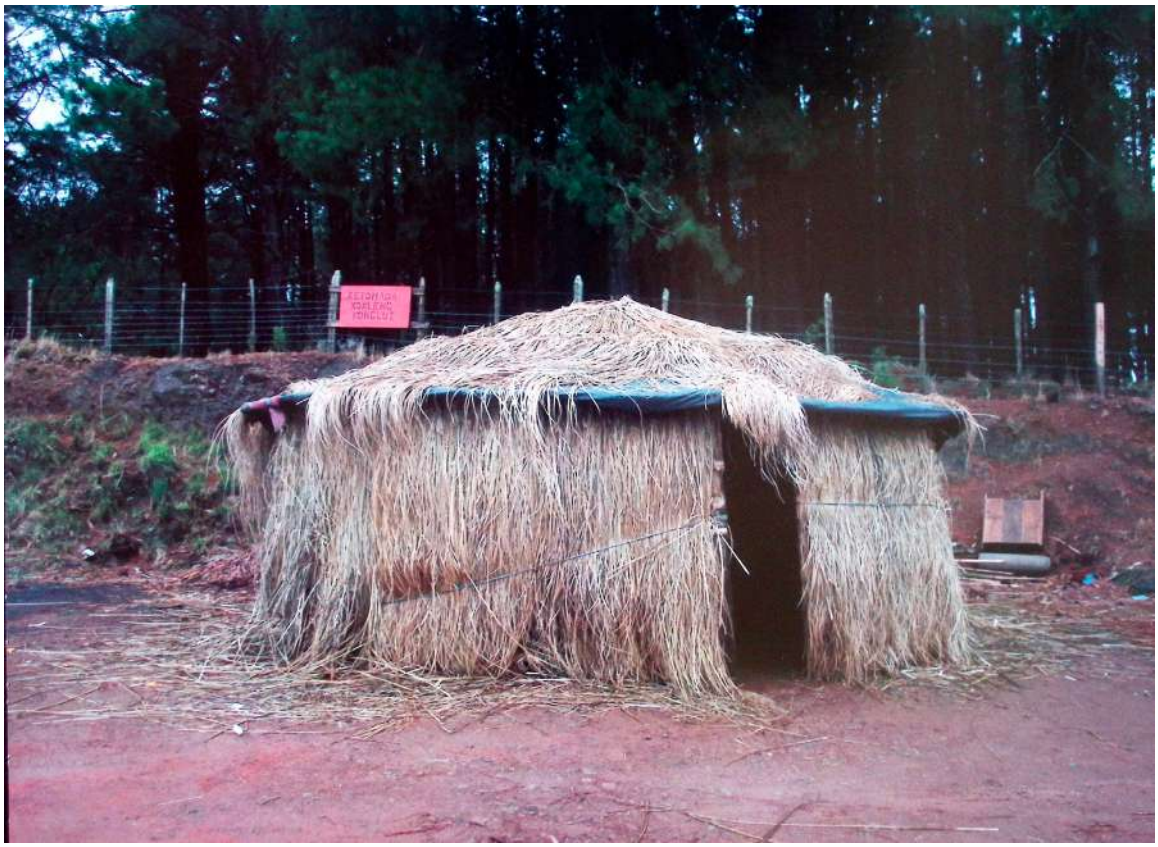
A respeito dos povos originários que habitaram a região, as informações se orientam pelos escritos da memorialista Iva da Silva (2017), quando o território foi habitado pelos indígenas caáguas; pelos estudos de Tatiana M. Cardoso (2019), que os apresenta como caaguarás e membros da tribo Coroados; e, mais recentemente, pela pesquisa de Bibiana H. P. da Silva (2022), que escreve sobre o grupo Xokleng e sua busca para retomar as terras dos povos originários na região. O grupo indígena e seu território são assim descritos pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2025):

> O território ancestral Xokleng Konglui se encontra dentro dos limites da Floresta Nacional (Flona) de São Francisco de Paula, uma Unidade de Conservação (UC) Federal de uso sustentável, criada em 1954, atualmente sob administração do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade.

De forma didática, Silva (2022, p. 26) transcreve uma fala da Cacique Cullung que esclarece parte das dificuldades em compreender o amálgama e a existência dos povos originários na região:

> Estão espalhados e misturados com os Kaingang e com os Guarani: como os nossos avôs foram expulsos daqui, foi espalhado os Xokleng, lá teve Xokleng que casou com Kaingang, teve Xokleng

que casou com Guarani e foi misturando assim. A gente foi morar pra Cacique Doble, Rio Grande do Sul, com o passar do tempo os Xokleng seguiram pra Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, tem Xokleng até em São Paulo e em Rio de Janeiro. E assim a gente tá trazendo de pouco em pouco os Xokleng que saíram desse território.







Casa tradicional coberta de lona e palha, ao fundo uma cerca da Flona de São Francisco de Paula e um cartaz que diz "Retomada Xokleng Konglui". Abaixo: jovem Xokleng confeccionando um cocar de penas de arara dentro de uma das casas da Retomada e jovem Xokleng caminhando ao redor das casas de madeira na Retomada, ao fundo se vê as caixas d'água da comunidade, uma plantação de pinus e a paisagem dos Campos de Cima da Serra. Autoria das fotos: Rodrigo Lino Nunc-Nfôonro. Acervo: Museu de História Júlio de Castilhos.

Ao descrever a miscigenação entre os grupos indígenas, a narradora explica sobre as necessidades de compreensão sobre eles. No entanto, é imprescindível considerar que a retomada, assim como o retorno às terras, significa a presença e não o esquecimento das suas existências.

De acordo com o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), existem no atual território do município 34 sítios identificados, situados em diferentes distritos e localidades, conforme a listagem que os denomina:

RS-A-3: Chapada 1
RS-A-21: Capão do Cedro
RS-C-8: Rio Pinto 3
RS-C-11: Eletra
RS 33: Fazenda dos Lahm
RS-C-7: Rio Pinto 2
RS-A-02: Bugres
RS-C-6: Rio Pinto 1
RS-S-303: Arroio Baré
RS-S-302: Cruzinha 1
RS-S-305: Cruzinha 2
RS-S-306: Ilha Nova
RS-S-307: Xaxim
RS-S-308: Morro da Flecha 1
RS-S-309: Morro da Flecha 2
RS-S-310: Morro da Flecha 3
RS-S-311: Morro da Flecha 4
RS-S-312: Goiabeira 1
RS-S-313: Goiabeira 2
RS-S-314: São Pedro 1
RS-S-315: São Pedro 2
RS-S-316: Santa Teresa
RS-S-317: Rincão dos Kroeff
RS-S-318: São Roque
RS-S-319: Morrinhos
RS-S-322: Lote Seco 1
RS-S-323: Lote Seco 2
RS-32: Fazenda Casa Branca
RS-33: Fazenda dos Lahm
RS-62: Cemitério do Apanhador
RS-63: Antônio Santini
RS-A-10: Chapada 3
RS-A-11: Chapada 4
Chapada 2

As fichas no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Iphan podem ser consultadas em: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php

A identificação desses sítios arqueológicos se iniciou na década de 1960, majoritariamente classificados como de origem pré-colonial, com a presença de vestígios cerâmicos e líticos de Tradição Taquara. As pesquisas, naquele período, contaram com o trabalho dos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Elton Krause, Eurico Theófilo Miller e Rainer Buhrmann, com itens que hoje compõem o acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul).



Denominação: Percutor. Filiação Cultural: Taquara. Dimensões: 7,3 x 6,3 x 4,3 cm. Procedência: Sítio RS-A-02: Bugres. Município/UF: São Francisco de Paula/RS. Nº de Registro: T-1088. A peça pertence à coleção Eurico Th. Miller. Em Riólito, o artefato não possui uma aplicação de técnica para modificação intencional. Sendo transformativa, possui negativos da ação de percussão direta sobre outras rochas, para a manufatura de instrumentos.
Acervo: Marsul.

Denominação: Raspador. Filiação Cultural: Taquara. Dimensões: 6,7 x 6,5 x 3,7 cm. Procedência: Sítio RS-A-02: Bugres. Município/UF: São Francisco de Paula/RS. Nº de Registro: T-1088. A peça pertence à coleção Eurico Th. Miller. Acervo: Marsul.



Na mesma ampla região dos Campos de Cima da Serra, outros sítios arqueológicos foram mapeados, em prospecções e escavações realizadas nos anos de 1960 e algumas nas décadas de 1990 e 2000. Conforme apontam as pesquisas arqueológicas, a presença humana nesse território data de aproximadamente 6.000 anos antes do presente.

Há cerca de 2.000 anos, a ocupação da região se deu por povos falantes de línguas da família "Jê", cuja característica mais marcante, conhecida a partir dos vestígios encontrados, era a construção de estruturas de terra, em depressões cavadas no solo, constituindo as chamadas "casas subterrâneas". No interior dessas estruturas, vestígios materiais foram localizados: artefatos de pedra lascada e polida (mãos de pilão, por exemplo), cerâmicas decoradas (para uso no armazenamento e no cozimento de alimentos), restos de fogueiras e cascas de pinhão queimado, indicando aspectos da alimentação desses grupos. Além disso, outros vestígios apontam para a existência de uma agricultura incipiente entre essas populações, com a plantação de milho e de moranga, a prática de caça e a coleta de raízes e frutos (UFRGS, 2013; Copé, 2015; Reis, 2002).

Ainda quanto aos registros da presença indígena no território, no acervo do Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (Lepar) do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul, formado a partir de pesquisas do arqueólogo Fernando La Salvia na década de 1960, consta "material ósseo de caverna do Joá [Juá], distrito de São Francisco de Paula, em março de 1963", junto a material ósseo "recolhido em uma caverna em Cambará do Sul, em abril de 1965".

Outras referências encontradas dizem respeito a era contemporânea. Em registros policiais da segunda metade do século XIX, documentos evidenciam tensões entre "abastados fazendeiros" e um grupo de cerca de 30 indígenas, denominados nos documentos de

forma generalizante como “bugres”. O caso, ocorrido em 1868, é relatado em dois ofícios, relacionados entre si, que integram o acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul:

> **Documento 1**: Ofício do subdelegado de polícia José Schmitt ao chefe de polícia João Coelho Bastos, São Francisco de Paula de Cima da Serra, 04/11/1868. Informa que recebeu denúncias dos “cidadãos e abastados fazendeiros” capitão Justiniano Pacheco, Paula Machado e Oliveira Pedroso de Moraes, pedindo “proteção de polícia para livrá-los do iminente perigo que estão a cada instante, ameaçados de uma partida de bugres, que parece superior a 30 indivíduos, a qual, achando-se alojada nos fundos da invernada da Pedra Branca, propriedade do primeiro, e de uma invernada pertencente ao segundo, tem já praticado atos de consumado vandalismo, ameaçando gravemente a segurança pessoal e de propriedade dos ditos fazendeiros e de suas famílias e moradores circunvizinhos”; tem carneado e roubado gado e “atropelaram um escravo do mesmo capitão Justiniano, duas léguas distante de sua casa de residência”.
>
> **Documento 2**: Correspondência recebida, Secretaria de Polícia em Porto Alegre, Ofício nº 916, 30/11/1868, para: doutor Antônio da Costa Pinto e Silva (presidente da província do RS); de: Cláudio José Monteiro (delegado do termo da capital, na ausência do chefe de polícia do RS). Descrição: Envia um Ofício do subdelegado de polícia do distrito de São Francisco de Cima da Serra, “pedindo providências para afugentar uma partida de bugres que ali tem aparecido e cometido violências” (Fernandes *et al.*, 2023).

Na região dos Campos de Cima da Serra, vários são os grupos originários que ali viveram; Xokleng e Kaingang estão entre eles, com suas particularidades cosmológicas e vivências em comum, as quais constituíram e constituem o território de São Francisco de Paula. Daí a premente necessidade de, respeitosamente, conhecê-los melhor, para que suas existências sejam efetivas e permanentes.

Aspectos histórico-administrativos

Segundo a escritora Iva da Silva (2017), o “Povoado de Cima da Serra (antiga denominação de São Francisco de Paula) pertencia a Santo Antônio da Patrulha, sendo este um dos quatro primeiros municípios do RS, criados em 1809”. Sua emancipação definitiva ocorreu em 7 de janeiro de 1903. No quadro a seguir, sintetizamos os principais eventos administrativos do município entre 1852 e 1903:

Lei	Data	Evento	Observações
Lei Provincial n.º 266	*30/11/1852*	*Distrito criado com a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra.*	*Subordinado ao município de Taquara do Mundo Novo.*
Decreto Estadual n.º 563	*23/12/1902*	*Elevado à categoria de município com a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra.*	*Desmembrado do município de Taquara do Mundo Novo. Sede no antigo distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra. Constituído do distrito-sede. Instalado em 7/01/1903.*
Ato Municipal n.º 3	*7/01/1903*	*Criados os distritos de Campo Bom, Lageado e São Marcos e anexados ao município de São Francisco de Paula de Cima da Serra.*	-
Ato Municipal n.º 25	*9/01/1903*	*Criado o distrito de Criúva e anexado ao município de São Francisco de Paula de Cima da Serra.*	-

Leis, decretos e eventos históricos. Fonte: Dados do IBGE, adaptado pelos autores.

Os dados do quadro permitem compreender as diferentes transformações administrativas pelas quais a cidade passou ao longo do tempo, desde a criação do distrito, em 1852, até a sua elevação à categoria de município, em 1902. Diversas leis, decretos e atos

administrativos redefiniram seus limites territoriais e a organização de seus distritos.

Além das informações presentes no quadro, a memória social constitui elemento fundante para possibilidades interpretativas sobre São Francisco de Paula, uma vez que, constrói narrativas do passado e do presente que são socializadas por coletivos. Para Júlio César Jomertz, pesquisador da história local, o percurso histórico do município pode ser narrado a partir da ação dos padres jesuítas e da relação com a tentativa de estabelecimento de redução jesuítica:

> *Podemos começar mais ou menos em 1630, com as primeiras investidas dos padres jesuítas castelhanos na região; antes de ocorrer a Vacaria dos Pinhais, eles já circulavam nesta região.*

Ainda de acordo com Jomertz, artefatos encontrados na região são indícios daquele período:

> *Algumas produções de artefatos, localizamos em uma fazenda, telhas que tem toda a característica das telhas que eram feitas nas missões. Porque os ex-missionários estavam aqui em função da guarda dos rebanhos que eles tinham aqui.*

Assim, o estabelecimento de povoados ao longo dos séculos foi determinado por circunstâncias advindas do reino de Portugal, que disputou com o reino da Espanha o Sul do Brasil. A ocupação do território contou com sesmarias distribuídas pelo governo luso para tomar conta, guarnecer e povoar; com a presença de “bandeirantes” em busca de mão de obra indígena, para a abertura de caminhos. Para o entrevistado, os caminhos do Sul às regiões do Sudeste também contribuem para melhor compreender o município.

Além da breve incursão a aspectos históricos relacionados ao povoamento de São Francisco de Paula nos primeiros séculos, é necessário lembrar que a constituição de fazendas com grandes extensões de terras e o desenvolvimento do setor agropecuário com-

puseram o cenário histórico local, assim como os que ali trabalhavam e viviam. Como afirma Teixeira (2019):

> Várias fazendas espalhavam-se pela extensa área sendo que, a maioria delas ficava muito distante da sede. Essa situação se transformava em peculiaridades comuns para épocas remotas. As senhoras, por exemplo, tinham filhos em casa, com parteiras. Os estudos iniciavam nas fazendas pelo fato das escolas ficarem muito distantes. Os fazendeiros contratavam professoras para se hospedarem em suas casas para darem aulas aos seus filhos.

Na mesma obra, a autora apresenta dados a respeito de escravizados na região: “consta que o censo de 1858 registrou para São Francisco de Paula os seguintes dados: escravos livres: 2.404; escravos libertos: 48; escravos: 762” (Teixeira, 2019, p. 59).

Dessa forma, é possível configurar grupos sociais na composição da população do município: povos originários, a existência de escravizados, de população não negra e não indígena com etnias diversas, com prevalência de migrantes e descendentes de lusos, espanhóis, alemães e italianos. Sobre esses grupos, merecem destaque os escravizados, pela existência de fontes e de estudos que evidenciam a sua presença no território e na história do município.



Fazenda Santo Antonio, em Rincão dos Kroeff – São Francisco de Paula.
Fonte: Costa, 1922, p. 422.

A presença negra em São Francisco de Paula

A historiadora Loraine Slomp Giron (2009) aponta para a presença de escravizados no território dos Campos de Cima da Serra desde o último quartel do século XVIII, localizando centenas de registros de batismos de escravos em documentação paroquial: “em São Francisco de Paula, entre 1789 e 1881, constatou-se que houve 334 batizados. As mães dos batizandos eram escravas do mesmo proprietário que o do seu filho, o que significa que havia, no mínimo, 668 escravos no período, nas fazendas de São Francisco”. Entre os registros encontrados, a autora reproduz o documento de batismo de Paulino, filho de escravizados de Ignácio Alves Machado, vigário de Vacaria entre 1789 e 1797 e proprietário de terras em São Francisco de Paula:

> Aos 15 dias de agosto de 1797, nesta capela de São Francisco de Paula da freguesia de Vacaria, com licença do senhor vigário batizei e pus os santos óleos a Paulino, inocente filho legítimo de Antônio e Mariana, escravos do padre Ignácio; foram padrinhos Domenico e Maria, também escravos daquela casa. Para constar fiz o assento. P. Ignácio Alves Machado (Giron, 2009, p. 53).

Ainda de acordo com a pesquisadora, naquele período, havia cerca de vinte fazendas na região dos Campos de Cima da Serra, abrangendo um extenso território, que hoje corresponde aos municípios de Vacaria, Bom Jesus, São Francisco de Paula, Jaquirana e São José dos Ausentes. A presença de escravizados na região era significativa, representando mais de 40% da população local. Para exemplificar, podem ser observados os dados demográficos do chamado “levantamento do Tenente Córdova”, datado de 1780, quando Vacaria registava a existência de 571 pessoas, assim dividida: “291 brancos (51%), 248 pretos (43%) e 32 índios (6%)”.

FREGUESIAS	BRANCOS	ÍNDIOS	PRETOS	TOTAL
Madre de Deus	871	96	545	1 512
Rio Grande	1 643	182	596	2 421
Estreito	880	97	277	1 254
Mostardas	360	40	191	591
Viamão	1 028	114	749	1 891
Santo Antônio	828	91	270	1 189
Conceição do Arroio	234	25	158	417
Aldeia dos Anjos	210	1 890	255	2 355
Vacaria	291	32	248	571
Triunfo	637	-	640	1 277
Taquari	580	-	109	689
Santo Amaro	512	-	208	720
Rio Pardo	1 317	438	619	2 374
Cachoeira	42	383	237	662
Total	9 433	3 388	5 102	17 923

Levantamento do Tenente Córdova sobre a população do Rio Grande do Sul – 1780.
Fonte: Laytano (1962).

Outra referência sobre o tema é a dissertação de Vinicius Pereira de Oliveira (2005), em que o autor reconstitui a trajetória de Manuel Congo, africano ladino (escravizado aculturado, que falava português) trazido para o Brasil e vendido clandestinamente na então Província do Rio Grande do Sul em 1852 – mais de duas décadas após a Lei Feijó (de 1831) e dois anos após a Lei Eusébio de Queirós (de 1850), criadas com a finalidade de proibir o tráfico negreiro no país. Sobre o episódio, narra o autor:

> No dia 11 de abril de 1852, domingo, um navio vindo da África encalha no litoral norte do Rio Grande do Sul, na região da praia de Tramandaí, então ligada à Conceição do Arroio, distrito de Santo Antônio da Patrulha. Percebendo ter sido vítima deste traiçoeiro litoral, o capitão “desampara” o navio, e põe-se a desembarcar a valiosa “carga” humana composta de diversos africanos que em breve seriam vendidos como escravos na região de Conceição do Arroio e nos Campos de Cima da Serra. Entre eles, estava o afri-

> cano Manoel, natural do Reino do Congo, com cerca de 20 anos" (Oliveira, 2005, p. 13).

Inicialmente, após o desembarque, Manoel conseguiu escapar de ser comprado como escravo, mas não por muito tempo, sendo em seguida "pilhado por um outro indivíduo que o guardou sete meses no mato, donde depois saiu para acompanhar um indivíduo chamado Agostinho, morador de Cima da Serra [então denominação de São Francisco de Paula], que o dizia que o tinha comprado" (Oliveira, 2005, p. 52). Como escravo de Agostinho, Manoel permaneceu por alguns meses, resolvendo fugir da fazenda daquele que dele se apossou por ser ele "muito mau", e por ser lá "maltratado, e porque sabia que era livre" (idem; Fernandes, 2023, p. 530). Na sequência, o africano tentou seguir para a capital da Província, onde buscaria o reconhecimento da sua liberdade, mas acabou sendo convencido por um fazendeiro, o Capitão José Joaquim de Paula, a colocar-se sob sua tutela e para ele trabalhar, com promessas de que receberia a carta de alforria após alguns anos. A escolha de Manoel Congo é então problematizada por Oliveira (2009, p. 57-58):

> [...] acuado pela fome, pela experiência dolorosa da desterritorialização e da travessia atlântica, pelos maus tratos junto ao seu senhor de Cima da Serra, pelas dificuldades que havia enfrentado em suas fugas e certamente considerando os argumentos paternalistas acionados pelo Cap. José Joaquim de Paula (proteção e acesso à terra), decide ficar e trabalhar para este, possivelmente temendo os riscos que a continuidade da sua jornada até a Capital poderia lhe reservar. Fica acertado que Paula passaria carta de liberdade ao africano quando findasse o mesmo prazo de tempo que este teria que trabalhar para obtê-la caso se apresentasse à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. A adaptação dos africanos ao cativeiro certamente era mais dolorosa do que para aqueles já nascidos no Brasil. Arrancados violentamente de seus laços familiares e comunitários, eram confinados em navios superlotados, deparando-se com as duras e desumanas condições de uma travessia atlântica cheia de incertezas quanto ao futuro, para

> em seguida serem inseridos, como cativos, em uma sociedade da qual estavam desprovidos dos referenciais sociais que a estruturavam.

Outro caso, que o autor comenta, e alusivo ao território de São Francisco de Paula, é o do preto João, de nação Congo, que também foi introduzido pelo mesmo desembarque clandestino na costa do Rio Grande do Sul. No processo-crime em que depôs, na qualidade de vítima, João narrou o ocorrido consigo e com seus companheiros. O processo é datado de 1876:

> Segundo o africano, ele e seus companheiros teriam sido arrematados pelo Cel. José Inácio da Silva Ourives, residente em São Francisco de Paula de Cima da Serra, e por este vendidos a muitas outras pessoas. Segundo João, outros companheiros de viagem ainda viveriam como escravos: Serafim e Fortunado, moradores de Cima da Serra e vendidos a Manoel Soares pelo Cel. Ourives e Zeferina, escrava de Saturnino de Moraes, residente em Porto Alegre (Oliveira, 2005, p. 202).

Um terceiro estudo sobre o tema é o de Luana Teixeira (2008), que investigou as relações de trabalho, os conflitos e a mobilidade social no então distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra, no período entre 1850 e 1871. A autora recorreu a inventários *post mortem*, processos-crime e correspondências entre autoridades locais e provinciais para dar conta dos seus objetivos, e trouxe significativa contextualização histórica sobre o território dos Campos de Cima da Serra e a instituição da escravidão naquela sociedade.

Tendo como principal atividade produtiva a criação de gado bovino, acompanhada da produção agrícola de pequenas roças policultoras, o distrito de São Francisco de Paula tinha a maior parte de sua população organizada em torno dessa economia, capitaneada pelas fazendas, formadas por extensas áreas de campo. Considerando os inventários analisados pela autora (no total de 76), observa-se que quase 80% dos inventariantes (fazendeiros) possuíam escravos

arrolados entre seus bens, com muitos proprietários que dispunham de 5 a 10 escravos: “a propriedade escrava não apenas representava uma importante parte da riqueza dos proprietários de São Francisco como também era difundida entre eles, na forma de pequenas ‘escravarias’” (Teixeira, 2008, p. 56). Ainda conforme a mesma documentação, a autora apresenta a quantidade de escravos listados em inventários no período, dividindo-os por gênero e faixa etária:

Faixa etária	Mulheres	Homens	TOTAL
0 a14	87	75	162
15 a 40	62	92	154
+ de 41	21	27	48
TOTAL	170	194	364

Estrutura demográfica da população escrava em inventários de São Francisco de Paula de Cima da Serra, 1850-1871 (valores absolutos). Fonte: Teixeira (2008, p. 66).

Os dados confirmam a disseminação da propriedade escrava naquela sociedade e demonstram a consolidação do modelo mesmo em uma região distante dos grandes centros produtivos do país. Quanto ao cotidiano do trabalhador escravo, a autora apresenta casos extraídos de processos-crime, que explicitam tensões e violências. Entre os exemplos, destaca-se o da escravizada Apolinária, morta em razão das sevícias (maus-tratos, castigos físicos) cometidos pelo seu senhor, Theodoro de Oliveira Pinto, que tentou justificar as razões dos castigos quando prestou seu depoimento no processo. De acordo com o documento, na narração de Teixeira (2008, p. 76-77):

> Apolinária, segundo seu senhor, era dada a fugas. Em sua penúltima tentativa foi à casa do capitão José Schimitt, e tentando escapar do poder de seu senhor pediu a esse que a apadrinhasse e a comprasse. Schimitt não se opôs ao pedido, foi à casa de Theodoro negociar, e como ele não se encontrava deixou recado para que viesse a sua casa vender a escrava ou levá-la de volta. Theodoro foi à residência do capitão e negou-lhe o pedido de venda, levando

> a escrava, ele sobre o cavalo, ela à frente. Nenhuma testemunha diz ter presenciado qualquer castigo, mas nesta ocasião Theodoro pediu emprestado ao sogro de Schimitt um par de maneias para pôr a escrava presa em ferros. Maneias é um instrumento de ferro comum no campo, utilizado nas pernas dianteiras do cavalo para que ele não corra e nas vacas para ordenhá-las. Quando chegou a casa, Theodoro pô-las na escrava, na altura do joelho. [...] o tétano e a crueza da estação foram fundamentais na morte da escrava. Pois quinze dias depois, em pleno agosto, em meio a chuvas e frios tão comuns a esta época do ano, Apolinária fugiu novamente, passando dias no mato. Com muito esforço conseguiu tirar as maneias, do que resultaram graves ferimentos. Quando chegou novamente à casa do capitão Schimitt, já estava muito enferma, sendo que do ferimento da maneia surtiu o dito tétano que alguns dias depois a fez sucumbir. Ainda que as testemunhas tenham negado presenciar qualquer sevícia, há a especulação de que a escrava era castigada com “laçassos” e com bolas, também típicos instrumentos das lides pecuárias. O parecer do cirurgião que a atendeu, confirma a morte por tétano. Ele ainda observa “que nas pernas e nádegas havia antigos sinais de castigos moderados”.

A autora também aponta que a Serra Geral, no amplo território onde São Francisco de Paula se localiza, era local de refúgio para escravos fugidos e desertores, estes em virtude do recrutamento para a Guerra do Paraguai (1864-1870). Nesse sentido, é exemplo uma correspondência de 3 de janeiro de 1866, escrita pelo subdelegado de São Francisco de Paula de Cima da Serra e endereçada ao chefe de polícia da Província, informando que andavam pelo distrito:

> uma pandilha [bando] de cinco negros fugitivos [escravizados], cujos andam roubando, e também consta que há no mesmo lugar, entranhados na serra, no lugar denominado Jus Afaz [Josafaz], um grupo de 12 a 16 homens, sendo parte desertores e criminosos e outros Guarda Nacional que se negam de fazerem serviços ou de marcharem para o destacamento de campanha. Cujos desordeiros vivem roubando gados e animais dos moradores deste lugar (Teixeira, 2008, p. 98).

Outros documentos que serviram à Teixeira (2008) em sua pesquisa foram as cartas de alforria, e, por meio de uma delas, a autora relata a trajetória de João Rodrigues, escravo de Manoel Ricardo dos Reis, de São Francisco de Paula, que recebeu a sua carta de liberdade no início da década de 1850. Apesar desse caso, a maioria dos escravizados alforriados que a autora localizou em seu estudo – 165 ao todo – recebeu a liberdade apenas nas últimas décadas da escravidão, e, para o caso das alforrias sem ônus (não compradas), em todas elas, os escravizados em idade não mais produtiva prevalecem, ou seja, receberam a liberdade sem ônus apenas os escravizados "velhos" (Teixeira, 2008, p. 113).

Em 1872, uma década e meia antes da abolição da escravidão, o recenseamento do império para a Província do Rio Grande do Sul indicava que a maioria da população no então distrito de São Francisco de Paula era não branca, assim distribuída: livres, libertos e escravos, estes representando 1/5 dos habitantes locais – índice superior em comparação à Província e ao país, segundo os dados oficiais.

População	S. Francisco de Paula		Rio Grande	Brasil
	Quantidade	%	%	%
Livres	**4379**	**80%**	**84%**	**85%**
Brancos	2632	48%	59%	38%
Pardos	585	11%	11%	33,5%
Pretos	849	15%	8%	9,5%
Caboclos	313	6%	6%	4%
Escravos	**1079**	**20%**	**16%**	**15%**
TOTAL	**5458**	**100%**	**100%**	**100%**

População de São Francisco de Paula de Cima da Serra, Província de Rio Grande de São Pedro e Império do Brasil, conforme condição social e "cor" da população livre, 1872. Fonte: Recenseamento do Império do Brasil, 1872 (apud Teixeira, 2023, p. 126).

Notícias de jornal são outras fontes que registram a presença negra no território do município, no recorte do século XIX. Contudo, as notícias encontradas trazem apenas aspectos de violência envolvendo escravizados, como a comutação da pena do escravizado Paulo – condenado inicialmente à morte por homicídio –, a prisão da preta Bibiana – pela prática de curandeirismo –, e de outra (ou seria a mesma?) preta Bibiana – por assassinato da filha de um fazendeiro da região. As notícias são encontradas no jornal A Federação, impresso em Porto Alegre (RS), em edições entre 1884 e 1886.

No mesmo sentido, registros são encontrados na documentação do Fundo Polícia do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Fernandes *et al.*, 2023). Os itens desse conjunto documental revelam insurreições e fugas de escravizados, episódios de crimes cometidos e de violências sofridas. Reproduzimos alguns, grifando nome do envolvido, local, data e ocorrência:

> **Pardo José** – filho de Plácida, 30 anos, solteiro, campeiro e domador, brasileiro, não sabe ler nem escrever. “Perguntado se ele é forro ou cativo? Respondeu que é cativo de Domingos Rodrigues Lima, residente em **São Francisco de Paula de Cima da Serra**, de onde **fugiu de seu senhor,** e em uma restinga perto do campo bom reuniu-se a dois companheiros, de nomes Adão e Leopoldino, que também vinham **fugidos** de seu senhor Ovídio da Silva Ramos. (Fernandes *et al.*, 2023, p. 64).

> Correspondência recebida, data: **13.02.1866**, de: Antônio Alves Padilha (subdelegado de polícia de Santo Antônio da Patrulha), para: Gervásio Campelo Pires Ferreira (chefe de polícia da província). Descrição: informa que seguem presos, entre eles o **preto Adão**, escravizado de João Antônio da Silva, “que segundo me consta está sendo processado por **crime de ferimentos graves** praticados em **Cima da Serra** deste termo”, e o **mulato Jacinto**, escravizado de Israel de Oliveira Fogaça, “indiciado nos bárbaros **crimes de morte e incêndio** na mulher, família e casa de Florêncio José Pereira (Fernandes *et al.*, 2023, p. 177).

ANNO II — PORTO ALEGRE — Sabbado 22 de agosto de 1885 — N. 190

ESCRIPTORIO
Rua dos Andradas, 291
Num. avulso, 80 rs.
TIRAGEM, 2,000 EXEMPLARES

A FEDERAÇÃO

Federação — unidade

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Centralisação — desmembramento

ASSIGNATURA
Por anno..... 14$000
Por semestre..... 8$000
(Pagamento adiantado
TIRAGEM, 2,000 EXEMPLARES

Director da redacção, JULIO DE CASTILHOS — Gerente da empreza, DIONYSIO PORTO

Celebração das pazes

No meio das festas jubilosas a que n'este momento se entregam ruidosamente os conservadores em todo o imperio, a sua primeira saudação é dirigida A'QUELLE que com a mais profunda sabedoria e com a mais rigorosa imparcialidade exerce as delicadas funcções do poder moderador.

E' a exhibição da conhecida comedia constitucional...

Ainda ha pouco, nas disputas travadas em redor do poder, desvairados pelas paixões de momento, abandonavam os habitos de simulação, declamando fogosamente contra a degeneração do systema e contra a sagrada pessoa.

Ainda ha pouco, arredados das régias graças, viam vicios radicaes na nossa organisação politica, attestavam a existencia do governo absoluto, protestavam com ardor contra o poder intruso e absorvente.

—

Desde que sua magestade os expelliu do exercicio do mando affrontosamente e com o maior menoscabo, romperam as hostilidades do despeito.

No primeiro momento que succedeu á expulsão humilhante, o sr. barão de Cotegipe, hoje o primeiro ministro imperial, deu a nota que devia predominar nos pronunciamentos da opposição que se iniciava.

Leu na tribuna senatorial as cartas em que o imperador, dirigindo-se ao duque de Caxias, aconselhava a retirada do *resto* do ministerio, entrecortando a leitura com phrases de despeito, com commentarios que visavam lançar o ridiculo sobre a inviolavel pessoa régia.

De então por diante, os opposicionistas, de posse da senha, buscaram dar o mais fiel desempenho ao seu papel, não perdendo nenhum ensejo para hostilisar as inversões perigosas e o falseamento do systema representativo e accusar os desmandos do poder supremo.

Os liberaes tinham dado o mais bello exemplo; os adversarios não fizeram mais do que imital-o.

Na tribuna parlamentar e na imprensa elles puzeram-se em evidencia aos olhos de sua magestade, afim de motivarem o regresso ao posto governativo e a restituição das ambicionadas pastas.

—

Sem o intuito de reproduzir aqui n'este momento os principaes artigos do vehementissimo libello conservador, é opportuno, todavia, relembrar os protestos e as accusações que partiram de alguns dos mais conspicuos directores.

Falla na camara o sr. Paulino de Souza:

« *Calmo* e *reflectido*, diante de tal ameaça, vendo o poder moderador prestes a *rasgar* a constituição do Imperio, vendo-o comprometter a causa da monarchia constitucional, declara.... »

O sr. Andrade Figueira, tambem na tribuna parlamentar, depois de fazer as mais asperas referencias ao imperador, lembrou-lhe que na Inglaterra «a um soberano que fez pacto secreto com um ministro cortaram-lhe a cabeça, junctamente com a do ministro; outro soberano viu os seus ministros castigados e teve de ir morrer no exilio. »

Tudo isso o notavel corypheu conservador recordou, porque do que obtemperava no Imperio deduzia conclusões que, «embora repugnem ao seu espirito, são evidentes, isto é, o poder moderador não tem sido um poder neutral com attribuições constitucionaes. »

Um outro conservador, o sr. Francisco Belisario, que na occasião é um grande homem, porque é ministro da fazenda do gabinete recem-nascido, exclamou com tragica indignação no parlamento:

« Eu não posso mais com esta politica de hypocricia que tem dominado no Brazil!»

Será preciso relembrar o que disseram os srs. Ferreira Vianna, o inimigo permanente do poder permanente, Gomes de Castro e outros e outros d'entre os mais illustres?

Ainda estão bem recentes as accusações, as invectivas e os vituperios; não é mister prolongar a enumeração.

—

Hoje as pazes estão feitas; a reconciliação é completa; o ideal da patriotica e moralisadora opposição está realisado; o exercicio do mando lhe pertence.

Por isso mesmo, agora o systema está regenerado e funcciona com uma normalidade exemplarissima; o sr. d. Pedro II é o bom, o justo, o neutro, o sabio, o monarcha sem rival que exerce com um escrupulo inexcedivel, com a mais rigorosa constitucionalidade, as difficeis e delicadas attribuições do poder neutral, do poder moderador.

E o paiz official e o mundo dos pretendentes applaudem a transição brusca dos grandes politicos, *ao raiar a aurora da regeneração nacional*....

Mas o paiz que trabalha, o paiz que pensa, já não mais se illude com as abusões dos desacreditados Aruspices.

Riem-se uns para os outros, no gozo das graças do senhor supremo.

Mas o povo, que de ha muito conhece a farça, tambem ri-se d'elles...

—

Em uma folha do Rio Grande lêmos a seguinte noticia, transmittida de Sant'Anna do Livramento:

« Corre por aqui, com todos os visos de verdade, que um grande senhor, fallecido ultimamente em Hespanha, attestando uma fortuna de 20 milhões de reales (dois mil contos da nossa moeda), deixára a quinta parte d'essa somma ao brigadeiro Isidoro Fernandes de Oliveira, commandante d'esta guarnição e fronteira.

« Accrescenta-se mais que um cavalheiro d'esta cidade seguira recentemente para Montevidéo, com destino á Hespanha, com procuração bastante para receber o legado.

« O facto, pois, pode ser acreditado como verdadeiro.

« A origem d'essa fortuna e a razão d'este legado são um verdadeiro romance, cuja narração prometto logo que tenha conhecimento do desfecho. »

—

No Rio Grande falleceu a sra. d. Florisbella Pereira Rios, esposa do sr. José Lopes Rios.

—

MARINHA

Embarcaram: no encouraçado *Sete de Setembro*, o 1º tenente Francisco Pinto Torres Neves; na flotilha do Amazonas, o official da fazenda de 3ª classe Julio Pinto de Almeida; na canhoneira *Manáos*, o official de fazenda de 2ª cla-se Jovino Pinto Ayres e na canhoneira *Lamego* o de 3ª classe Fabiano Martins da Cruz.

— Para servir na escola n. 1 de aprendizes marinheiros foi nomeado o official de fazenda de 3ª classe Miguel Fortunato de Mello.

— Desembarcou do cruzador *Primeiro de Março* o machinista de 4ª cla-se Francisco de Farias Lemos Junior.

—

Dizem de Lisboa que o rei d. Fernando continúa a experimentar sensiveis melhoras.

A ferida na face não cicatrisou ainda, mas sua magestade está muito animado; come e dorme excellentemente, faz os seus passeios e todos estão convencidos de que ficará em pouco tempo completamente restabelecido.

Foi indeferida a petição de graça do réo Antonio Olindo de Faria Pinheiro, condemnado á perda do emprego, quatro annos de prisão e multa de 20 % da importancia dos valores subtrahidos (grão maximo do art. 146 do codigo criminal); e mais a 4 mezes de prisão e multa correspondente á metade do tempo, além da perda do emprego (grão medio do art. 129, § 9º do mesmo codigo), por acórdão da relação d'esta capital, por crime de prevaricação.

—

Os paquetes da Mala Real Ingleza, que no dia 9 de cada mez sahem de Southampton para o Brazil, tornam a fazer a escala pela Bahia que havia sido suspensa.

Os que sahem a 24 de cada mez, tocarão em Maceió e Santos, além dos portos de antiga escala.

—

Em testamento...

Diz um telegramma da capital do imperio para o *Artista* do Rio Grande:

« O governo já publicou o seu testamento.

« Foram promovidos ao posto de coronel os tenentes-coroneis Francisco Antonio de Moura e Antonio Maria Coelho.

« Foi nomeado para commandar guarnição e fronteira n'essa provincia o brigadeiro José Luiz da Costa Junior.

« O governo concedeu garantia de juros á estrada de ferro de Bagé a Cacequy. »

—

A' representação dos commerciantes de Bagé, pedindo modificação das tarifas da estrada de ferro do sul, deu o ministerio da agricultura o seguinte despacho:

« A' vista das informações do engenheiro fiscal, não tem lugar o que requerem. »

—

Na villa de S. Borja, no 3º districto, foi assassinado o allemão Carlos Wilhaton.

Sobre o facto criminoso diz o *Munibipio*:

« O cadaver foi encontrado de bruços, com 22 ferimentos nas costas; a mão direita separada do braço, sobre a esquerda existia um fundo talho que lhe cortára dois dedos; na nuca havia um talho de cinco pollegadas, tendo offendido até o osso da cabeça, estando esta e o rosto completamente picados, a ponto de não se poderem verificar a extensão e o numero dos ferimentos; sobre o ventre encontrava-se um grande ferimento de tres pollegadas de largura e muito profundo, parecendo n'elle terem introduzido o instrumento e torcido; sobre o lado direito, na caixa do corpo, um ferimento com pollegada e meia de largura e muito profundo; no braço esquerdo dois talhos com tres pollegadas de largura cada uma e meia de profundidade; no braço direito tambem um grande e profundo talho. O cadaver estava degolado.

« Os assassinos furtaram toda a prata que, em arreios, trazia o cavallo em que montava a victima.

« Arrombando as portas da casa de Carlos, roubaram de uma canastra, ali existente, joias de ouro e prata, e todo o dinheiro, que presume-se ser quantia maior de 500$000.

« A esposa do assassinado, uma pobre velha de 60 annos de idade e cega, assistira ao saque de sua habitação, abraçada a dois filhos de tenra idade!

« Das averiguações a que se procederam verificou-se que os assassinos são dois desertores do 3º regimento cavallaria, de nomes Porfirio Amarilho e Polycarpo Ignacio de Souza.

« Crê-se que os sicarios tenham-se internado em Corrientes. »

—

Dá concertos no theatro de Pelotas a *Estudiantina Española Figaro*.

—

As escavações da antiga Sabina de Amiternum, berço de Salustio, deram em resultado a descoberta de um theatro, mostrando as suas galerias semicirculares com assentos de pedra.

Varias pilastras, abobadas e uma escadaria de pedra acham-se já em parte a descoberto, e fazem opposição ao circo, porque, não tendo estado sterradas, soffreram mais os estragos do tempo.

Não longe da cidade descobrio-se tambem uma muralha cyclopica, com uma lapide em que se lê a inscripção *Finis Sabinorum*, limite dos sabinos.

—

O *Gil-Blas* annuncia que Sarah Bernhardt irá ao Rio de Janeiro, em maio de 1886, representar *Theodora*, *Fédora*, *Dama das Camelias* e *Adriana Lecouvreur*. Emprezarios, os srs. Abbey e Schapfol.

ASSASSINATO

Foi assassinada, no 1º districto do termo de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, immediações do lugar denominado *Canella*, a sra. d. Castorina da Silva Dutra, filha do fazendeiro José Ignacio Dutra e esposa do sr. Juvencio Fogaça.

Uma preta, de nome Bibiana, foi a autora do crime, servindo-se de um martello para pratical-o.

O facto criminoso, que se nos affigura envolto em certo mysterio, vem assim descripto na *Reforma* de hoje:

« Achava-se no dia referido em sua casa d. Castorina, acompanhada unicamente da dita preta e de uma sua filhinha (da victima), pois n'esse dia tinha sahido, ainda cedo, para a lida de campo, Juvencio Fogaça. A preta, que, necessariamente, ha muito tempo desejava pôr em pratica a sua pretenção, achando a occasião apropriada para esse fim, por se acharem sós, no momento em que d. Castorina castigava sua filhinha, dirigio-se a ella e com voz aspera lhe disse que não castigasse assim a menina, no que foi attendida. Frustrando-se d'essa fórma o meio que ella julgava acertado para revoltar-se, pois não esperava que fallando asperamente fosse attendida, resolveu, entretanto, a todo o transe, saciar o seu desejo de matal-a, e assim, armando-se de um martello, voltou traiçoeiramente ao lugar onde se achava a victima e com essa arma deu-lhe diversas pancadas na cabeça, até que a prostrou por terra sem sentidos.

« Julgando morta a victima, tratou a fera, pois assim se póde dizer, de apagar do chão os vestigios de sangue e mudar de roupa, que se achava tambem bastante manchada, tanto em si como na victima, o que feito lançou mão da filhinha da victima que, innocente, tudo presenciava, e dirigio-se para o quarto afim de adormecel-a, e quando voltou á varanda depois de ter a creança adormecida, achou já d. Castorina sentada, o que causou-lhe surpreza, e amedrontando se julgou mais acertado agradal-a, offerecendo-lhe agoa e agoardente para banhar a cabeça, o que a victima acceitou e perguntou-lhe n'es-a occasião — porque a havia assim maltratado? respondeu-lhe que por ter surrado sua filhinha, o que, até então, não havia feito. Perguntou-lhe ainda a pobre senhora se não a tinha attendido quando pedio? e que por isso não precisava maltratal-a tanto. A preta banhou de facto a cabeça da senhora, e depois de o ter feito armou-se novamente da sua arma predilecta e de um canivete e com o mesmo cuidado que havia tido a primeira vez para não ser presentida, arremessou-se sobre d. Castorina e deu-lhe outras tantas pancadas e canivetadas sobre o craneo, derribando-a outra vez quasi morta, e voltou a apagar os vestigios de sangue que haviam, como já tinha feito a primeira vez. Depois de já ter feito esta operação, arrastou a victima para a cosinha e atirou a sobre o fogo. Esta, que ainda se achava com vida, ao sentir-se queimar, tentava fugir do fogo que se achava ateado, mas o seu algoz mais a apertava contra o fogo, até que a julgou morta, pois só, como signal de vida, raras vezes abria a boeca. Fugio então de perto da victima e agarrando a filhinha d'esta dirigio-se á casa de seu ex-senhor Dutra, afim de dar a noticia e pedir soccorro para a filha d'este que, sendo na sua opinião accommettida de um *ataque*, havia cahido sobre o fogo, queimando-se muito, o que só havia visto quando voltára da fonte onde se achava lavando. A martyr d'aquella fera, vendo-se livre da pressão que sobre ella fazia o seu algoz, pôde afastar-se do fogo, e cobrando os sentidos, agarrou-se pelas paredes e foi para o seu quarto, onde fechou-se e deitou-se em sua cama.

« Passado algum tempo, cujo periodo não póde a victima precisar, vio ella que forçavam a porta de seu quarto e immenso foi o seu contentamento quando vio entrar seu marido, pois esperava ainda um terceiro ataque, e diversas pessoas de sua familia.

« O pai da victima, logo que chegou, confessou a referida sua escrava em vista do estado e declaração de sua filha, que narrou o facto como se havia dado, e por ella foi tudo confessado.

« Tendo immediatamente conhecimento do facto o juiz municipal, primeiro supplente em exercicio, capitão Bento Soares de Oliveira, fez para ali se dirigir o delegado de policia, que procedeu a auto de corpo de delicto e de perguntas á offendida e ao inquerito policial, que teve o destino recommendado por lei.

« D. Castorina falleceu no dia seguinte.

« A criminosa acha-se recolhida á cadêa civil d'aquelle termo.

« Prosegue-se na formação da culpa. »

Echo das camaras

Sessão de 7 — Longo tempo foi consumido na camara com a discussão de um projecto e emendas concedendo licença a varios magistrados e outros funccionarios publicos.

O sr. Candido d'Oliveira não deixou passar sem protesto o abuso de licenciamentos injustificaveis, e, depois de censurar a demora da discussão dos orçamentos, requereu que o projecto e emendas fossem á respectiva commissão para emittir parecer.

Depois de fallarem diversos deputados, uns a favor, outros contra, foi o requerimento regeitado.

Soffra o serviço publico, mas respeitem-se os justos desejos dos funccionarios que querem folgar á custa do orçamento: tal é o lemma dos grupos partidarios.

Seguiu-se a interpellação do sr. José Mariano relativa aos impostos de importação votados inconstitucionalmente pela assembléa legislativa de Pernambuco.

O intuito do interpellante era saber a opinião do sr. Saraiva sobre o assumpto, isto é, si julgava ou não inconstitucionaes os impostos creados e si no primeiro caso pretendia conserval-os.

O sr. José Mariano desenvolveu os artigos da interpellação; mas antes d'isso aproveitou o ensejo para apreciar a situação politica e a attitude do sr. Saraiva.

Considerando o caracter e os effeitos da reforma eleitoral, bem como o modo pelo qual continúa a funccionar o nosso regimen policó, o digno deputado exprimiu-se com esta louvavel franqueza:

« Reconhece o orador a anciedade do nobre presidente do conselho pela passagem triumphante da lei emancipadora ou abolicionista, como a qualificou, ainda que lhe pareça que será tão infeliz com esta como foi com a lei eleitoral.

« S. ex. não deu ao paiz o voto livre, e a prova será dada quando presidir ao pleito eleitoral um governo que não tenha escrupulos dos poderes de que a lei o não despojou. O nobre presidente do conselho modificou o systema de voto indirecto para o directo, mas não concluio a sua reforma. A corôa continuou imperando em todas as relações sociaes, o senado ainda é vitalicio e a camara dos deputados continúa a ser a camara de aspirantes ao senado. N'estas condições, não se póde esperar dos homens públicos, a responsabilidade e a franqueza que devem ter para com a nação. O poder moderador continúa a ser a cornucopia de todos os favores, chegando a influencia irresponsavel ao ponto de tirar a responsabilidade dos homens politicos. Presidentes de provincia, altos funccionarios só se preoccupam do que d'elles póde pensar o imperador.

« O nobre presidente do conselho deu ao paiz o voto directo; mas deixou de pé todas as instituições absorventes e corruptoras que se prestam aos manejos do poder executivo. A magistratura continúa dependente do governo, e a administração continúa centralisadora na policia, nas finanças, em tudo.

« Por ora os governos não têm intervindo no pleito eleitoral, e tanto na primeira como na segunda eleição, foram eleitos muitos adversarios da situação; mas venha um governo que intervenha, e vêr-se-ha quaes as garantias da lei eleitoral. O partido conservador, que não tem maioria no paiz, que é impopular e que aggrava a sua impopularidade pela posição que assumiu na camara, o mostrará. »

Logica é o que falta ao sr. José Mariano, que reconhece e confessa tudo isso, mas não deixa de ser um monarchista que vai servindo com o seu apoio o systema vicioso por tal fórma condemnado.

Respondeu-lhe o sr. Saraiva com o seu costumado lacenismo, dizendo que tambem julgava inconstitucionaes os impostos e que sobre a materia resolveria em conferencia ministerial.

Não previa que estava proximo o prematuro passamento do immortal gabinete...

— No senado, proseguiu a discussão do projecto sobre marcas de fabricas, sendo votado o art. 11 assim concebido:

« O registro das marcas prevalecerá para todos os seus effeitos por 15 annos, findos os quaes deverá ser renovado e assim por diante. »

Foi votada tambem a seguinte emenda additiva:

« O registro se considerará sem vigor, si dentro do praso de 3 annos o dono da marca registrada não fizer uso d'ella. »

Discutiram-se depois outros artigos, ficando adiada a votação.

Sessão de 8. Entrou em 3ª discussão na camara o projecto Saraiva.

Correspondência recebida, data: **04.03.1866**, de: Luciano Valim de Azevedo (subdelegado 2º suplente de **São Francisco de Paula de Cima da Serra**), para: chefe de polícia da província. Descrição: informa que no dia 28.06.1866 a **crioula Roberta**, escravizada de dona Maria Fogaça Trindade, **degolou um seu filho** de dois anos de idade (José) e depois tentou **suicidar-se** (Fernandes *et al.*, 2023, p. 177).

Nome: **Pedro**, naturalidade: **São Francisco de Paula**, idade: 44 anos, cor: preta, meios de vida ou profissão: campeiro, Se livre ou escravizado: escravizado, tempo da prisão: um ano, natureza do crime: **insurreição**, Por que ordem está preso: Coronel Comandante Superior (Fernandes *et al.*, 2023, p. 392).

Termo de perguntas a Fidêncio Rodrigues da Silva – **31.03.1854** – natural desta província, 27 anos, solteiro, filho de Constantino, reside em **Cima da Serra**, sabe ler e escrever. Requereu a entrega do **preto Mateus**, escravizado de seu pai Constantino. Seu pai mandou comprar este preto no Rio de Janeiro, "donde lhe veio ainda pequeno, tanto que o mandou batizar em casa, e que tem os seguintes sinais particulares: **cicatrizes de açoites que levou** e de um castigo que lhe foi aplicado, estando doente". Mateus ausentou-se de seu senhor a dois anos e o conhecem os soldados da Companhia de Inválidos Diogo Raimundo e Raimundo Pires Nunes de Brito (Fernandes *et al.*, 2023, p. 483).

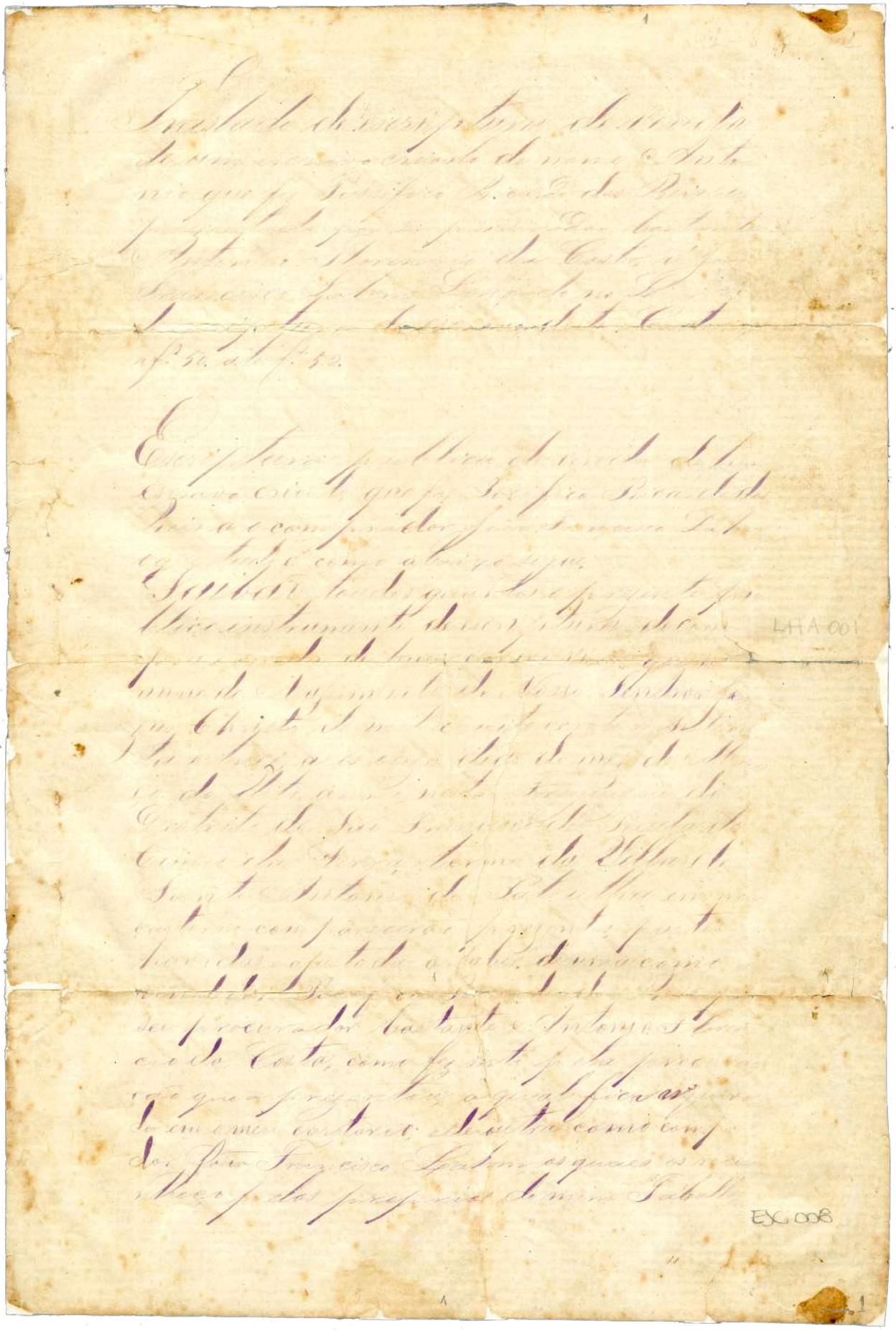
Correspondência recebida, Secretaria de Polícia de Santa Catarina, **17.04.1858**, para: chefe de polícia do RS, de: Antônio Ladislau de Figueiredo Rocha (chefe de polícia de Santa Catarina). Descrição: Informa que **se evadiu** no dia 10 do corrente da cadeia desta capital o **preto Adão**, condenado a galés, sendo a fuga auxiliada por Félix Maria de Noronha, que fora seu senhor e é de se presumir que se dirija para a Fazenda de Jacinto José Ferreira, na freguesia de **São Francisco de Paula de Cima da Serra**, "por haver entre este e o referido Noronha relações de íntima amizade", ou para a fazenda de seu irmão José Ferreira, no distrito das Vacaria; Sinais – Adão – africano, "porém fala desembaraçado como se fora crioulo"; 36 anos, estatura regular, rosto comprido, testa alta, olhos pequenos, nariz chato, beiços regulares, barba serrada, cor retinta,

ofício: foi marinheiro e agora trabalhava bem de sapateiro (Fernandes *et al.*, 2023, p. 499).

Correspondência recebida, Secretaria de Polícia em Porto Alegre, **26.06.1863**, para: Esperidião Elói de Barros Pimentel (presidente da província do RS); de: Dario Rafael Callado (chefe de polícia do RS). Descrição: Participações – No dia 21 do corrente, no distrito de **São Francisco de Paula de Cima da Serra**, foi encontrado **morto dentro da cozinha** da casa de Porfírio José Damasceno o seu escravizado **Raimundo**, que tomava conta da dita casa na ausência de seu senhor – "o cadáver desse preto já velho, foi achado com **4 ferimentos na cabeça**, estando perto uma mão de pilão ensanguentada e o corpo sem pernas, tendo uma sido queimada e a outra comida pelos cães, jazendo no terreiro da mesma casa o pé esquerdo do mesmo preto"; o subdelegado estava doente e passou os autos ao delegado de polícia, sendo preso como autor do crime Manoel da Silva Coral, vulgo Manoelito (Fernandes *et al.*, p. 547).

Correspondência recebida, Secretaria de Polícia em Porto Alegre, **19.10.1867**, para: Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo (presidente da província do RS); de: Gervásio Campelo Pires Ferreira (chefe de polícia do RS). Descrição: Participações – "No dia 15 de agosto findo, no distrito de **São Francisco de Cima da Serra**, estando derrubando uma árvore o **preto Adão**, escravo de Joaquim Pereira Soares, no ato de cair a dita árvore foi o dito escravo **ferido na cabeça**, do que lhe **resultou logo a morte**". O subdelegado procedeu a vistoria, e fazia as precisas indagações para reconhecer se havia crime nesse fato (Fernandes *et al.*, 2023, p. 597).

Outros dois documentos de época, do acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul, também tratam do tema e são, até então, menos conhecidos, ainda não reproduzidos em publicações. Um dos itens é um registro de venda do escravizado Antonio, ocorrido no distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra, no ano de 1873. Transcrevemos o documento integralmente (mantida a grafia da época):



Uma das páginas do registro de venda de um escravo em São Francisco de Paula.
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Traslado de escriptura de venda de hum escravo crioulo de nome Antonio que faz Passifico [Pacífico] Ricardo dos Reis representado por seu procurador bastante Antonio Florencio da Costa a João Francisco Lahm. Lançado no livro de registros de escravos deste Cartório a fls. 50 até fls. 52.

Escriptura publica de venda de hum escravo crioulo que faz Pacifico Ricardo dos Reis ao comprador João Francisco Lahm o que é tudo como abaixo segue:

Saibão todos quantos o presente publico instrumento de escriptura [ilegível] anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oitocentos e setenta e três, aos onze dias do mes de Março do dito anno nesta Freguesia do Distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra, termo da Villa de Santo Antonio da Patrulha em meu cartório comparecerão prezentes partes havidas e ajustada a saber de uma como vendedor Pacifico Ricardo dos Reis seu procurador bastante Antonio Florencio da Costa, como fez [ilegível] pela procuração que apresentou, a qual fica arquiva da em meu cartório e de outra como comprador João Francisco Lahm, os quaes os reconheço pelos próprios de mim Tabellião e das duas testemunhas a diante nomeadas e assignadas do que dou fé, sendo o vendedor morador na Cidade de Curitiba, Provincia do Paraná, e o comprador morador neste Distrito de Cima da Serra e por [ilegível] presença das testemunhas abaixo assignadas me foi dito que era Senhor e possuidor de um escravo crioulo de nome Antonio de idade vinte e seis annos mais ou menos solteiro e campeiro, cujo escravo houve por falecimento de seus maiores, cujo escravo faz venda delle ao comprador João Francisco Lahm pelo preço e quantia de um conto e duzentos mil reis, que já recebeu da mão do comprador em moeda corrente e por estar pago e satisfeito dá o mesmo comprador plena e geral quitação da referida quantia obrigando-se a fazer a prezente venda tão firme e valioza e [ilegível] de qualquer dúvida que por ventura possa aparecer, porque dita venda a faz de muito livre vontade sem constrangimento de pessoa alguma, podendo o comprador gozar e desfrutar do dito escravo como seu que será de ora em diante em virtude da presente escriptura. Pelo

comprador foi me dito perante as mesmas testemunhas que era verdade tendo o allegado pelo vendedor que é reprezentado por seu procurador legitimo, porque assim o tratarão e realizarão a dita venda, conformando-se com com a prezente escriptura e logo me aprezentarão o bilhete de meia siza e a matricula do referido escravo que em nome delle vendedor forão extrahidos na Colletoria deste termo da Villa de Santo Antonio da Patrulha, como tudo abaixo segue. Meia siza – Anno financeiro de mil oitocentos e setenta e trez – A folhas duas do livro de receita fica lançado em debito ao atual colletor a quantia de sessenta mil reis que pagou o Senhor João Francisco Lahm em vinte de Fevereiro do dito anno, de meia siza correspondente [ilegível] conto e duzentos mil reis, por que comprou a Pacifico Ricardo dos Reis, um escravo crioulo de nome Antonio de vinte e seis annos de idade mais ou menos, cuja meia siza é taxa fixa de Sessenta mil reis. Colletoria de Santo Antonio, vinte de fevereiro de mil e oitocentos e setenta e três. O Colletor Julio Soares. O Escrivão João José Benfica. O Cheffe de Secção Eduardo Alves Ribeiro. Estava o sello de estampilhas de dois mil reis inutilizado na forma seguinte. Santo Antonio, vinte de fevereiro de mil e oitocentos e setenta e trez.

O Escrivão do Sello João José Bemfica. Declaração da matricula. Número na matricula mil e cento e trez, na relação [ilegível].

Antonio escravo de Pacifico Ricardo dos Reis com vinte cinco annos solteiro, Brazileiro, cor preta, campeiro. E assim justos e concordes mutuamente aceitarão a prezente escriptura e assignarão. Digo que sendo-lhes lida por mim a aceitarão e assignarão com as testemunhas prezentes, Lucio José Ribeiro e Bernardino Neves da Rocha perante mim Manoel Vicente Ferreira Tabellião deste Destrito da Freguezia de São Francisco de Paula de Cima da Serra que o escrevi e assigno em publico e razo do que dou fé. Como procurador do vendedor Pacifico Ricardo dos Reis. Antonio Florencio da Costa. João Francisco Lahm. Lucio José Ribeiro. Bernardino Neves da Rocha. Em testemunho estava o signal publico da verdade. O Tabellião Manoel Vicente Ferreira.

Nada mais se continha na dita escriptura e com o theor do próprio original, este aqui bem e fielmente subscrevi e conferido por mim

Manoel Vicente Ferreira Tabellião deste Districto de São Francisco de Paula de Cima da Serra, que assigno em publico e razo, aos trez dias do mez de Junho de mil oitocentos setenta e trez, nesta Freguezia de Cima da Serra de São Francisco de Paula.

Em test.o [testemunho] de Verd.e [Verdade] O Tabelião Manoel Vicente Ferreira [rubrica]

[Abaixo, colados ao papel, há dois selos fiscais verdes do "Império do Brasil" com a efígie do Imperador D. Pedro II. O da esquerda tem o valor de 400 réis e o da direita 200 réis. Para inutilizá-los (evitando reuso), o tabelião escreveu sobre e ao lado deles a seguinte data e assinatura:]

Cima da Serra, 3 de Junho de 1873

O Tab.am [Tabelião] Manoel Vicente Ferreira [rubrica] (AHMJSA, 1873).

O segundo documento desse mesmo acervo é de uma correspondência endereçada ao engenheiro-chefe da Comissão de Medição de Lotes, sediada na vila de Santa Tereza de Caxias (atual Caxias do Sul), e órgão responsável pela demarcação e registro de terras para os recém-vindos imigrantes europeus. O autor do documento reclama à autoridade sobre uma invasão a áreas de sua propriedade por um grupo de colonos (imigrantes), reiterando não ter cedido as terras para esse uso. Embora a correspondência não aluda diretamente à presença negra no território de São Francisco de Paula, o item ilustra o período do final da escravidão, com a substituição do trabalho escravo pelo trabalhador livre. O documento é datado de 10 de maio de 1888, três dias antes da assinatura da Lei Áurea (que declarou extinta a escravidão no Brasil), e o autor da correspondência termina dizendo em sua reclamação a preocupação com aquela nova realidade (mantida a grafia):

Tenho a honra de responder o officio que V. Sa. dignou-se dirigir-me com data de 1º do corrente com ordem de fallar sobre o que diz a Inspectoria Especial de Terras e Colonisação no officio que por cópia acompanhou aquelle de V. Sa., e o faço pela maneira

seguinte:

Diz no dito officio por copia o Ilmo. Sr. Dr. Manoel Barata Goes que estranhava o meu pedido, visto ter eu cedido gratuitamente as terras em que foram medidos os 11 lotes, tanto que eu, tendo sciencia da medição, não fiz reclamação alguma contra ela.

Cumpre-me dizer que o Ilmo. Sr. Inspector mal comprehendeu-me nas diversas vezes que o procurei para fazer retirar aquelles colonos das terras em questão; respeitosamente lembro que até vi-me na contingencia de recorrer à intervenção de amigos communs nesse sentido.

Eu não podia ceder gratuitamente, como não cedi, essas terras, estando ellas proindivisas [em copropriedade] e na posse commum dos herdeiros, dando-se ainda o facto de ser interessado n'ellas um orfão.

À V. Sª. mesmo, logo que assumiu a chefia da commissão de medição de lotes em Caxias, dirigi-me e expuz o facto, dignando-se V. Sª. responder-me não estar em suas mãos remediar o mal. E se há mais tempo não pedi justiça ao Governo foi pelas razões expostas no meu requerimento e também porque aguardava a divisão judicial da fazenda, que acaba de dar-se, afim de saber ao certo que extensão fora invadida, e o que mais convinha fazer a bem de todos os herdeiros.

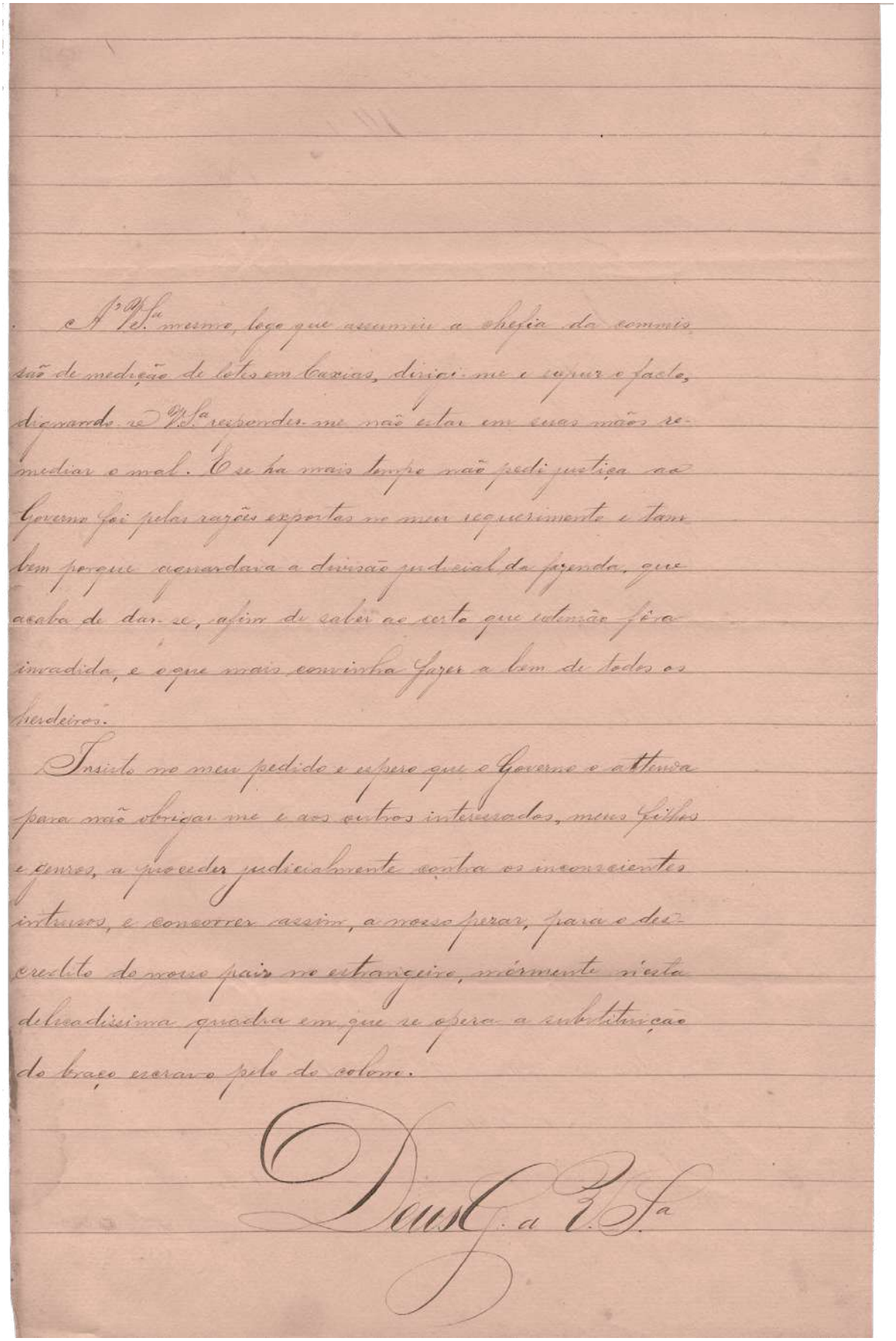
Insisto no meu pedido e espero que o Governo o attenda para não obrigar-me e aos outros interessados, meus filhos e genros, a proceder judicialmente contra os inconscientes intrusos, e concorrer assim, a nosso pezar, para o descredito de nosso paiz no estrangeiro, mormente n'esta delicadíssima quadra em que se opera a substituição do braço escravo pelo do colono.

Deus G. a V. Sa. (Deus Guarde a Vossa Senhoria).

Ilmo. Sr. Dr. Henrique Christino da Silva Guerra

M. D. Engenheiro Chefe da Commissão de medição de lotes em S. Thereza de Caxias.

S. Francisco de Paula de Cima da Serra, 10 de Maio de 1888. (AHMJSA, 1888).



Uma das páginas da correspondência de um proprietário de terras em São Francisco de Paula ao engenheiro-chefe da Comissão de Medição de Lotes. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Mudanças territoriais e administrativas

A extensão territorial do município de São Francisco de Paula determinou que inúmeros fossem os caminhos abertos para serem percorridos. Como resultado desses percursos, surgiram subdivisões territoriais e administrativas que, ao longo do tempo, também sofreram alterações, apresentadas nos quadros a seguir:

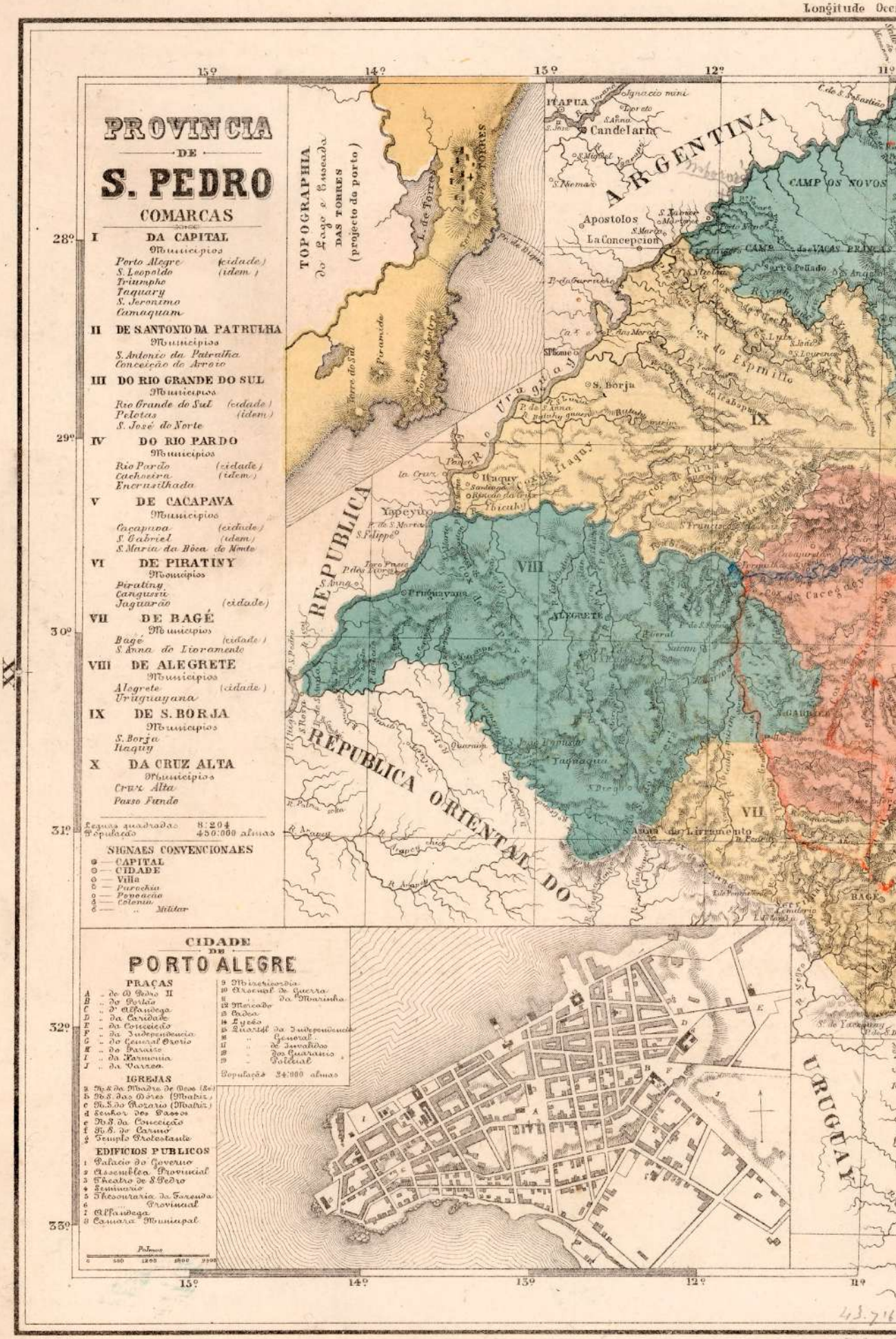
Lei	Data	Evento	Observações
Ato Municipal n.º 69	1/07/1911	Criados os distritos de Fazenda Souza e João Pessoa e anexados ao município de São Francisco de Paula de Cima da Serra	Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 7 distritos: São Francisco de Paula de Cima da Serra, Campo Bom, Criúva, Fazenda Souza, Lageado, João Pessoa e São Marcos.
Ato Municipal n.º 112	25/01/1916	Criado o distrito de Vista Alegre e anexado ao município de São Francisco de Paula de Cima da Serra	-
Recenseamento geral	1/9/1920	Constituído de 8 distritos: São Francisco de Paula, Campo Bom, Criúva, Fazenda Souza, João Pessoa, Lageado, Colônia São Marcos (ex-São Marcos) e Vista Alegre	Figura como município denominado São Francisco de Paula
Ato Municipal n.º 42	18/10/1922	Criado o distrito de Tainhas e anexado ao município de São Francisco de Paula	-
Ato Municipal n.º 43	31/12/1932	Criado o distrito de Salto e anexado ao município de São Francisco de Paula	Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 9 distritos: São Francisco de Paula, Campo Bom, Capela do Lageado (ex-Lageado), Criúva, Fazenda Souza, João Pessoa, Salto, Tainhas e Vista Alegre.

Lei	Data	Evento	Observações
Divisões territoriais	31/12/1936 e 31/12/1937	-	O município é constituído de 8 distritos: São Francisco de Paula, Campo Bom, Capela do Lageado (ex-Lageado), Criúva, João Pessoa, Salto, Tainhas e Vista Alegre.

Criação de Distritos (1911 – 1937). Fonte: Dados do IBGE, adaptados por Eliana Gasparini Xerri.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o município apresentou diversas modificações em sua estrutura administrativa. Distritos foram criados, desmembrados ou transferidos para outras municipalidades. Essas mudanças refletem processos mais amplos de reorganização territorial ocorridos no Brasil durante a transição do período imperial para o regime republicano. De acordo com o IBGE, “Distritos são unidades administrativas internas aos Municípios. Sua criação, organização ou supressão se faz por leis municipais, observada a legislação estadual”. Entende-se que a área extensa de São Francisco de Paula teve, com a criação dos distritos, maior governança sobre o território, articulando as necessidades de cada unidade.

Essas transformações, que foram se alternando nas décadas seguintes, evidenciam que o território municipal não é estático. Pelo contrário, ele se modifica de acordo com necessidades políticas, administrativas e econômicas de cada período histórico. Assim, a tabela abaixo demonstra que as mudanças estruturais e as organizações dos espaços foram alteradas nas décadas de 1940 e 1950, visando a adequações político-administrativas com anexações e desmembramento de áreas. Cabe observar que modificações nem sempre foram acompanhadas de aceitação unânime dos moradores locais.


PROVINCIA
DE
S. PEDRO
COMARCAS
I DA CAPITAL
Municipios
Porto Alegre (cidade)
S. Leopoldo (idem)
Triumpho
Taquary
S. Jeronimo
Camaquam
II DE SANTONIO DA PATRULHA
Municipios
S. Antonio da Patrulha
Conceição do Arroio
III DO RIO GRANDE DO SUL
Municipios
Rio Grande do Sul (cidade)
Pelotas (idem)
S. José do Norte
IV DO RIO PARDO
Municipios
Rio Pardo (cidade)
Cachoeira (idem)
Encruzilhada
V DE CACAPAVA
Municipios
Cacapava (cidade)
S. Gabriel (idem)
S. Maria da Bôca de Monte
VI DE PIRATINY
Municipios
Piratiny
Cangussu
Jaguarão (cidade)
VII DE BAGÉ
Municipios
Bagé (cidade)
S. Anna do Livramento
VIII DE ALEGRETE
Municipios
Alegrete (cidade)
Uruguayana
IX DE S. BORJA
Municipios
S. Borja
Itaquy
X DA CRUZ ALTA
Municipios
Cruz Alta
Passo Fundo
Leguas quadradas 8:204
Populado 450:000 almas
SIGNAES CONVENCIONAES
CAPITAL
CIDADE
Villa
Parochia
Povoação
Colonia
.. Militar
TOPOGRAPHIA
do Lago e Lagoa
DAS TORRES
(projecto do porto)
ARGENTINA
REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY
CAMPOS NOVOS
CAMPOS DE VACAS PRINCIPAES
Candelaria
Apostolos
La Concepcion
S. Borja
Uruguay
Cruz Alta
Ypeyu
Piratiny
ALEGRETE
Taquaqua
Cacequy
BAGÉ
Asseca de Livramento
Rio Pardo
Cachoeira
Encruzilhada
Cacapava
VIII
IX
VII
CIDADE
DE
PORTO ALEGRE
PRAÇAS
A .. de D. Pedro II
B .. Da Polvora
C .. D' Alfandega
D .. da Caridade
E .. da Conceição
F .. da Independencia
G .. do General Osorio
H .. do Paraiso
I .. da Harmonia
J .. da Varzea
IGREJAS
a N. S. da Madre de Deos (Ex.)
b N. S. dos Dores (Matriz)
c N. S. do Rozario (Matriz)
d Senhor dos Passos
e N. S. da Conceição
f N. S. do Carmo
g Templo Protestante
EDIFICIOS PUBLICOS
1 Palacio do Governo
2 Assembléa Provincial
3 Theatro de S. Pedro
4 Seminario
5 Thesouraria da Fazenda Provincial
6 Alfandega
7 Camara Municipal
8 Misericordia
10 Arsenal de Guerra
11 .. da Marinha
12 Mercado
13 Cadea
14 Lyceo
15 Quartel da Independencia
16 .. General
17 .. de Infantaria
18 .. do Guarany
19 .. Policial
Populações 24:000 almas
Palmos
0 500 1200 1800 2398
15º
14º
13º
12º
11º
28º
29º
30º
31º
32º
33º
XV

43.716

54°716



O então distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra no mapa da Província de São Pedro. Pode-se perceber a grande extensão da Comarca de Santo Antônio da Patrulha e dos dois municípios por ela abarcados. Fonte: Atlas do Império do Brasil, 1868. Acervo: IMHC-UCS.

Lei	Data	Evento	Observações
-	Período de 1939-1943	-	O município é constituído de 6 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira (ex-Capela do Lajeado), Chapéu (ex-Vista Alegre), Criúva, Salto e Tainhas, subdividido em 2 zonas denominadas Tainhas e Cambará (ex-Campo Bom).
Decreto Estadual n.º 7.842	30/06/1939	Distrito de Sêca (ex-João Pessoa) foi transferido do município de São Francisco de Paula para Caxias	Confirmado pelo Decreto-lei Federal n.º 1.307, de 31/05/1939
-	Período de 1944-1948	-	O município é constituído de 6 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira, Criúva, Eletra (ex-Salto), Jaquirana (ex-Chapéu) e Tainhas.
Lei Municipal n.º 117	10/05/1950	Criados os distritos de Juá, Oliva e Rincão dos Kroeff e anexados ao município de São Francisco de Paula	Em divisão territorial datada de 1/07/1950, o município é constituído de 9 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira, Criúva, Eletra, Jaquirana, Juá, Oliva, Rincão dos Kroeff e Tainhas.
Lei Municipal n.º 134	21/10/1950	Criado o distrito de Cambará com território desmembrado do distrito de Tainha e anexado ao município de São Francisco de Paula	-
Lei Municipal n.º 246	20/10/1953	Criado o distrito de Chapada (ex-povoado) e anexado ao município de São Francisco de Paula	

Lei	Data	Evento	Observações
Lei Estadual n.º 2.532	15/12/1954	Transferido o distrito de Oliva do município de São Francisco de Paula para Caxias do Sul (ex-Caxias)	Em divisão territorial datada de 1/07/1955, o município é constituído de 10 distritos: São Francisco de Paula, Cambará, Cazuza Ferreira, Chapada, Criúva, Eletra, Jaquirana, Juá, Rincão dos Kroeff e Tainhas.
Lei Municipal n.º 332	24/11/1956	Criado o distrito de Oswaldo Kroeff (ex-povoado) e anexado ao município de São Francisco de Paula	
-	1/7/1960	-	Em divisão territorial datada de 1/7/1960, o município é constituído de 11 distritos: São Francisco de Paula, Cambará, Cazuza Ferreira, Chapada, Eletra, Jaquirana, Juá, Oswaldo Kroeff, Padilha, Rincão dos Kroeff e Tainhas.

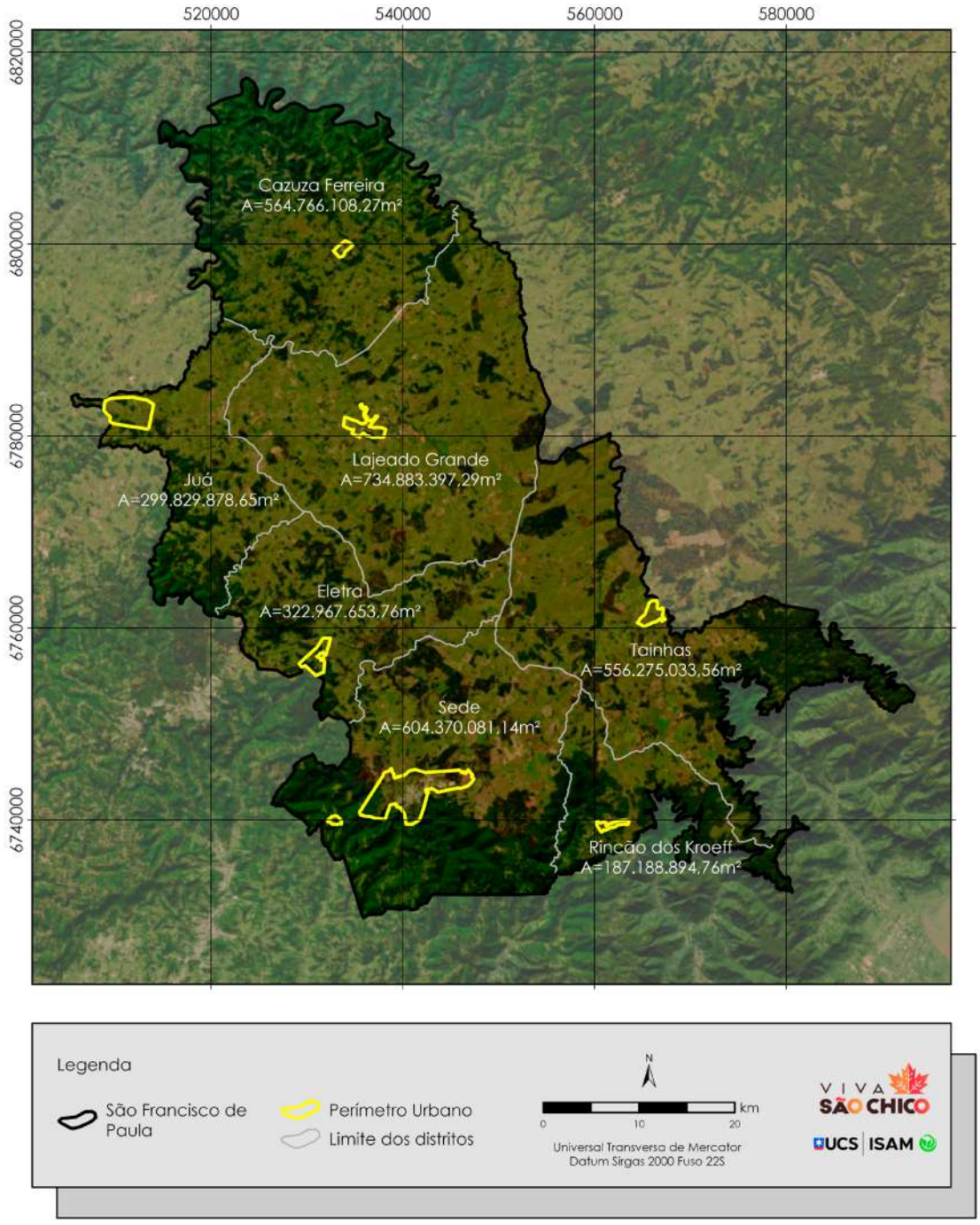
Anexações e desmembramentos (1943 – 1956). Fonte: Dados do IBGE, adaptados por Eliana Gasparini Xerri.

Outras alterações ocorreram no período entre os anos de 1960 e 2010.

Lei	Data	Evento	Observações
Lei Estadual n.º 4.678	20/12/1963	Desmembrado do município de São Francisco de Paula o distrito de Cambará	
-	31/12/1963	-	Em divisão territorial datada de 31/12/1963, o município é constituído de 9 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira, Chapada, Eletra, Jaquirana, Juá, Padilha, Rincão dos Kroeff e Tainhas.
Lei Municipal n.º 655	12/12/1968	Criado o distrito de Lajeado Grande e anexado ao município de São Francisco de Paula	-
-	1/1/1979	-	Em divisão territorial datada de 1/1/1979, o município é constituído de 9 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira, Chapada, Eletra, Jaquirana, Juá, Lajeado Grande, Rincão dos Kroeff e Tainhas.
Lei Estadual n.º 8.457	8/12/1987	Alteração em seus limites	
Lei Estadual n.º 9.016	11/01/1990	Desmembrados do município de São Francisco de Paula os distritos de Jaquirana e Chapada, para constituir o novo município de Jaquirana	-
-	1995	-	Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído de 7 distritos: São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira, Eletra, Juá, Lajeado Grande, Rincão dos Kroeff e Tainhas. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alterações ocorridas entre 1963 e 2007. Fonte: Dados do IBGE, adaptados por Eliana Gasparini Xerri.

Com a atual formação geográfica do município, retomam-se aspectos narrados pelos munícipes entrevistados, os quais caracterizam historicamente o local, complementando dados com a bibliografia consultada. Dessa forma, o amálgama surgido da história oral e da bibliografia possibilita refletir sobre São Francisco de Paula.



Os atuais distritos de São Francisco de Paula e área territorial. Fonte: IBGE, 2024 (limite dos municípios e estaduais) e Prefeitura de São Francisco de Paula (demais limites).

Economia e práticas em memórias

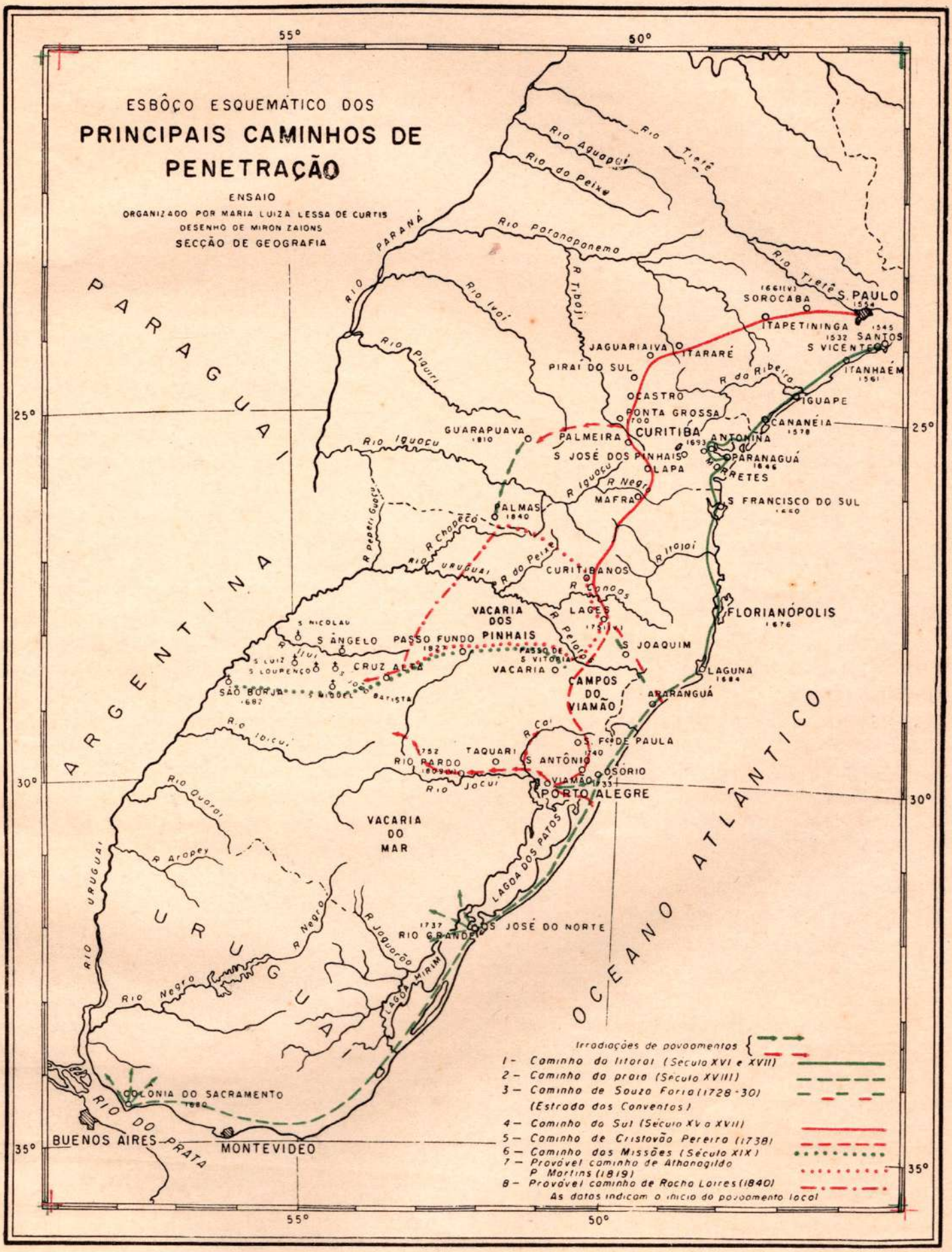
A origem de São Francisco de Paula está relacionada ao ciclo do tropeirismo, atividade econômica e social que marcou grande parte da história do Sul do Brasil.

Os tropeiros percorriam longas distâncias conduzindo tropas de animais entre o Rio Grande do Sul e o Sudeste do país. Ao longo desses trajetos, diversos pontos de parada foram se consolidando como locais de descanso, comércio e abastecimento. Entre eles, estava o território que viria a se tornar São Francisco de Paula. Alguns dos caminhos já haviam sido utilizados anteriormente por povos indígenas, missionários jesuítas e bandeirantes, outros foram sendo abertos pelos próprios tropeiros.

Com o desenvolvimento do tropeirismo, os caminhos passaram a integrar redes comerciais que ligavam diferentes regiões do Brasil. Nesses pontos de parada, circulavam não apenas animais, mas também produtos, como erva-mate, vinho, rapaduras e aguardente. Além das trocas econômicas, o tropeirismo promoveu intercâmbios culturais e sociais, criando vínculos entre diferentes regiões do país.

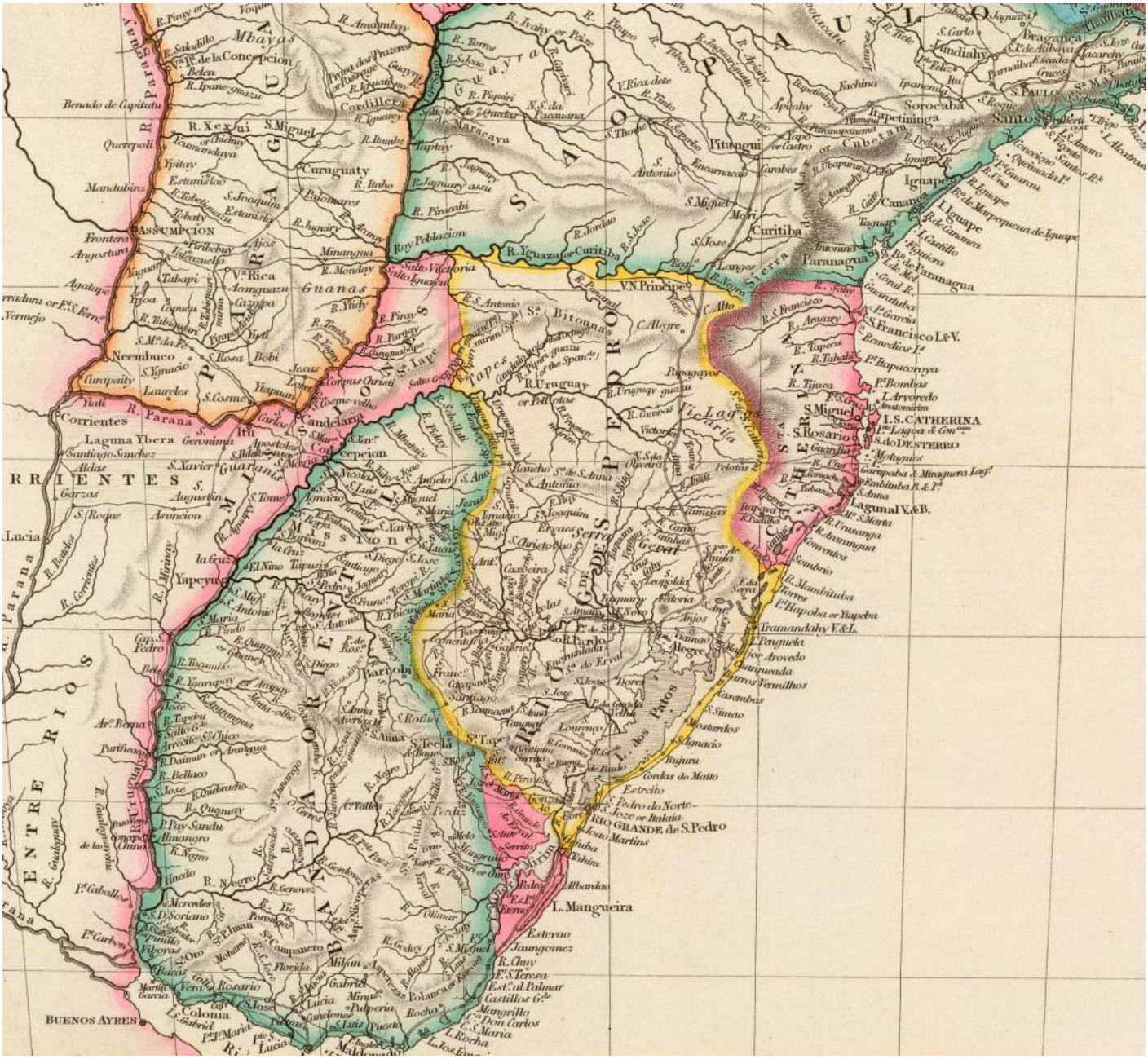
Em esboço esquemático dos principais caminhos de penetração e povoamento no estado do Rio Grande do Sul, elaborado pela geógrafa Maria Luiza Lessa De Curtis (1964), é possível observar a rota de tropeiros iniciada no século XVIII, que configurou a estrada conhecida como “Caminho de Cristóvão Pereira”, cuja trajetória passava pelo território que hoje compreende o município de São Francisco de Paula. O roteiro tinha como objetivo alcançar rebanhos de gado, reunidos em uma vacaria criada pelos jesuítas. Conforme a autora:

> Em 1738, Cristóvão Pereira abre a estrada que, de Lajes, penetra o Rio Grande do Sul pela região serrana, atravessando o passo de Santa Vitória, no Rio Pelotas, alcançando as pastarias infindá-



Fonte: CURTIS, Maria Luiza Lessa. Povoamento do Rio Grande do Sul. Boletim Geográfico do RS. Porto Alegre, ano VIII, n. 13, 1964. Acervo: IMHC-UCS (Fundo LTM, código 560).

veis das vacarias gaúchas, onde os jesuítas haviam fundado um outro depósito de gado, como reserva para as suas reduções (as Vacarias dos Pinhais). [...] Os tropeiros passam a animar com seu movimento a região serrana, de onde desciam por São Francisco de Paula e Santo Antônio da Patrulha, em direção ao Viamão e daí buscavam o Guaíba, esgalhando-se: parte expandia-se costeando a Lagoa dos Patos, em direção ao Prata, e outra subia o vale do Guaíba, rumo ao Rio Pardo (Curtis, 1964, p. 35).



Detalhe do mapa "Brazil", de John Arrowsmith, datado de 1844. Em linha, o caminho das tropas ligado a S. F. de Paula. Fonte: David Rumsey Historical Map Collection.

A história econômica de São Chico também se constrói nas memórias familiares. Muitas das atividades que sustentaram a região nasceram de saberes transmitidos entre gerações, como recorda Maria Eduarda da Silva Comin Teixeira ao falar de seu avô, que era seleiro: “O meu avô era seleiro, ele utilizava todo o couro do abate do gado, e fazia material com o couro, e ele sabia o tingimento, que tinha aprendido com o pai dele”.

Em outras famílias, as atividades profissionais se manifestavam na diversidade de ofícios. Iva da Silva, por exemplo, recorda que seu pai e seu avô eram carpinteiros, mas também se dedicaram a outros negócios. Em determinado momento, chegaram a montar a primeira fábrica de cerveja da vila. O empreendimento não durou muito tempo, pois, como ela mesma diz, o pai mudava frequentemente de atividade.



Iva da Silva mantém em sua residência um pequeno museu com peças que remetem à história familiar. Nos porta-retratos, veem-se fotografias de casas em madeira feitas pelo avô e pai carpinteiros.

Outra atividade econômica desenvolvida por muitas famílias esteve relacionada ao leite, principalmente com a produção do queijo serrano. De acordo com Iva:

> *Os pais vendiam o queijo serrano "verdadeiro", com leite cru, e, com o dinheiro, criaram três filhos. Era tudo artesanal, tudo na mão, para tirar o leite, não tinha máquina. Eu ajudei algumas vezes a minha mãe a fazer.*

Em 2024, o modo de fazer queijo artesanal serrano foi registrado como patrimônio imaterial do estado do Rio Grande do Sul. Conforme o estudo e parecer do órgão que reconheceu a prática, a atividade não se resume à comida, indo muito além:

> É o alimento somado ao conjunto de representações, crenças, conhecimentos e práticas herdados e/ou aprendidas que lhe são associados. Esses elementos são compartilhados pelos indivíduos pertencentes a grupos sociais determinados, que espalham-se pelos Campos de Cima da Serra entre produtores e consumidores locais. Cabe mencionar como exemplo de que o bem cultural não se restringe a um único grupo social, que, embora haja a predominância de produtores descendentes dos colonos portugueses que ocuparam a região, também há produtores negros – inclusive quilombolas –, descendentes de antigos agregados das fazendas e de trabalhadores negros escravizados (IPHAE, 2024, p. 6).

Estima-se a produção do queijo de tipo serrano desde o período do tropeirismo: a prática caracterizava-se historicamente pelo aproveitamento do leite cru dos rebanhos de gado de corte, evitando o apodrecimento do produto ao transformá-lo em novo alimento de maior durabilidade.

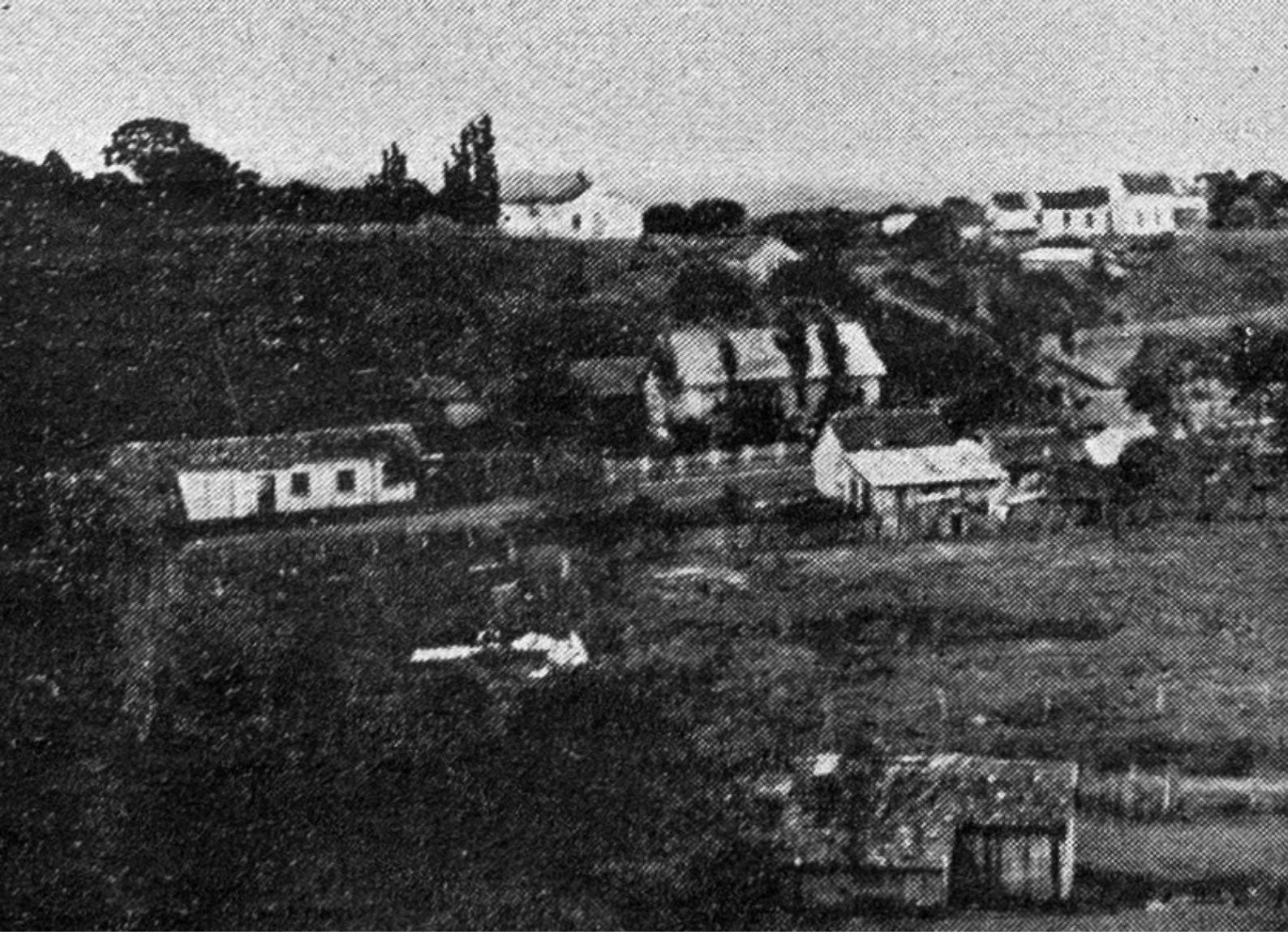
A agropecuária sempre teve, e tem, um papel importante na região. José Carlos Santos da Fonseca registra que a terra preta encontrada no território era considerada excelente para o cultivo, bastava retirar as pedras para que ela produzisse bem. Nos anos 1920, 1930 e 1940, havia plantações de arroz e trigo, além da exploração

da erva-mate. Existiam também as chamadas “barbaquá”, estruturas utilizadas no processamento da erva. Com o passar do tempo, porém, essas atividades foram substituídas por outras culturas e práticas agrícolas. Para Maria Lúcia da Silva Teixeira, as transformações relacionadas às fazendas são explicadas por diversos fatores:

> *Eu acho que essa questão das fazendas, porque, antigamente, eram grandes extensões de terra, latifúndios. O que aconteceu? Com o tempo, a questão de sucessória foi se dividindo [os latifúndios]. Com a questão econômica, muitas pessoas não conseguiram sobreviver com esse pequeno pedaço de terra, então, ela passou a ter que explorar de outra forma. Aí veio as lavouras. Hoje, aquelas grandes extensões, elas estão picadas, tem muita gente que é contra a questão, o abandono, digamos, da pecuária para a questão das lavouras, mas por quê? Porque o fazendeiro se obrigou a fazer esse tipo de negócio para poder sobreviver. E muitos para poder dar educação para os filhos, porque a pecuária desvalorizou, tanto pela questão mundial que a gente vê, a substituição da pecuária pela lavoura, e também pela questão de sobrevivência, mas ainda tem muitos que quando os filhos seguem a carreira do pai, é mais fácil de que o pecuarista permaneça na terra fazendo as coisas que ele gosta. Agora, aquele que os filhos vão pra cidade e não retornam, a pessoa que tá na fazenda envelhece, não tem condições de dar continuidade, aí ele vende.*

Mais recentemente, a lavoura e a agroindústria passaram a desempenhar papel central na economia do município. Maria Lúcia destaca especialmente a chegada do cultivo da batata, que transformou significativamente o perfil econômico da cidade. A nova atividade ampliou a oferta de empregos e modificou a dinâmica do trabalho local.

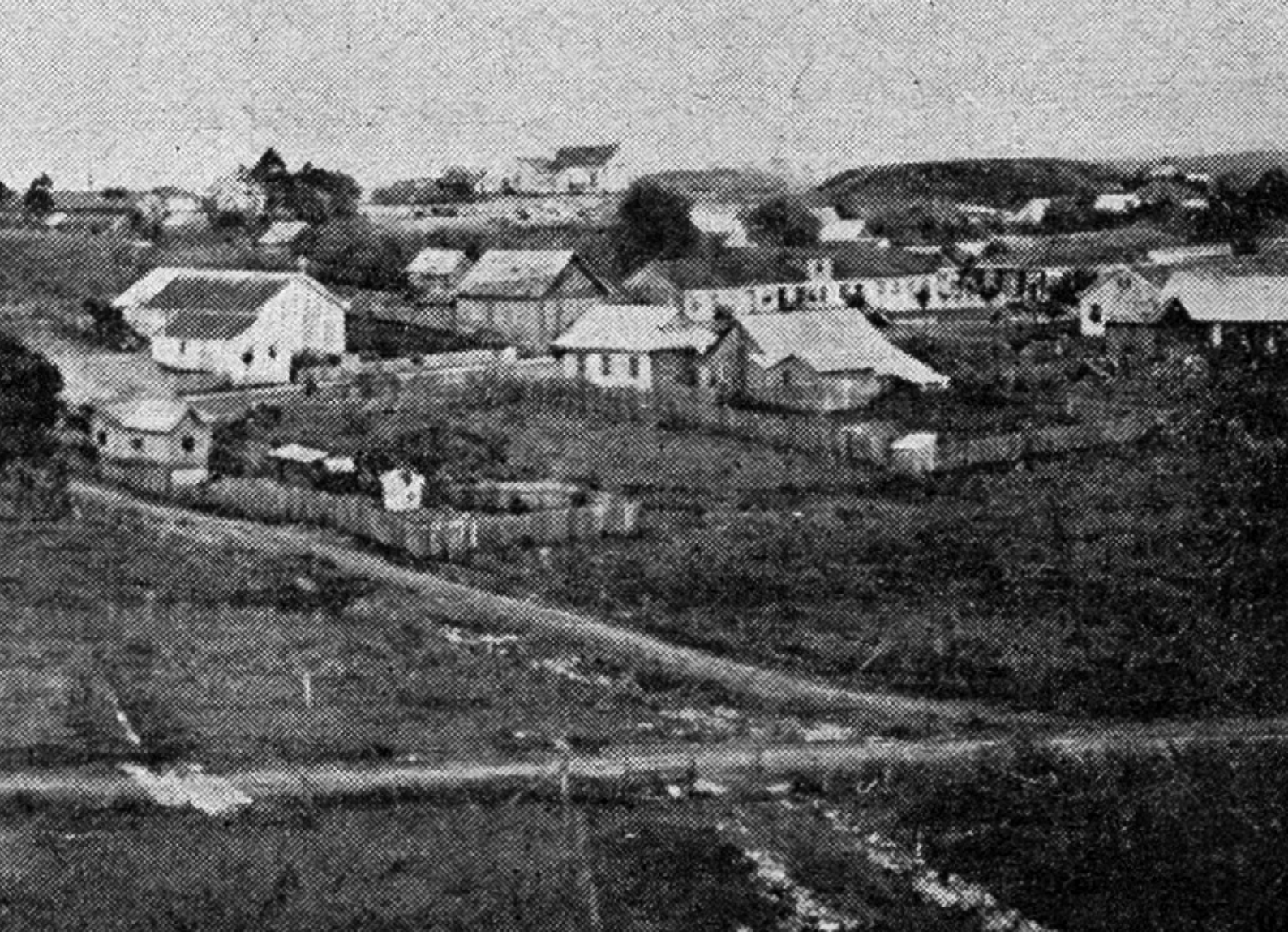
Entre os ciclos econômicos lembrados pelos moradores está o da madeira, o qual é visível na ainda significativa quantidade de



Aspecto da vila de S. F. de Paula por volta de 1920. Fonte: Máscara, 1922, s/n.

casas desse material no município. As atividades relacionadas à madeira devem ser associadas aos anos de expansão da economia nacional, quando derrubar árvores e abrir estradas eram sinônimo de desenvolvimento. Assim, São Francisco de Paula, com extensas áreas de pinheiros araucária, foi um dos locais onde a extração e o beneficiamento da madeira ocorreram em larga escala. Atualmente, a atividade é restrita e regulamentada pelas instâncias governamentais, tendo inclusive áreas de preservação ambiental.

Dados a respeito da economia local são encontrados em fontes de diferentes períodos. Ainda que divulgados em publicações caracterizadas por enaltecer municípios e o Rio Grande do Sul, destacando feitos dos intendentes e do governo estadual, ao menos se pode perceber nos dados formas de representação daqueles con-



textos históricos. Nesse sentido, segundo a edição comemorativa do Centenário da Independência (1922) da Revista Máscara, dedicada aos municípios do RS, a produção anual relativa ao ano de 1920 para São Francisco de Paula foi a seguinte:

> madeiras, pinho na quase totalidade, 180.000 dúzias de tábuas; erva-mate, 60.000 arrobas; casca para curtume, 30.000 arrobas; trigo, 10.000 sacos; queijo, 128.000 quilos; couro, 160 mil kg; milho, 45.000 sacos; banha, 9.000 kg. Ainda conforme a mesma publicação, no mesmo ano foram abatidos 6.000 cabeças de gado para a indústria do charque e para consumo de carne verde, no interior do município, e 4.000 suínos. A produção de madeiras principalmente é oriunda do 5º distrito [Vila Seca], onde existem 40 engenhos quase todos acionados a vapor, e alguns a força hidráulica. (Máscara, 1922, n.p.).

Na mesma publicação, os setores do comércio e da indústria

somavam, em 1921: 46 serrarias a vapor; 24 serrarias hidráulicas; 7 moinhos a vapor; 18 hidráulicos; 1 fábrica de gasosa; 4 padarias; 48 casas comerciais; 3 hotéis na vila e 9 no interior; 8 farmácias; 7 alfaiates; uma das maiores fundições e oficinas mecânicas do estado, na Boca da Serra, no 5º distrito; 10 ferrarias; 10 açougues; 1 fotógrafo; 7 barbearias (Revista Máscara, 1922, n.p.).

Do mesmo ano de 1922, temos a publicação da Editora do Globo, organizada por Alfredo Rodrigues da Costa e intitulada *O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado: obra historica, descriptiva e illustrada*. A descrição sobre o município de São Francisco de Paula enaltece as suas "belezas naturais":

> Acham-se ali disseminados capões verdejantes, onde se destaca o majestoso pinheiro serrano, com suas proporções gigantescas. O sistema hidrográfico do município é magnífico e extraordinariamente abundante. A cada passo, encontra ali o viandante rios e ribeirões, que distribuem para todas as direções a transparente e cristalina e limpa. A água serrana é afamada, e parece que, por si só, melhora doentes que, vindos de outras paragens, demandam àquela salubérrima região, que, devido a pureza de seu ar e configuração geográfica, é procurada por considerável número de veranistas. As suas coxilhas, campos e extensos pinheirais são de uma beleza sugestiva (Costa, 1922, p. 417).

Quanto aos dados econômicos, a publicação registra, para o comércio e a indústria:

> O comércio é representado por cerca de 80 casas de negócio em todo o município. Conta mais 57 serrarias movidas a vapor e a



água, 29 moinhos diversos, 1 fábrica de cerveja, 8 carpintarias, 11 sapatarias, 17 ferrarias, lojas de calçados, correames, vários hotéis e outras pequenas indústrias e comércio. As maiores indústrias no município são as de madeiras, a pecuária, a da extração de casca para curtume e a da erva-mate. Abundam os pinheiros e ervais. A agricultura consta, apenas, de feijão, milho, batatas, trigo, alfafa e vinho, como principais produtos para o consumo. [...] Calcula-se a existência de 500 veículos [carroças], sendo que o meio de transportes mais usado é o de cargueiros para cargas e a cavalo para viajantes, havendo mesmo pontos em que só por meio de cargueiros podem os produtos ser transportados, devido a falta de estradas carroçáveis (Costa, 1922, p. 419).

E complementa:

A rua principal denomina-se Júlio de Castilhos, com 1 km de extensão. A sua parte mais larga tem 36 metros, e foi arborizada em 1921. Nela está quase que circunscrita a vida local, ali ficando as principais casas de comércio, agências bancárias, repartições publicas, hotéis, barbearias, farmácias, bilhares, cartórios, telégrafo, correio, etc. Dispõe também a vila de um bom grupo escolar estadual, com cinco professores. Tiro de Guerra, bom cinema, alguns carros de praça, cemitério, pequena polícia municipal, 3 hotéis, 3 farmácias, 2 médicos, 4 advogados, 2 dentistas e um engenheiro. Tem serviço postal duas vezes por semana [...] A vila de São Francisco de Paula é de agradável aspecto. A sua edificação é quase

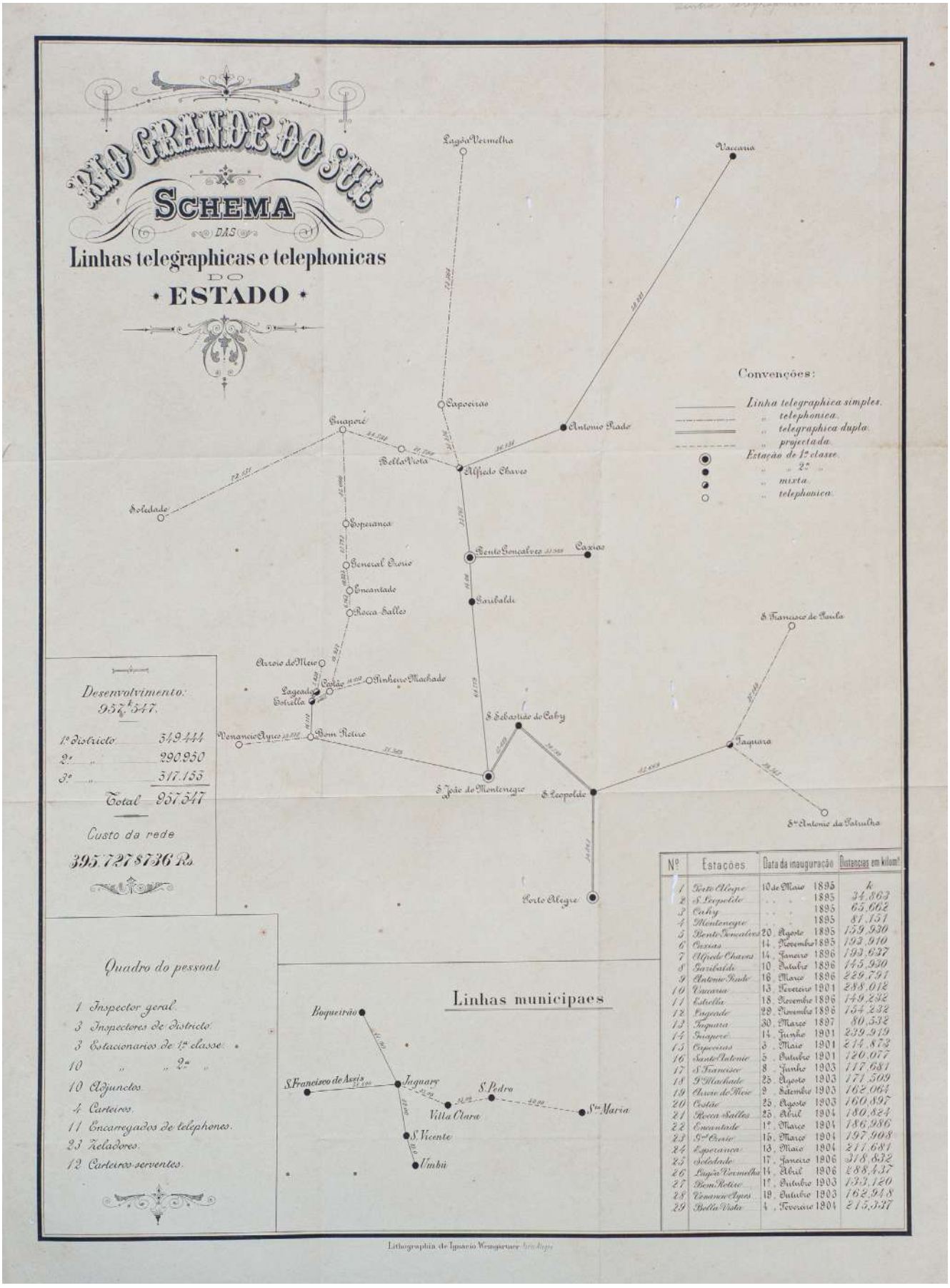
A publicação de Costa (1922), legenda assim a imagem abaixo: "Panorama geral da pitoresca vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra, o ponto mais alto do estado, aprazível local para veraneio, saudável, possuindo preciosas águas e um clima incomparável na estação calmosa. A vila de São Francisco já foi cognominada "A Suíça Rio-Grandense".
Fonte: Costa, 1922, p. 418.





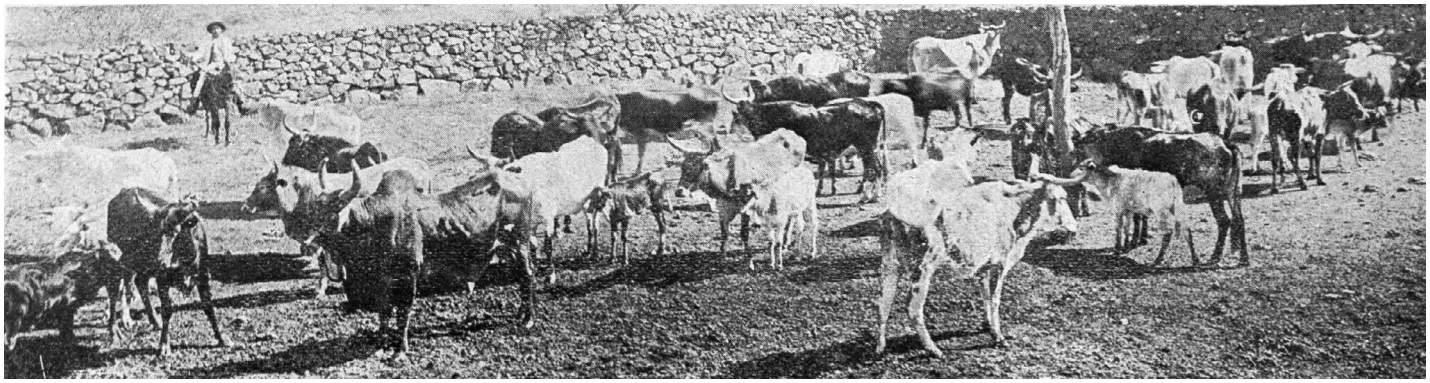
Vista da sede do município de São Francisco de Paula em um dia de neve. À esquerda, no alto, a antiga igreja matriz. Data: 1918. Acervo: AHMJSA.





Esquema das linhas telegráficas e telefônicas do estado do Rio Grande do Sul registra a inauguração da estação telefônica de São Francisco de Paula no ano de 1903, pondo o recém município em comunicação com as demais linhas estaduais. Acervo: IMHC-UCS.

toda de madeira, havendo, no entanto, alguns bons prédios de material. O comércio é representado por 17 casas de negócio, sendo as principais as dos senhores: Ebling, Fleck & Cia.; Jacob Bossler Junior; Galdino José & Irmão; Teixeira & Irmão; José Avelino Feijó; e Accacio Pires Sobrinho, que negociam com fazendas, secos, molhados, ferragens, produtos do país, etc. (Costa, 1922, p. 419).



"Lote de gado da raça zebu em uma das mangueiras da estância". Fonte: Costa, 1922, p. 421.

Mais de três décadas após, uma publicação enciclopédica dos municípios brasileiros, editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1959, divulgava dados atualizados sobre a economia do município, trazendo dados de 1955. Conforme a publicação, os principais produtos agrícolas naquele ano foram: trigo (1.170 toneladas), milho (2.588 t). alfafa (769 t), batata-inglesa (226 t). Outros produtos produzidos, embora em menor quantidade, eram: aveia, centeio, feijão, soja e trigo (IBGE, 1959, p. 240). Quanto aos demais setores, o destaque era para a pecuária, com o registro dos municípios compradores da carne e dos derivados da criação de gado:

> A pecuária, na vida da comuna, é de capital importância. Aproximadamente, 70% da área do município são ocupados pela criação animal com grande rendimento, apresentando inúmeros planteis com pedigree, seleção bovina e puro por cruza. [...] Mercados consumidores: Taquara, Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e toda zona da praia, como Torres, Osório, Santa Catarina, etc. Porto Alegre é um dos grandes consumidores de leite e queijo do município (IBGE, 1959, p. 240).

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MAPA DO MUNICIPIO D

S FRANCISCO DE PAUL

1959

MANDADO ORGANIZAR
PELO EXM SNR
DR ANGELO ATHANASIO
PREFEITO MUNICIPAL

RESENHA HISTORICA

FREGUEZIA
LEI Nº266 DE 30-11-1852
VILA
LEI Nº1152 DE 24-5-1876
INSTALADO EM 15-10-1878
EXTINTO
LEI Nº1750 DE 15-3-1889
RESTAURADO
ATO Nº26 DE 23-12-1889
EXTINTO E ANEXADO AO MUNICIPIO DE TAQUARA DO MUNDO NOVO
ATO Nº302 DE 1-9-1892
RESTAURADO
DECRETO Nº563 DE 23-12-1902
INSTALADO EM 7-1-1903





SITUAÇÃO FISIOGRÁFICA DO MUNICIPIO DE S FRANCISCO DE PAULA

BOM JESUS
VACARIA
CAXIAS DO SUL
CANELA
TRÊS CORÔAS
TAQUARA
ROLANTE
CHAPADA
JAQUIRANA
CAZUZA FERREIRA
PRINCEZA DOS CAMPOS
APARADOR
CINA PELUZO
JUÁ
TAINHAS
ELETRA
S.FRANCO DE PAULA
PADILHA
COLONIA FEU
COLONIA TAQUARA

CONVENÇÕES
CIDADE (SEDE DO MUNICIPIO)
VILA (SEDE DE DISTRITO)
POVOADOS
USINAS ELETRICAS
BARRAGENS
PONTES E PONTILHÕES
PONTOS GEODESICOS
ELEVAÇÕES IMPORTANT.
SERRAS
ESTRADAS ESTADUAL
ESTRADAS MUNICIPAL
DISTANCIAS
LIMITES INTERM.
LIMITES DISTRITAL
INSTRUC PUBLICA
GRUPO ESCOLAR EST
ESCOLAS MUNICIP
ESCOLAS RURAIS
PINHEIROS
TRIGO
AVEIA
MILHO
FEIJÃO
BATATA
FABRICA

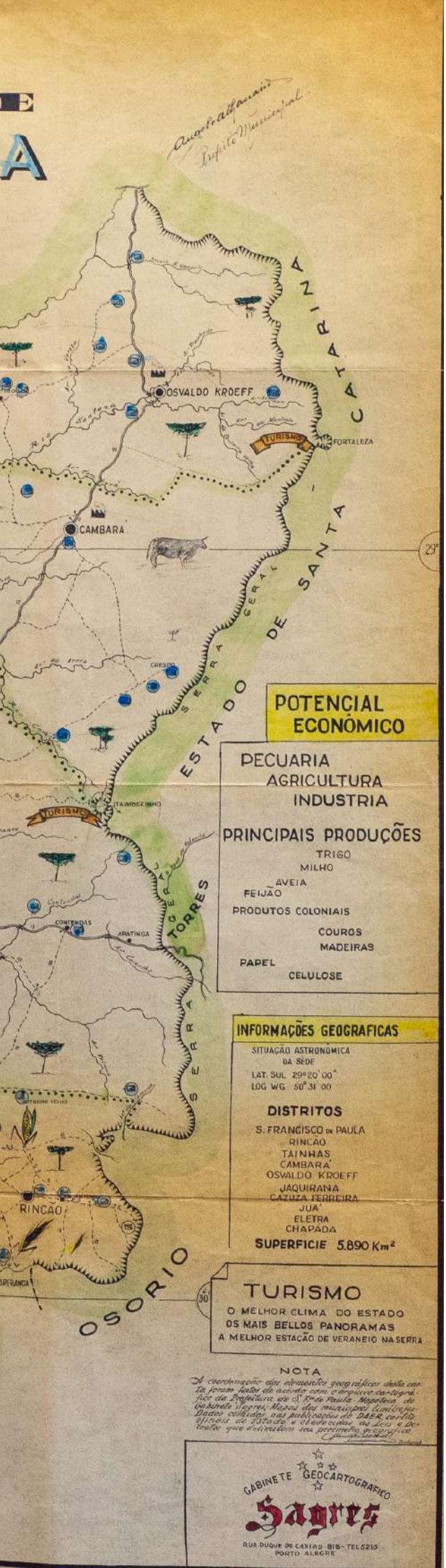
ESCALA 1:130 000

Ainda em 1955, sobre a indústria, a concentração desse setor se dava nas madeireiras:

> São Francisco de Paula conta com 105 estabelecimentos industriais, com a média mensal de 1.353 operários. [...] A contribuição percentual das principais classes, em relação à produção total, foi a seguinte: indústrias alimentares, 4,0%; indústria da madeira, 72,1%; transformação de produtos minerais, 0,5%, indústria de papel e papelão, 22,6%; indústria de mobiliário, 0,2% (IBGE, 1959, p. 241).

Naquele mesmo ano, as casas comerciais existentes na sede eram: de secos, molhados, fazendas, ferragens etc., 9; relojoarias, 1; casas de calçados, 2; padarias, 2 (IBGE, 1959).

Em uma fonte cartográfica de 1959, diversos outros dados a respeito do município podem ser observados. O mapa, organizado pelo município, divulga o potencial econômico e as principais produções na sede e nos então outros nove distritos de São Francisco de Paula. Pontos turísticos, áreas de pinheiro araucária, escolas e outras informações complementam a representação visual do extenso território.



Mapa do município de São Francisco de Paula, 1959. Acervo: AHMJSA.

Atualmente, ao lado de atividades econômicas formais, existe também uma economia doméstica bastante ativa. Muitas pessoas produzem alimentos em casa para venda: cucas, pães, tortas, doces de figo e geleias. Essas prática, além de complementar a renda das famílias, preserva tradições culinárias e reforça os laços comunitários. Entre as receitas mais citadas por moradores entrevistados, destaca-se a paçoca de pinhão, e, em distritos, encontram-se receitas próprias locais, como o bolo de amendoim, produzido por famílias no Rincão dos Kroeff.

O desenvolvimento dos serviços também faz parte das memórias de quem cresceu na cidade. Maria Eduarda conta que sua história pessoal está conectada à comunicação local. Seu pai trabalhava na antiga empresa de telefonia e telégrafo, numa época em que os telefones ainda eram de manivela. Ela recorda que frequentemente o ajudava a entregar correspondências pela cidade:

> *A pé, caminhando, em dia de sol ou de chuva, ou neve... Era aqui na cidade, mas começou a história do interior... Não tinha transporte direto para as fazendas. Como chegava lá? Alguém tinha que levar, a pé ou a cavalo. E assim começou a curiosidade, com o meu pai sempre contando sobre as caminhadas, as idas para as fazendas, para levar os telegramas, do telégrafo, e os fonogramas da telefônica.*

Esses ônibus pertenciam à empresa Silva Irmãos, ligada à família de seu avô materno. A frota era pequena — apenas quatro veículos — e, quando algum deles quebrava, era o avô quem realizava os reparos. Muitas vezes, as cartas chegavam justamente por meio desses ônibus ou de carroças cargueiras que transportavam mercadorias.

Quanto às outras atividades econômicas, atualmente, de acordo com Maria Eduarda, apenas alguns poucos empreendimentos, como pousadas mais sofisticadas, concentram rendimentos mais

elevados. Assim, o dinheiro que circula na cidade está muito ligado ao consumo diário: mercados, atacados e pequenas lojas.

As formas de cuidado com a saúde revelam muito sobre os serviços e o cotidiano de outras épocas, mesclando práticas populares com saberes formais. Maria Eduarda, por exemplo, nasceu no hospital local por uma coincidência curiosa: sua família morava exatamente em frente ao prédio. Naquele dia, sua mãe começou a sentir dores repentinas e atravessou a rua em busca de atendimento. O médico responsável era o doutor Ângelo Atanásio, um dos poucos profissionais da região naquele período.

Nem todos, porém, nasciam em hospitais. Iva conta que muitos partos aconteciam em casa, assistidos por mulheres da comunidade que assumiam o papel de parteiras quando necessário. Uma dessas figuras foi Benta Camila dos Reis, uma mulher negra que ajudou a criar diversos membros da família após a morte da avó de Iva:

> *Tinha uma parteira... Ou melhor, não era bem 'parteira', mas na falta de outra, ela dava um jeito. Era a irmã da Tia Benta. A Tia Benta é uma negra velha que, quando a minha avó materna morreu, ela ajudou a criar a minha mãe e os irmãos dela, todos, que são doze.*

Além dos partos em casa, remédios caseiros, chás e benzeduras eram saberes transmitidos oralmente e estavam enraizados na vida cotidiana das comunidades. Emerson Mucke da Rosa lembra que "faziam remédio com planta, benziam. A minha mãe fazia isso desde pequena. As pessoas batiam lá em casa para fazer chá".

É importante mencionar características que são frequentemente mencionadas por moradores e descritas em trabalhos já publicados, pois carregam o saber dessas construções, bem como traços do passado histórico que tem, nas estruturas como as taipas (muros de pedra de junta seca), a memória coletiva do local. De acordo com o estudo de Klein, Bereta e Viale (2023):



Tiro de Guerra de São Francisco de Paula. À esquerda, prédio da antiga Intendência (prefeitura). À direita, "Pharmacia Silveira", na Avenida Júlio de Castilhos. Data: 1920. Acervo: AHMJSA.

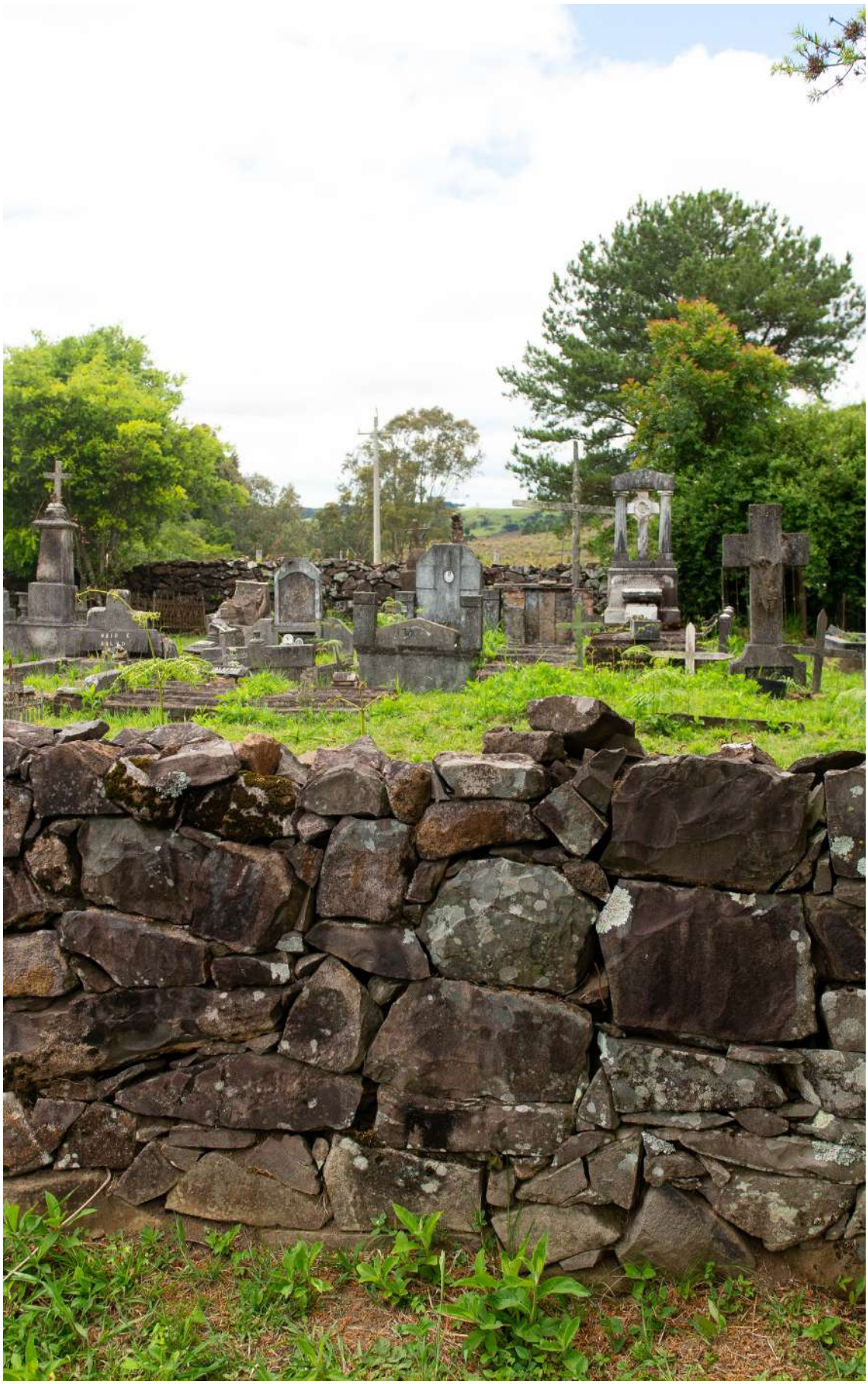

PHARMACIA SILVEIRA

Os muros de pedra foram construídos para servir de divisa de propriedades, corredores para condução de tropas de animais, cercados para controle dos rebanhos, e até mesmo para delimitar cemitérios particulares e comunitários. Edificadas a partir de afloramentos rochosos presentes nos campos, são extremamente resistentes às intempéries, e estão integradas nas paisagens, servindo de abrigo para a fauna e flora.

As taipas significam os processos históricos apresentados, percorrem longas extensões e atravessam a economia local, desde o tropeirismo até o turismo atual. Com estrutura feita manualmente, ao percorrer o município e seu entorno, é visível a presença das taipas, cuja função principal é delimitar corredores para condução de tropas de animais, servir como cercados para o controle de reses e, até mesmo, para demarcar cemitérios. Desde o ano de 2020, passou a ser patrimônio cultural de São Francisco de Paula, por meio da Lei Municipal n.º 3.525/2020.



"O Tropeiro", desenho em bico de pena de José Lutzenberger para a série de cartões "O Gaúcho Antigo no Rio Grande do Sul", edição da Typographia Mercantil, 1950. Acervo: IMHC-UCS.



Cemitério em Tainhas. Foto: Anthony Beux Tessari.

Manifestações culturais

Apesar de pequena, a cidade sempre demonstrou grande vitalidade cultural. A leitura e a escrita eram e são práticas comuns, bem como a música e a dança, caracterizando as manifestações culturais e de lazer no município.

Escrita

A professora aposentada e escritora de São Francisco de Paula Maria Lúcia da Silva Teixeira acredita que muitas pessoas buscam nos livros uma forma de entretenimento e conhecimento. Com o tempo, o acesso ao Ensino Superior e a necessidade de estudar para vestibulares também reforçaram essa relação com a leitura:



Como naquela época não tinha muita alternativa como nós temos hoje, com internet, com os meios de comunicação, a televisão e tudo mais, as pessoas buscavam no livro uma espécie de lazer. Também, com o acesso às faculdades, mais tarde, surgiu a necessidade dos vestibulares, e os estudantes precisavam estudar literatura.

Maria Lúcia da Silva Teixeira tem livro publicado sobre São Francisco de Paula.

Os depoimentos de moradores ligados ao campo da literatura revelam aspectos importantes da dinâmica cultural e das transformações do município. Nas narrativas, aparecem lembranças do cotidiano da cidade e das reações da comunidade diante das mudanças no espaço urbano, como a retirada de árvores antigas, a substituição de calçadas tradicionais e a alteração da paisagem da avenida central que, em determinado período, chegou a ser considerada uma das mais belas da cidade por seus mosaicos de inspiração portuguesa.

Segundo o relato de José Carlos Santos da Fonseca, também escritor local, era comum que essas transformações gerassem

inicialmente resistência e nostalgia entre os moradores. A derrubada de plátanos ou a substituição de elementos antigos da paisagem urbana provocava críticas e comentários em colunas e crônicas locais — algumas atribuídas a um misterioso autor conhecido apenas como “Jaci”. No entanto, com o passar do tempo, a população tendia a se adaptar às mudanças, revelando um processo recorrente de tensão entre tradição e modernização.

Um dos impulsionadores desse movimento literário foi o jornal Folha da Serra, no qual muitos moradores publicavam crônicas, debates e relatos sobre a vida da cidade. Foi nesse contexto que nasceu a ideia de criar uma academia literária local. O projeto começou informalmente durante uma mateada em um largo da cidade. O encontro reuniu moradores interessados em literatura, e logo surgiu a proposta de organizar oficialmente um grupo dedicado à escrita e à



Fotografia em publicação de 1922 traz a legenda: “o fazendeiro, político e ilustrado advogado Firmino Paim Filho, em seu valioso gabinete de leitura, na Estância Morrinhos”.
Fonte: Costa, 1922, p. 421.

memória cultural da região.

Nesse contexto de sociabilidade e debate público, destaca-se o papel da Academia Serrana de Letras como espaço de valorização da produção literária local. A Academia reúne escritores serranos e busca estabelecer critérios de ingresso baseados na avaliação das obras e em votação entre os membros. Segundo o depoimento de José Carlos, a entidade discute formas de ampliar a participação de novos autores, mantendo, ao mesmo tempo, certo rigor na seleção.

A cena literária local é marcada por diversidade de perfis. Alguns autores publicam obras individuais, enquanto outros participam de coletâneas ou escrevem crônicas em livros colaborativos. Também há iniciativas voltadas à formação de novos escritores, incentivando a participação de crianças e jovens em atividades literárias, muitas vezes com o apoio de editoras locais.

Essas memórias evidenciam que a produção literária e o debate cultural sempre ocuparam lugar significativo na vida social de São Francisco de Paula. A circulação de crônicas, relatos e livros revela não apenas a presença de escritores, mas também a existência de um coletivo que valoriza a escrita como forma de registrar experiências, preservar lembranças e refletir sobre as mudanças vividas pela cidade ao longo do tempo.



Alguns títulos de escritores serranos.

Música

Muitas famílias mantinham instrumentos em casa e cultivavam o hábito de tocar e cantar juntos, fosse nas fazendas, reunindo seus moradores e vizinhos, ou na área urbana. Para Maria Eduarda da Silva Comin Teixeira, a tradição musical se expressa na cultura tradicionalista gaúcha:

> *Eu acho a cultura gaúcha sensacional. A gente ainda curte o nosso CTG, que tem uma linda história. Temos pessoas referências em ambientes de CTG e que contam a história através da tradição gaúcha, porque, afinal, somos os Campos de Cima da Serra, que se caracterizam por esta tradição: os rodeios, as invernadas artísticas, o laçar, o encontro de final de semana. Ainda tem piquetes que são de família. O pessoal se encontra para poder laçar, têm as histórias tradicionais.*



Maria Eduarda

Já Maria Lúcia da Silva Teixeira recorda que seu pai tocava bandoneon e que várias pessoas da família se dedicavam à música. Havia grupos conhecidos como “Guarda Velha”, formados por músicos que tocavam acordeon, violino, bandoneon e até serrote musical. As apresentações musicais eram muito populares e reuniam a comunidade.

Ao longo do tempo, novas influências foram surgindo: bandas de rock, festivais de blues e diversos estilos musicais passaram a conviver com a tradição gaúcha representada pelos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) e pelas danças regionais. A diversidade cultural tem, portanto, expressões em outros gêneros. De acordo com Maria Lúcia:

Tem estúdios de dança, dança moderna, uma coisa fantástica, que fazem um trabalho maravilhoso de dança. E, além disso, conjuntos de rock, tem o festival de blues, teve os Beatles, o Paralelo. Então, em São Chico, a cultura e a música são muito fortes.

Ainda sobre a presença das cenas musicais, José Carlos Santos da Fonseca lembra que, na década de 1960, a vida musical local passou por um processo de diversificação, acompanhando transformações culturais mais amplas. Antes mesmo da consolidação do rock, já existiam grupos ligados ao jazz, com músicos como Flávio Almeida, além da presença constante de gaiteiros formados nas escolas da cidade, especialmente no Ginásio das Irmãs, onde o ensino musical fazia parte das atividades educativas. Professores e professoras também participavam desse ambiente cultural, atuando como cantores e incentivando a prática musical entre os jovens.

Com o passar dos anos, surgiram novas formações musicais e pequenas bandas, ampliando o cenário artístico local. Um dos momentos marcantes desse processo foi a realização de um festival de rock em 1974, lembrado posteriormente como “Devohstock”, numa referência irônica ao famoso festival internacional. O festival, que teve como um de seus organizadores e divulgadores José Luiz Traslatti (o “Devoh”), ocorreu no contexto de uma feira de gado realizada no Parque de Exposições, o que gerou situações curiosas, como visitantes que confundiam o nome do evento com a raça bovina Devon. Ainda que de proporções pequenas em termos de público, o encontro tornou-se uma das referências na memória cultural da comunidade, sendo até hoje recordado em entrevistas, debates e reencontros entre participantes, evidenciando a importância da música e da sociabilidade dos jovens na construção da história cultural local.

A ligação da cidade com o gênero do rock and roll é comentada e explicada por Julio Jomertz, servidor público e morador há mais

de trinta anos no município:

> *São Francisco foi uma cidade que teve muita influência de pessoas que tinham casas de veraneio aqui, pessoal de Porto Alegre. Então, os filhos dessas pessoas, com a gurizada daqui, sempre houve um intercâmbio. [...] O pessoal que vinha de Porto Alegre era mais ou menos "hippie", aquela gurizada "maluca" lá do Bonfim, e eles se hospedavam aqui em São Chico, porque Cambará quase não tinha locais para hospedagem. Às vezes, eles iam de táxi até o Itaimbezinho [cânion, no Parque Nacional Aparados da Serra] e ficavam lá. [...] A rodoviária de São Chico era um movimento de mochileiro, de cabeludo, parecia Woodstock.*



Julio Jomertz

Encontros musicais chamados de "Rock In Chico" (corruptela do famoso festival carioca) chegaram a ser realizados, além de outros encontros, reunindo e incentivando músicos e bandas locais. Na lembrança do também servidor público Emerson Mucke da Rosa:

> *Eu toquei muito nos festivais da primavera. Eu tinha 13 ou 14 anos de idade e já tocava, com a minha bandinha de rock. Para o festival da primavera, juntou o João Cincinato, o Julio Jomertz e o Atos, que pensaram: "vamos fazer algo para a gurizada tocar, não aguentamos mais eles na garagem, passaram o inverno inteiro socados na garagem, estudando música e treinando, vamos fazer na primavera, botar a gurizada na rua". Então, colocavam um caminhão no Lago São Bernardo ou aqui na avenida, com equipamento de som, e faziam um festival. Nesse caso, tinha pouca participação do município, era mais uma iniciativa do coletivo de músicos.*



Emerson Mucke da Rosa

Jomertz também destaca outra cultura musical marcante na história de São Francisco de Paula: a da música tradicionalista, representada, por exemplo, pelos Irmãos Bertussi (Honeyde e Adelar), originários da localidade de Criúva, território que pertenceu ao município serrano, e Os Mirins (Albino Manique e Chico Castilhos, naturais de São Chico), batizados com o nome artístico durante um concurso musical local.

Ainda no campo do tradicionalismo, há destaque para o Festival Ronco do Bugio, surgido no ano de 1986, idealizado por João Cincinato Lucena Terra e que soma já 32 edições. O gênero do ronco do bugio caracteriza-se pelo toque do acordeon de forma sincopada, mimetizando o som emitido pelo macaco bugio. A origem do ritmo é discutida, disputa-se se surgiu em São Francisco de Paula ou no município de São Francisco de Assis. Recentemente, o gênero foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial do estado do Rio Grande do Sul, classificado como gênero musical regionalista genuinamente gaúcho, e ficando estabelecidas como “capitais” do ronco do bugio ambos os municípios.

Por essa forte ligação musical local, e olhando para os municípios vizinhos reconhecidos pelas expressões artísticas, Jomertz propõe: “Gramado ficou conhecida pelo cinema, Canela pelo festival de teatro de bonecos, e São Chico tem que ser pela música”.

Outra manifestação presente na memória local diz respeito ao carnaval e aos bailes. Sobre estes, Maria Lúcia da Silva Teixeira, nascida no final dos anos de 1940, lembra dos eventos na Sociedade Cruzeiro e das demais atividades culturais e musicais do período da sua infância e juventude:

> *Tinha bailes maravilhosos na Sociedade Cruzeiro, bailes de gala. Naquela época, as senhoras que organizavam esses bailes, como os bailes de debutantes. Uma coisa que eu acho bem interessante aqui em São Chico é essa questão cultural. Eu*

considero ela muito forte, porque, naquela época, já vinham orquestras, como a Casino de Sevilha, para cá. Tinham escolas de música, que faziam apresentações de acordeon, de violão, de dança. Tinha o colégio das freiras, que era muito forte aqui, e elas trabalhavam com a música, estudávamos piano, era uma formação mais clássica.

Já as memórias sobre o carnaval revelam mudanças significativas nas formas de sociabilidade e na organização das festas em âmbito local ao longo do tempo. Segundo o relato do advogado e escritor serrano Luiz Pompeu Castello Costa, as comemorações carnavalescas estavam fortemente vinculadas aos clubes sociais da cidade, espaços que concentravam grande parte da vida festiva e cultural da comunidade. Para Luiz Pompeu, os carnavais eram muito disputados e alegres:

Os carnavais eram maravilhosos! Tinham blocos, muitos blocos. Vinham blocos de Taquara, noites que vinham pessoas de Canela, de Gramado, de Igrejinha, de Três Coroas. Não cabia gente no clube todo, no caso, o salão da Sociedade Cruzeiro.

Pompeu recorda que o carnaval era realizado no próprio clube, considerado um dos principais espaços de encontro da população. Para animar os bailes, as bandas musicais eram contratadas de outras localidades, especializadas em repertório carnavalesco. Essa prática reforçava a ideia de um evento organizado e estruturado, planejado com antecedência e voltado à reunião coletiva.

Entretanto, transformações nos hábitos dos foliões começaram a alterar a dinâmica das celebrações. Os blocos carnavalescos passaram a organizar suas chamadas “concentrações” em casas alugadas na cidade. Nesses espaços privados, os participantes passavam o dia reunidos e permaneciam até a madrugada, deixando de comparecer ao baile principal no clube, levando-o ao esvaziamento.

Com o declínio da participação no clube, a organização do

carnaval acabou sendo assumida pelo poder público municipal. Em um primeiro momento, a prefeitura passou a promover o baile municipal no ginásio da cidade, reunindo milhares de pessoas em um único espaço. Contudo, a grande concentração de público e os problemas de segurança acabaram dificultando a continuidade desse modelo. Posteriormente, as festividades foram reorganizadas e retomadas como carnaval de rua.

Luiz Pompeu também registra em suas memórias a lembrança de serenatas. Em seu livro, *Coisas de São Chico – pequenas histórias*, o advogado registra, em quatro crônicas, os encontros que reuniam violinistas e cantores. Conforme relata em uma delas:



Luiz Pompeu Castello Costa

> *[...] A chegada na casa da "guria" era em silêncio. Música escolhida, Galdino dedilhando a viola e a voz dos seresteiros ecoando na fria noite serrana. Após a primeira música, um do grupo fazia a "dedicatória", que normalmente terminava com "à fulana de tal, para embalar seus sonhos de menina moça", e emendava a segunda música. Algumas acendiam a luz, poucas se atreviam a abrir a janela e raríssimos pais abriam a porta e ofereciam alguma coca-cola. E assim, varamos madrugadas e madrugadas. Antigo, né? Pois é! Mas vocês não sabem como era bom. Saudades daqueles tempos. Pessoalmente, sei de dois ou três casamentos que tiveram suas origens nas Serenatas de São Chico e que duram até hoje (Costa, 2017, p. 88).*

Lazer e turismo

Associado ao desenvolvimento cultural do município, o Hotel Cavalinho Branco, durante boa parte do século XX, ocupou um lugar marcante, também ligado ao setor do turismo. Mais do que um estabelecimento de entretenimento, o espaço foi, por muitos anos, um cassino — símbolo de uma época em que o jogo e o turismo faziam parte do imaginário de progresso de várias cidades brasileiras. O fun-



Vista com o Hotel Cavalinho Branco.
Foto: Antbony Beux Tessari.

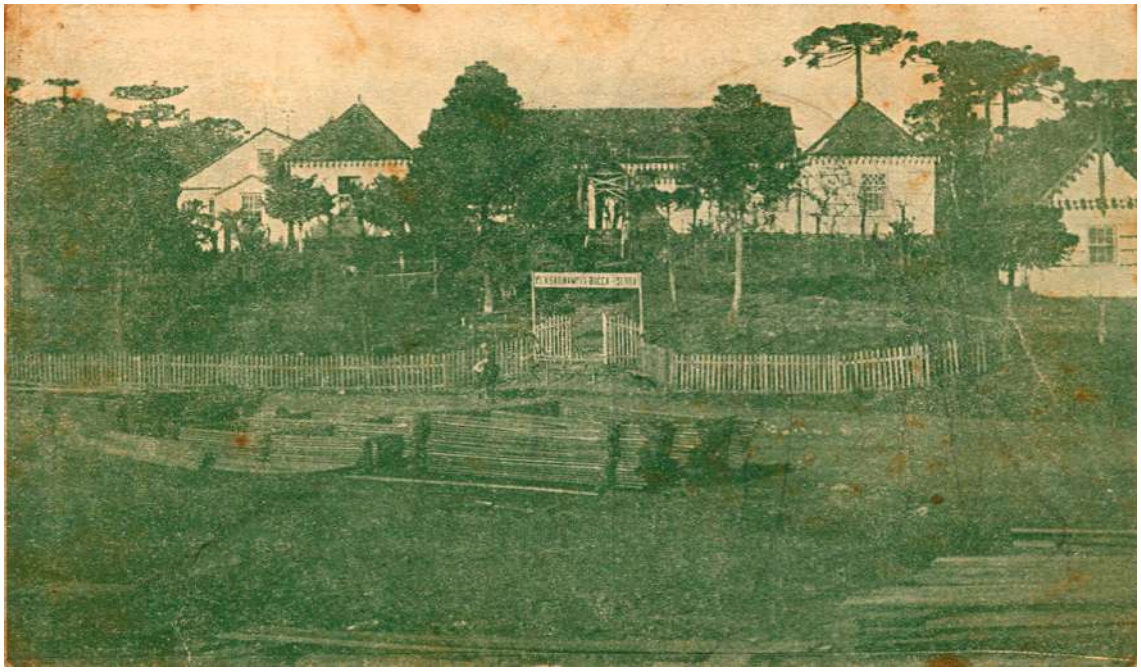
cionamento do cassino terminou na década de 1950. Décadas após, já por volta dos anos 1980, o prédio foi adquirido por uma empresa que tentou reativar o espaço e dar-lhe uma nova função. A iniciativa, porém, teve vida curta. Ainda assim, a lembrança do antigo cassino continua presente nas narrativas locais, associada a um período em que a cidade buscava afirmar sua vocação turística.

Essas memórias revelam um aspecto importante da história local: a constante tentativa de afirmar São Francisco de Paula como destino turístico e espaço de lazer com importantes manifestações culturais. Muitas delas ocorrem às margens do Lago São Bernardo, onde se desenvolvem atividades esportivas, eventos musicais, festivais e onde as pessoas socializam.

Hoje, quando essas histórias são relembradas por moradores e pesquisadores, elas ajudam a compreender não apenas o passado, mas também os diferentes caminhos percorridos pelo município na busca por reconhecimento turístico e valorização de seu patrimônio natural e cultural.

Em antigas publicações, encontram-se relatos que procuravam enaltecer a natureza e convidar potenciais visitantes para veranearem em São Francisco de Paula. A edição especial da Revista Máscara, do ano de 1922, registra:

> O clima do município goza de grande renome. A água serrana é afamada e parece que ela, por si só, convalesce os doentes que, de outras paragens, demandam para essa salubérrima região, a qual, devido a sua configuração, pode, com razão, ser apelidada de “Suíça Riograndense”. Dado esse delicioso clima verdadeiramente europeu, para São Francisco de Paula, aflui na estação calmosa grande número de veranistas, de todos os pontos do estado, e mesmo de fora dele, que ali vão recuperar as energias perdidas nos labores da cidade (Máscara, 1922, n.p.).





— 282 —

Pensão Hampel

Bocca da Serra — S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

Haus erſten Ranges für **Sommerfriſchler** und **Erholungsbedürftige**, unmittelbar am Walde gelegen. Infolge der hohen Lage,

922 Meter

über dem Meeresſpiegel, der ozonreichen und ſtaubfreien Luft — beſonders anämiſchen, nervöſen und ſchwachen Perſonen empfohlen.

Vorherige Anmeldung erbeten.

Außer dem großen Wohnhauſe und ſeparaten Speiſeſaal ſtehen für Familien

5 möblierte Chalets

zur Verfügung. Eigene **Diligencia** an der Eiſenbahn-Station Taquara.

Bocca da Serra iſt von Porto Alegre aus an einem Tage zu erreichen.

Mäßige Preiſe.

— Aufmerkſame Bedienung. —

Gute Verpflegung.

Cartão-postal e anúncio em jornal em alemão da "Pensão Hampel". Segundo José Carlos Santos da Fonseca (2015, p. 135), o hotel foi fundado em 1899 pelo casal José Hampel e Albertina Aguiar Hampel. Na década de 1920, foi instalada uma linha de ônibus para buscar hóspedes do hotel em Taquara, vindos de diferentes localidades. Ao longo do tempo, teve outros proprietários. O autor traz em sua pesquisa demais hoteis que marcaram a história do município. Cartão-postal: acervo do AHMJSA. Jornal: Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1907.





O Lago São Bernardo, construído em 1944, tornou-se logo "centro 'chic', ponto de atração e lugar de diversões", conforme noticiou o jornal Folha da Serra em 5 de fevereiro daquele ano (citado por Fonseca, 2015, p. 208). Foto: Anthony Beux Tessari.

Memórias de infância e sociabilidades

Que saudade, dos meus tempos de piá
Da minha terra, de tudo o que eu deixei lá
Meu cachorro, velho cusco tão amigo
Vim embora, nunca mais cacei contigo
Lembro ainda as tardes de domingueira
Que eu dançava com a namorada primeira
Nos domingos, sempre tinha carreirada
Eu jogava um "pila" na égua bragada
As lembranças apertam meu coração
São Francisco, lá no bairro do Rincão
("Vaneirinha da saudade", de Os Mirins).

As memórias de infância revelam uma cidade bastante diferente da atual. Em períodos nos quais havia poucas opções de entretenimento, as ruas e os espaços públicos tornavam-se locais privilegiados de convivência. Ir ao cinema, para alguns moradores, era uma opção, como para Maria Eduarda da Silva Comin Teixeira:

> *Tinha um prédio bem no centro, cuja fachada era de alvenaria e a parte de trás era de madeira, mas tinha toda a infraestrutura de cinema. Os filmes da época vinham para cá. Era bem frequentado, tinha matinê. Como o meu pai tinha ajudado o dono do cinema em algum momento, eu e os meus dois irmãos tínhamos entrada grátis. Não falhávamos um domingo!*

Além do cinema, uma vez que poucas famílias possuíam televisão, as brincadeiras coletivas, encontros noturnos entre amigos e pequenas travessuras compunham o cotidiano de muitos. José Carlos Santos da Fonseca recordou:



"Instrução pública - Colégio Elementar da Vila", início da década de 1920.
Fonte: Costa, 1922, p. 419.

Eu estudei na Escola José de Alencar. Na escola, era muito divertido. Criança naquele tempo não tinha internet, brincávamos na rua. Jogava futebol de botão, eu gostava de jogar, eu era craque no futebol de botão. Eu brincava muito com os meus amigos. Também brincava de pega-pega, de apertar a campainha... Mas eu apertava e saía correndo; tinha gente que apertava e colocava um palitinho de fósforo para a campainha travar e ficar tocando [risos].



José Carlos da Fonseca

Maria Eduarda lembrou de outras brincadeiras que constituíram sua infância e adolescência:

Nos reuníamos numa pracinha, pelos 7, 8 ou 9 anos. Era na pracinha na frente da igreja, a qual existe até hoje, a Praça



"Aspecto da avenida Júlio de Castilhos, a principal da vila, no trecho mais comprido – 1.300 metros. Abaixo: senhorinhas da 'elite' serrana". Fonte: Costa, 1922, p. 419.

Capitão Pedro da Silva Chaves. Ali se reunia toda a gurizada, a partir das 5 horas da tarde. Aquilo era um divertimento. Brincava de chegar de joelho preto em casa, de tanto pular corda, jogar amarelinha, jogar cinco-marias. A gente escrevia na calçada, e eu era "professora" desde aquela época, ensinava os menores, escrevendo na calçada. Imitávamos os cantores da década de 60, como Roberto Carlos... Tinha que se caracterizar para poder fazer as apresentações na pracinha, porque tinha público. [...] Depois, o clube, quando estava mais mocinha. Na minha época de juventude, a Sociedade Cruzeiro oferecia pingue-pongue, futebol e bolão. Os adultos levavam os filhos, e os filhos se encontravam, a diversão era essa. E na época de magistério, tinha os barzinhos, a gente

saía da escola e ia nos barzinhos, onde podia ficar só até as 19h [risos].

Além das brincadeiras, os dias eram utilizados para aprendizagens artesanais. Mesmo que algumas fossem ensinadas nas escolas, as relações familiares desempenharam importância, como atesta a professora aposentada e escritora Iva da Silva, lembrando dos ensinamentos recebidos da mãe:

Minha mãe me ensinou o pontinho de pele bordado, ponto-corrente, ponto-escama, ponto não sei mais o quê. Quando ela me ensinou o ponto-cruz eu tinha 8 anos. A técnica tem muita matemática, eu faço até hoje. Eu tenho exposto lá no meu museu alguns bordados da minha mãe. E aprendi com ela a costurar ou coser, e à mão, com máquina de costura eu não trabalho. Para pregar um botão, fazer uma bainha, não tem erro!



A escritora Iva da Silva mostra um dos livros da sua biblioteca, a obra completa de Monteiro Lobato.



Bordado que integra a coleção de Iva da Silva. Foto: Anthony Beux Tessari.

No mesmo sentido da herança do saber fazer, Maria Eduarda acrescentou:

> *Até os 12 anos eu estava apta a cozinhar, fazer pão, fazer queijo, fazer ambrosia. E isso era comum, para casar tinha que saber tudo isso. E também o que eu não aprendi com a minha avó, ela me incentivou a ir atrás, por exemplo, fazer coberta de lã.*

Dessa forma, as memórias evocadas pelos narradores locais permitem compreender não apenas experiências individuais, mas também aspectos fundamentais da sociabilidade e da vida cotidiana da comunidade serrana.

As ruas, as praças, o cinema, os clubes e os espaços domésticos configuravam cenários de convivência, aprendizagem e construção de vínculos sociais. Ao recuperar essas lembranças, a história oral revela como práticas simples – brincadeiras, encontros entre amigos, ensinamentos familiares e pequenas rotinas do dia a dia – contribuíram para formar identidades, fortalecer sentimentos de pertencimento e produzir sentidos compartilhados sobre o lugar vivido.



Avenida Júlio de Castilhos em um dia de outono. Foto: Anthony Beux Tessari.

Dois filmes que ilustram esta história

Dois filmes do acervo do Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul mostram São Francisco de Paula na década de 1960. Produzidos por Nazareno Michelin, da produtora Michelin Filmes de Caxias do Sul, os filmes foram realizados para exibição na televisão, nas séries intituladas “Cidades do Sul” e “Cidades Gaúchas na TV”, transmitidas pela TV Piratini – Canal 5 de Porto Alegre. Nas imagens das duas produções, é possível observar a cidade, com a praça, a igreja, a avenida principal, os prédios públicos e de serviços, escolas, indústrias, hotéis, áreas de lazer, eventos sociais, rodeios e fazendas. As cenas ilustram muitas das memórias narradas neste livro. O material é praticamente inédito, pois as produções daquele período eram exibidas e narradas ao vivo, e os programas não eram gravados.

Filme Cidades do Sul – São Francisco de Paula. Duração: 8 min.
Data da produção: 7/12/1967. Suporte original: 16mm. Acervo: IMHC-UCS.







Paisagem e estrada em direção à São Francisco de Paula.







Tomada do alto, avenida Júlio de Castilhos e moças na praça em frente à igreja.



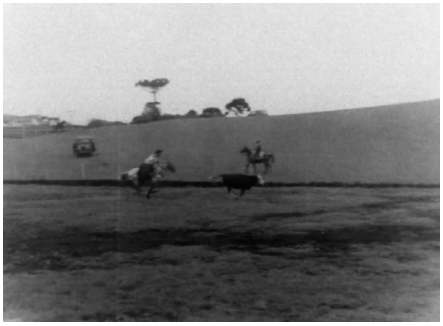


A praça vista em difente ângulos e o prédio da prefeitura.



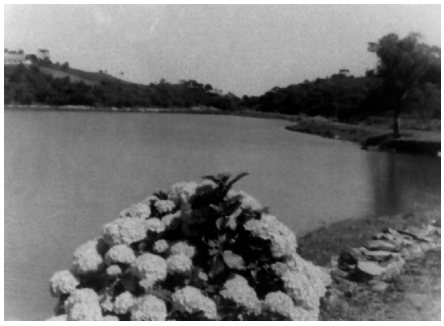



Prédio no centro e parque rural com evento.





Evento com rodeio, feira e dança.

Prendas e o Lago São Bernardo.

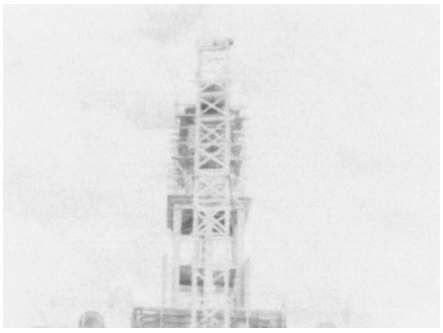
Assista o filme em: https://sites.google.com/view/historia-movimento

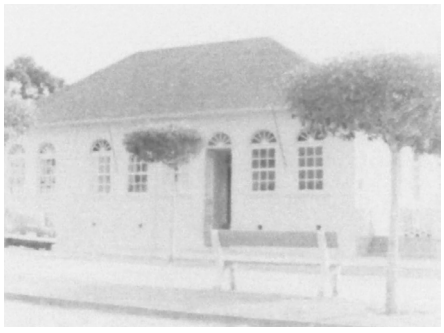
Filme Cidades Gaúchas na TV – São Francisco de Paula. Duração: 14 min.
Data da produção: década de 1960. Suporte original: 16mm. Acervo: IMHC-UCS.





Monumento à Cuia na avenida principal e estudantes.





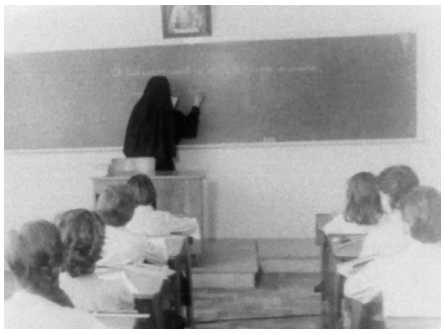
Construção da torre da igreja e prédio da prefeitura.





Apresentação musical tradicionalista.



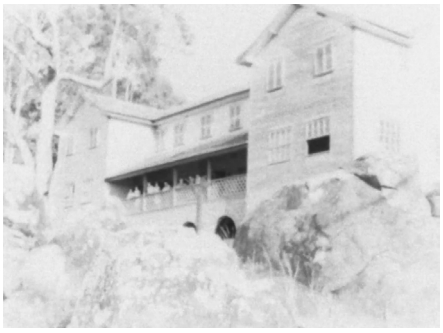


Colégio das irmãs de São José. No quadro-negro, lê-se "O chimarrão...".





Costura, cânion e a barragem do Salto.





Hotel e apresentação musical no Lions Club de S. F. de Paula.





Pensão Hampel e uma fazenda.




Assista o filme em:
https://sites.google.com/view/historia-movimento

Paisagem de uma fazenda (com muro de taipa) e vista central da sede.

Paisagem na estrada para S. F. de Paula. Foto: Anthony Beux Tessari.







Eu saí de São Francisco, o interior fui visitar
Por Tainhas por Contendas, Aratinga e Cambará
Almocei na Jaquirana e no Lajeado eu fui festar
Só em Cazuza Ferreira é que eu fui pernoitar

Por Criúva por São Marcos, Vila Seca e Juá
Na Fazenda e Vila Olimpa e o Salto fui visitar
Que viagem tão bonita no mundo igual não há
O que eu quero nos meus versos é minha terra cantar

São Francisco é terra boa,
de Os Bertussi



Capitel em Rincão dos Kroeff.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Rincão dos Kroeff

Agricultura e memória comunitária

Pertencente ao município de São Francisco de Paula, possui área de aproximadamente 17.064,59 hectares, sendo que cerca de 98,96% desse território corresponde à zona rural. Localizado a cerca de 35 quilômetros da sede municipal, o distrito foi criado oficialmente em 10 de maio de 1950, conforme registra Cardoso (2019).

A configuração territorial do distrito revela uma forte vocação rural. Segundo estudo de Erlo *et al*. (2023, p. 79), trata-se da localidade do município com maior percentual de área destinada às atividades agrárias, totalizando cerca de 18% de áreas agricultáveis. Entre as principais atividades econômicas, destacam-se a pecuária de corte e leite, bem como o cultivo de milho, feijão e batata. Também se desenvolve o plantio de hortigranjeiros — como alface, repolho, brócolis e alho-poró — que abastecem o mercado regional. Além dessas atividades, o distrito abriga espécies arbóreas como pinus, araucária e outras variedades nativas.

Em Rincão dos Kroeff, localizam-se ainda duas importantes áreas de preservação ambiental: a Floresta Nacional de São Francisco de Paula e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Pró-Mata. Essas áreas contribuem para a proteção da biodiversidade regional e representam importantes espaços de pesquisa científica e educação ambiental, além de integrarem o patrimônio natural dos Campos de Cima da Serra.

Em entrevista concedida a Cardoso (2019), em 18 de março de 2018, o senhor Reinaldo Faciole relatou aspectos da trajetória de sua família, mencionando que seu avô teria sido um dos primeiros moradores da região. De acordo com o relato, o avô de Faciole viveu



"Aspecto de um dos extensos e belíssimos pinheirais existentes no município de São Francisco. O clichê acima representa um trecho do soberbo pinheiral da fazenda Santo Antônio, de propriedade do coronel Jacob Kroeff." Fonte: Costa, 1922, p. 420.

durante muitos anos no local, dedicando-se a atividades de subsistência, como a caça de animais silvestres, entre eles o porco-do-mato e o tateto. A carne era conservada por meio da produção de charque.

Ainda segundo o depoimento, outro personagem importante para a formação da comunidade foi Ângelo Menegás, que teria chegado à região no mesmo período. Ambos são lembrados como fundadores do núcleo inicial de povoamento do distrito. A presença de imigrantes europeus também marcou profundamente a formação cultural da localidade. Italianos e alemães estabeleceram-se nela e, no convívio com outros grupos populacionais, contribuíram para a formação de práticas sociais e religiosas características da região.

Entre as tradições preservadas no cotidiano, destaca-se a

produção de alimentos típicos, como o bolo de amendoim, preparado em ocasiões festivas e encontros familiares. Essas práticas culinárias, transmitidas entre gerações, constituem-se como elementos importantes do patrimônio cultural imaterial da comunidade.

Nos últimos anos, novas atividades agrícolas vêm sendo incorporadas ao distrito, ampliando as possibilidades econômicas da região. Dados da escola local indicam sinais de vitalidade demográfica e social, com mais de cem alunos matriculados e turmas que atendem desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Dessa forma, a trajetória histórica de Rincão dos Kroeff evidencia a articulação entre imigração, atividades agrícolas, memória coletiva e preservação ambiental.

Paisagem no Rincão dos Kroeff. Foto: Anthony Beux Tessari.





Tranças firmes

Aurora da Rosa Pasturina de Oliveira, prestes a completar noventa anos de idade, narrou a sua história a partir de uma realidade marcada pelo trabalho, pela escassez de recursos, por desigualdades sociais e pelo preconceito racial. Nascida na localidade de Morro do Chapéu, Aurora carrega em suas lembranças episódios de uma vida com dificuldades materiais e ausências afetivas, mas também marcada por resistência.

Sobre a infância, a idosa hoje recorda que o pai, ex-militar, era severo, expressando a sua disciplina a partir da violência física: "*ele te batia de açoiteira, com aqueles rabos de tatu, na mãozinha… Ele serviu cinco anos na Marinha*". Ele também não permitia que os filhos escolhessem com quem se casar, impondo regras sociais rígidas: "*italiano se casa com italiano, alemão com alemão, negro com negro*".

O preconceito racial também se manifestava de outras formas, inclusive explícitas, sobretudo, nos espaços de sociabilidade. No Rincão dos Kroeff, havia bailes separados para pessoas brancas e para pessoas negras. Em algumas ocasiões, Aurora lembra que chegava a se esconder, para não ser alvo de zombarias:

> *No nosso tempo, era horrível... Para tu ir numa festa, aquelas brancas ria de nós. Tu não podia chegar numa festa... Eu, quando vinha o terço na capela, ali naquela capelinha, eu ficava escondida no mato. [...] Tinha aquela bacia de água benta pra gente beber, assim. E tinha uma pessoa que ficava ali, para rir de nós. Eu não vinha, eu ficava escondida.*





Altar na residência de Aurora de Oliveira, com Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. Foto: Anthony Beux Tessari.

Foram os seus pais, então residentes em Morro Alto, que se mudaram para o Rincão dos Kroeff, levando consigo os três filhos, quando Aurora ainda não era nascida. A mudança da família foi simples, segundo contava o seu pai: "*trouxe tudo na garupa de dois cavalinhos*". A escola, Aurora pôde frequentar por apenas três meses, depois "*o pai não colocou mais*". Sem lembrança de ter aprendido algo, restaram-lhe poucas recordações daquele período, apenas da comida e das bagunças de criança: "*eu não ia para o colégio para aprender, mas para comer a merenda e incomodar [risos]*".

Aurora teve cinco filhos, todos nascidos em casa, em partos difíceis e sem assistência adequada. Três dos seus filhos já faleceram; o mais novo morreu tragicamente, em um episódio ligado a conflitos amorosos. A maternidade foi marcada por sofrimento, agravado por um casamento violento. Ela namorou apenas por um mês antes de

se casar, sem conhecer melhor o homem com quem dividiria a vida:

> *Ele não me deixava sair na rua, ele não deixava eu tomar comprimido e ele não me deixava pegar nenhum dinheiro. Aí, o que que eu fiz? Eu olhei para o céu e pedi pra Deus: "Deus, não me dê mais nenhum filho". [...] Quantos filhos eu ia ter? Cinquenta? Deus me ouviu, os anjos disseram amém. Porque tu botava todos aqueles filhos no mundo, e ele não deixava o que comer. [...] Aí, no lugar da criança, criou um cisto, então eu não podia mais ter filhos.*

Festa na igreja da comunidade, final dos anos 1980 ou início dos anos 1990.
Acervo pessoal de Aurora de Oliveira.





Artesanato produzido por Aurora.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Das muitas situações de violência em casa, Aurora conta que se defendeu quando necessário. Hoje, ao narrar sua história, a idosa impressiona pela lucidez e pela intensidade das lembranças. Sua trajetória revela não apenas uma experiência individual, mas também aspectos da vida rural, das relações étnico-raciais, das desigualdades sociais e de gênero, e das formas de resistência. Sua memória, transmitida pela oralidade, constitui um testemunho valioso a respeito da história e da sociedade da região.

O trabalho principal de Aurora sempre foi na agricultura. Lembra de períodos que viveu de plantar apenas feijão e milho na roça. Em períodos de festa da comunidade, atuou ajudando na cozinha. Inclusive, tornou-se reconhecida por essa atividade, especialmente na preparação de pastéis, feitos artesanalmente e apreciados por todos pela generosidade do recheio da massa, com porções abundantes de guisado. Seu nome chegou a virar referência entre aqueles que frequentavam as festas, que diziam que queriam "*o pastel da Aurora e não pastel de vento*" – diverte-se a idosa, contando com orgulho. E complementa:

> *Eu coloco uma colher de carne e mais meia, e se vende o pastel por cinco pilas. Um dia quase deu uma briga, eu ia apanhar, mas eu ia dar também. [...] Um rapaz dizia que eu gastava cento e cinquenta quilos de carne nos pastéis... Imagina!*

Nas mesmas festas, a mulher, de porte físico corpulento e tom de voz firme e impositivo, ficou também conhecida como uma espécie de segurança dos locais, enfrentando e afastando "brigões".

Sentada ao lado do fogão a lenha, instalado em sua casa de madeira, Aurora hoje passa boa parte do seu tempo, produzindo chapéus e bolsas feitos com palha de aveia e de tiririca. Diz que alguns de seus produtos já foram vendidos para Porto Alegre e para o estado de Santa Catarina e que depende de que colham para ela as plan-

tas, as quais lhe servem de matéria-prima, devido à dificuldade atual de locomoção. Porém, ela ainda demonstra grande força nos braços, compondo, de forma ágil e habilidosa, as tranças de palha. Materializa e transmite assim o saber de uma mulher negra e nonagenária.





Artesanato em palha de aveia e retratos de Aurora. Foto: Anthony Beux Tessari.





Altar na casa de Aurora.
Foto: Anthony Beux Tessari.


Mãe,
na Terra não existe ser tão amável quanto você. A luz do teu amor guia me pelos caminhos da minha vida.
Te amo.
Eu te Amo
JESUS VOLTARÁ
AÇÃO ENTRE AMIGOS
FESTA 19,20 e 21
FESTA 19,20 e 24
BANDA MP3



Sementes crioulas

Santo David Scalcon nasceu em 1954 e é natural do Rincão dos Kroeff, localidade onde viveu toda a sua vida. É descendente de uma família que emigrou da Itália para o Brasil: seus bisavós – o nono Scalcon e a nona Mascarello – estabeleceram-se inicialmente em Flores da Cunha, passando depois por Potreiro Velho, em São Francisco de Paula, e finalmente escolhendo o Rincão para residirem. Santo herdou a propriedade da família, a mesma onde reside até hoje, ao lado da esposa e de uma das filhas.

Segundo seu relato, um de seus tios teve papel fundamental na instalação de um moinho na localidade próxima, chamada Guaravira, o qual foi construído inteiramente em madeira: "*o meu falecido nono João, ele era pedreiro e carpinteiro. Ele fazia até pipa, ele fazia tudo. E teve os filhos dele que ajudaram. Como não tinha moinho, meu tio montou o moinho*". Na época, a estrutura atendia à produção de milho e de trigo e era essencial para a subsistência das famílias, que levavam seus grãos a cavalo para serem moídos.

Durante muitos anos, o Rincão dos Kroeff e arredores próximos contaram com três moinhos em funcionamento, o que demonstra a intensidade da produção agrícola local e a necessidade de consumo da farinha. Com o tempo, todos foram desativados, muito em função de terem sido afetados por obras que impactaram o rio:

> *Faz anos que terminaram. Foi terminando as calhas, foi terminando as águas, enfraqueceu as águas. Fizeram represa, então, às vezes, dava dois dias só por semana para moer.*

Santo recordou em detalhes o cotidiano ligado ao plantio e à transformação dos alimentos. O trigo, o milho e o centeio eram cultivados em grande quantidade, garantindo farinha suficiente de um

ano para o outro. O transporte dos grãos em bruacas, usadas para proteger da chuva, e a espera pela moagem fazem parte de um tempo em que a vida girava em torno desse tipo de trabalho.

Desde cedo, Santo esteve ligado às atividades rurais. Depois de cursar até o quarto ano, com a ausência do quinto livro na escola, acabou abandonando a instituição. Apesar de demonstrar facilidade com os estudos, especialmente em matemática, Santo optou por seguir aprendendo com o pai, que lhe ensinava o ofício da agricultura, muitas vezes falando com ele apenas em dialeto, preservando assim a língua materna e os costumes herdados dos antepassados.



Eu passei para a quinta série, com 12 anos. Só que não conseguiram os livros para a quinta série. Comecei a ir para a aula e disseram: "vocês vão ter que repetir a quarta". Eu disse para a professora: "vou repetir o que eu já sei? Eu não vou perder tempo". [...] A professora Idalina veio aqui, pediu para o meu falecido pai para eu continuar. Ele disse: "mas o que eu vou fazer?". Ela: "ele vai se arrepender...". Eu disse: "acho que não, professora. O que eu vou fazer lá, perder mais de um ano sabendo que o pai precisa de mim para o serviço?". Então, comecei a bater foice com 12 anos e a derrubar mato.

Até hoje, Santo mantém práticas tradicionais de cultivo. Trabalha com milho, feijão e alho, utilizando sementes crioulas. Sempre rejeitou o milho híbrido, defendendo o milho de variedade Cunha pela qualidade, sabor e resistência: "aguenta no galpão antes de bichar". Para ele, o milho tradicional é também mais nutritivo, adequado tanto para a alimentação humana quanto para os animais: "é um milho macio, não precisa nem triturar para o gado". O seu cuidado na escolha das sementes, retiradas apenas do meio da espiga, revela um conhecimento técnico advindo da experiência.





Milho estocado na propriedade de Santo Scalcon. Foto: Anthony Beux Tessari.



A alimentação da família de Santo está ligada ao que é produzido na sua propriedade. A farinha de milho é base para o pão, a polenta e o cuscuz, presentes no cotidiano. A criação de porcos e galinhas complementa a subsistência. Também preparam linguiça com carne de porco e fazem a receita local do bolo de amendoim.

Outro aspecto de seu saber agrícola é a observação das fases da lua. Santo segue os ensinamentos do pai para definir os melhores períodos de plantio, acreditando que a lua minguante é a mais adequada para culturas como milho e feijão, enquanto a lua cheia favorece plantas de raiz. Esses conhecimentos, passados oralmente, seguem orientando suas práticas até hoje.

Além do trabalho, Santo também participou ativamente da vida social da comunidade. O futebol, a bocha e os jogos de cartas eram formas de lazer nos fins de semana. No jogo de bocha, destaca-se como jogador, tendo conquistado diversos troféus em torneios realizados pela região. A música também marcou sua trajetória: cantava canções sertanejas, gaúchas e italianas em festas e encontros,



Trabalho na propriedade rural, foto de acervo pessoal. Na página ao lado, alimentos para o almoço cozidos no fogão a lenha: cuscuz, feijão, aipim e arroz. Foto: Anthony Beux Tessari.

preservando a tradição do canto coral.

Casado com Márcia Sousa Scalcon desde 1985, construiu uma família que herdou o trabalho na roça. Márcia, de origem “alemã” pela parte materna e “brasileira”, pelo lado do pai, também traz em sua história as marcas do trabalho na lavoura e da dedicação à família. Largou a escola cedo para cuidar da mãe e dos irmãos:

> *Eu estudei até o terceiro ano, aí depois o pai e a mãe não tiveram mais condições. Ele quebrou a perna, daí não podia mais trabalhar. Então a mãe que sustentava nós. Eu cuidava dos irmãos mais pequenos, e ela ia para a lavoura.*

Juntos, Santo e Márcia criaram quatro filhos – dois homens e duas mulheres –, sendo que uma filha ainda mora com os pais e os auxilia em casa. A vida dessa família demonstra um modo de vida rural marcado por saberes tradicionais e pela preservação de uma identidade cultural de forte ligação com a terra.

Criação de aves. Foto: Anthony Beux Tessari.





O casal Santo e Márcia Scalcon. Foto: Anthony Beux Tessari.



Lembranças e heranças culturais

Inácio Schmitt Lauxen, 64 anos, e Margarete Sita Lauxen, 58, são naturais do Rincão dos Kroeff, local onde também se casaram e até hoje residem. Suas origens familiares remetem aos fluxos migratórios característicos do Rincão: a família de Inácio tem raízes alemãs, com ascendência materna vinda de Picada Hartz (antigamente pertencente à Sapiranga) e paterna, de Pinhal Alto, localidade de Nova Petrópolis; já Margarete descende de imigrantes italianos, com seu pai vindo do distrito caxiense de Santa Lúcia do Piaí, enquanto sua mãe era oriunda de Osório. A propósito dela, Margarete destacou que a mãe se casou com seu pai quando este era viúvo e assumiu a criação de seus oito filhos, nascendo depois Margarete.

A infância de Inácio e Margarete foi ligada ao trabalho e à convivência comunitária. Desde cedo, conciliavam a escola com as tarefas da lavoura e da casa. As brincadeiras daquela fase da vida eram simples e comuns às demais crianças: futebol, carrinho de lomba, caçadas com bodoque, casinha, boneca, pular corda e subir em árvores. Suas lembranças mais antigas falam de um cotidiano em que não existia energia elétrica e no qual a produção de alimentos era quase totalmente doméstica: matava-se porco, guardava-se a carne na banha, faziam-se pães, cucas, marmeladas, vinagre e doces de frutas.

No período de juventude, os momentos de lazer eram animados pelos bailes, realizados na igreja ou no clube da comunidade, com a presença de conjuntos musicais conhecidos na região, como Os Atuais, Presilha Serrana, Os Bertussi, Porca Véia e Os Serranos. O espaço comunitário também recebia eventualmente exibições de filmes, sendo lembradas as produções de Teixeirinha. Foi nesse

contexto que Inácio e Margarete se conheceram, em um encontro casual na estrada, num dia de eleição e próximo ao armazém da vila, iniciando então uma relação que já dura mais de quatro décadas.

A religiosidade ocupa lugar importante nas memórias do casal. Criados na tradição católica, lembraram das orações em família, dos terços e dos círculos bíblicos realizados nas casas da comunidade. Participaram ativamente da organização das festas da igreja, especialmente na cozinha, preparando os almoços, servidos com churrasco, saladas, maionese e cucas, muitas vezes a partir de doações feitas pelos próprios moradores.



Margarete: a minha mãe tinha o costume de fazer os pãezinhos de São Roque. E os pão do churrasco, ela fazia, pequenininhos. Antigamente, era feito tudo aqui. Também se assava as galinhas nos fornos de barro. E a mãe do Inácio trabalhava nas festas, sempre.

Inácio: Ia de casa em casa pedindo auxílio. Quando o meu pai e a minha mãe foram festeiros, eles ganharam 46 galinhas. Nós levamos tudo lá para casa e, com meu irmão, nós preparávamos. Fervia água em um panelão, depenava e sapecava elas. Depois, as mulheres limpavam e temperavam, para então assar no forno.

Ainda quanto à religiosidade, há cerca de 15 anos, o casal passou a frequentar a igreja evangélica, motivados por perdas familiares e pela acolhida encontrada nesse novo espaço religioso. Em sua propriedade, mantêm um local reservado para os cultos da igreja e pontuam que, também há alguns anos, existe outra denominação religiosa na localidade, a Assembleia de Deus.

Tensões e desigualdades presentes na história local, especialmente no que diz respeito às relações raciais, foram outros as-

pectos relatados. O casal recorda que, no passado, viam ocorrer discriminação contra pessoas negras, com a separação de bailes entre “brancos” e os chamados “morenos”.

No campo do trabalho, Inácio e Margarete vivenciaram algumas transformações da economia rural. Tendo iniciado na agricultura tradicional – com o plantio de milho, feijão, fumo e criação de animais –, atualmente trabalham no cultivo de frutas vermelhas, como amora, framboesa e mirtilo, atuando em forma de parceria com o proprietário das terras dos pomares situados no distrito. Sobre a atividade, o casal destaca o seu caráter delicado e intensivo, que exige cuidado manual, organização e esforço coletivo: “*é um trabalho delicado, quase uma terapia, tem de colher um por um, com a participação de nove a dez pessoas*” – explicou Inácio.

Plantação de amoras, onde trabalha o casal Inácio e Margarete. Foto: Anthony Beux Tessari.





Pomar de mirtilo. Foto: Anthony Beux Tessari.

As lembranças do casal Inácio e Margarete constroem um retrato do cotidiano e da cultura do trabalho no Rincão dos Kroeff, a partir de dois descendentes de famílias que migraram no passado para a região. A sua herança cultural é compartilhada e continuada pela filha do casal Daiane, professora na escola da comunidade.

Daiane Sita Lauxen Ramos, 34 anos, atua na Escola Municipal de Educação do Campo Gastão Englert, localizada no Rincão dos Kroeff, desde a sua graduação em Pedagogia, e hoje também ocupa o cargo da direção da instituição. A escola atende da Educação Infantil ao nono ano, com turmas multisseriadas e regime de tempo integral, estratégia adotada para garantir a permanência dos estudantes na própria localidade. Resulta disso que a escola é um dos principais pontos de referência da comunidade, também devido às mudanças demográficas locais.

Conforme explica a professora, historicamente o Rincão dos Kroeff apresentava uma organização territorial formada por diversas localidades, como Santo Antônio, Santa Tereza, São Roque, Cravina e Potreiro Velho, todas elas com vilas, capelas, escolas e vida comunitária. Com o passar do tempo, sobretudo a partir do final da década de 1990, ocorreu um processo de diminuição populacional e de fechamento das escolas dessas localidades, concentrando as atividades educacionais na sede do Rincão. Atualmente, embora todas essas localidades ainda existam, a escola da sede é a única em funcionamento, atendendo a estudantes de diferentes pontos do distrito.

A valorização da cultura local tem sido uma das principais frentes de atuação da escola do Rincão. Projetos pedagógicos buscam registrar e difundir saberes tradicionais, práticas agrícolas vinculadas à história local, receitas e manifestações culturais herdadas das matrizes alemã e italiana, também transformadas pelas relações interétnicas. Entre os elementos mais significativos destacados por Daiane, estão o cultivo e a preservação de sementes crioulas, especialmente a do milho, utilizado na produção da farinha, e a elaboração de receitas locais, como o bolo de amendoim, considerado um prato próprio da comunidade.



Nós estamos fazendo esse resgate com os alunos. Inclusive, a comunidade tem sido bem participativa, temos trazido as histórias, a questão do cuidado com as sementes, pois tem muita semente que é só nossa, daqui do Rincão, não são transgênicas. A cuca também é feita em forno de barro, e a nossa escola está terminando de construir o nosso próprio forno de barro, para que a comunidade possa ensinar os nossos adolescentes a não perder essa cultura.



Outras práticas culturais valorizadas incluem a produção de massas caseiras como tortéis, a polenta, o artesanato, trabalhos manuais e a música, com presença de instrumentos como gaita e violão. Festividades religiosas, especialmente as festas da igreja, em homenagem aos padroeiros São Roque e Nossa Senhora das Graças, continuam sendo momentos importantes de encontro, celebração e fortalecimento dos laços comunitários. Além disso, a escola promove eventos como o “Sábado Cultural – Festa na Colônia”, que busca substituir festas juninas tradicionais por celebrações alinhadas à cultura local, privilegiando danças, culinária, vestimentas e línguas maternas dos antepassados, como o alemão e o talian.

Na visão da professora, essas ações têm despertado nas crianças e nos jovens um novo olhar sobre o lugar onde vivem e fortalecido neles o sentimento de pertencimento e de identidade. Nesse sentido, a escola do Rincão dos Kroeff tem desempenhado um papel de articulação comunitária e de promoção de ações que mobilizam a memória e a cultura local, com forte repercussão entre as famílias que vivem do campo.



Milho de variedade ‘rajado’, mantido na escola para atividades pedagógicas com os estudantes. Foto: Anthony Beux Tessari.



Estrada em Rincão dos Kroeff.
Foto: Anthony Beux Tessari.

© Anthony Beux Tessari

Página Tradicionalista

Direção de Clovis Pinheiro e J. L. Maineri

«Cavalhadas»: Divertimento Gaúcho

Joaquim P. LISBOA

Entre as velhas tradições populares apresentadas ainda hoje em diversos municípios riograndenses, com aquele esplendor de montagem e o aparato de exibição, destacam-se as «cavalhadas», ou melhor «as corridas de cavalhadas», verdadeiros torneios equéstres, que nos vieram de além-mar, remotas éras, e que o tempo e as novidades introduzidas nas festividades atuais ainda não conseguiram sepultar no esquecimento.

As «cavalhadas» foram e são divertimentos que atraem grande assistência. Encerram uma série de motivos interessantes, e que muitos interessantes, e que muito dizem com o temperamento do gaúcho.

A exibição do cavalo bem aparado de prataria; a demonstração das qualidades de bôa rédea do animal que é o fruto de um dôma caprichósa; os personagens simbólicos que se degladiam nos campos opóstos — mouros e cristãos — em peleias de sobrevivência; a simulação dos entrevêros e das lutas de peito a peito que foram comuns no nosso passado de guerras e guerrilhas; o manêjo das velhas armas — lança, pistolas e espadas —; as correrias e os p'ancheios das montarias; as gentilezas para com a mulher quando dos singulares torneios das «argolinhas», levantadas à ponta das lanças em corridas desabaladas, constituem as linhas de manobras que esquadrões e figurantes realizam durante uma «corrida de cavalhada».

—:o:—

Nêste meio século XX, as corridas de cavalhadas» vêm se realizando ainda em diversos municípios de nosso Estado.

No coração do Rio Grande, na histórica cidade de Caçapava, realizaram-se, há bem pouco tempo, originais corridas por ocasião da também tradicional Festa do Divino Espírito Santo. Foram exibições gaúchas que alcançaram grande acontecimento.

No nordeste, na cidade de Vacaria e no seu distrito de Muitos Capões; em São Francisco de Paula de Cima da Serra, nesta década do calendário, foram teatro dessas demonstrações.

As origens as «corridas de cavalhadas» prendem-se na noite dos tempos. Em tése apresentada no 5.o Congresso Tradicionalista, Luiz Ayrton Gorga, traduz em um estudo de pesquizas o seu ritualismo: «O seu desenrolar nos lembra as éras medievais, em que mouros e cristãos, disputaram por mais de quatro séculos, a supremacia do velho e heróico continente europeu. Criistãos e mouros constituem os dois grupos contendôres das «cavalhadas», sendo que a grande batalha se trava em tôrno da

Pinceladas Tradicionalistas

Suzana POSTALI

Recebemos da prenda Suzana Postali, talentosa escritora de «Pinceladas», e que presentemente está lecionando em Gramado, êste macanudo chasque.

Na cidade de Gramado, chão do eficiente Sr. Prefeito Walter Bertoluci, em tôdas as noites de quarta-feira, reune-se um grupo de jovens para ensaiar tudo aquilo que o passado riograndense lhes legou.

O nome do Centro de Tradição Gauchas é «Manotazzo» comandado pelo Hortencio Gill e com um apoio muito bom do «peonzito» Mariano.

Dois violões e uma acordeona assinalam a cadência ligeira de cada um de seus números, por sinal marca de estância, porque até a dança do «Pézinho» deixa de ser singela para surgir ráp'da e vibrante.

Há entre êles alguns guascas chucros, mas com muita vontade, desenvolvida por outros bons domadores, que para isso mesmo, ali estão.

E' sem «galpão campeiro», o que não é questão, porque o pó que se eleva do antigo assoalho, é mostra da investida com que enfrentam o «Maçanico» e a «Chimarrita», o que afinal torna-se fator de autenticidade. Também é sem cantos, sabe-se lá por que, e assim a letra da «Cana Verde», perde a oportunidade de se fazer gostar.

Durante um intervalo é que êles mostram as qualidades particulares de seus integrantes. Precisava ver, o patrão Hortêncio contando as máguas do verdadeiro «manotazzo» que certa prenda deu em seu coração, ou a declamação de «Adaga» por um outro gaucho «mui bueno», opinião esta que a gente reforça quando o vê dançar o «Anú».

Nome? Não deu para saber!

Prenda também teve vez, e isto foi quando surgiu a Adalcira.

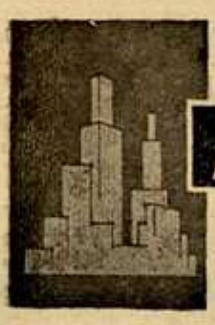
Na charla, laçada de vez em quando, ouve-se opiniões, sôbre os centros tradicionalistas das cidades vizinhas, recaindo no de São Francisco os elogios mais afiados.

Contam coisa boa, de um rodeio lá em Taquara, que os recebeu com uma decoração gauchesca muito aproximada do natural.

Nisto, o jovem patrão dá início à dança do «Pau de fita». Novos associados substituem os veteranos, e as côres do Rio Grande vão sendo tramadas com capricho.

Para terminar, em uma só voz, dá-se um salve, colocando no coração, mais um nós de pinho para aquecer o fôgo da tradição.

E é êstes companheiros, que hoje toma a dianteira da turma aqui de casa, para com «lealdade» cumprimentar.



ACA imóveis

Avenida Julio de Castilhos, 1511 — Telefone 703
Direção de DALTRO TREMEA — Caxias do Sul

A BARBADA DA SEMANA — Um auto Fiat - 1948, 4 portas, sujeito a qualquer exame. Pneu em ótimo estado. Preço d eoportunidade: com Cr$ 70.000,00 de entrada e o saldo em 12 prestações de Cr$ 6.000,00 — Sem juros — Ou Cr$ 125.000,00 à vista.

25 hectares de terra - próprio para plantação de trigo — boa aguada — negócio urgente motivo mudança



Na recente Festa Gauchesca, realizada em Gazuza Ferreira, em data de 8 de maio do corrente ano, vemos os jovens Horácio Luiz Castilhos e Antonio Walderius Castilhos, dupla de irmãos, que apresentaram a tradicional encenação da luta entre os Mouros e Cristãos, na originalidade de seus trajes, na sua ótima apresentação êles mereceram a atenção da página tradicionalista do PIONEIRO.

Cazuza Ferreira

Hospedagem e manifestações culturais

O distrito possui área estimada de aproximadamente 68.726,50 hectares, sendo cerca de 99,75% desse território composto por área rural. Trata-se do maior distrito do município e localiza-se a cerca de 82 quilômetros da sede municipal, com acesso realizado principalmente por estradas não pavimentadas. Sua criação administrativa remonta a 7 de janeiro de 1907, embora algumas fontes indiquem a data de 7 de janeiro de 1903, poucos dias após a emancipação do município.

De acordo com Cardoso (2019, p. 36), a formação da vila está associada à doação de terras realizada por José Ferreira de Castilhos, proprietário de extensas áreas na região. Segundo a narrativa histórica registrada pela autora, o início do povoamento esteve relacionado à presença de um personagem conhecido como Chico Mestre, que percorria as casas da região realizando orações e atividades religiosas. Como as residências se encontravam muito distantes umas das outras, tornou-se necessário criar um espaço comum de encontro. Dessa forma, foi construída uma igreja que passou então a desempenhar papel central na organização da comunidade. A igreja não apenas atendia às práticas religiosas, mas também se constituía como espaço de sociabilidade e referência territorial para os moradores.

A história econômica da localidade aponta períodos de mais desenvolvimento seguidos de momentos de menos crescimento. Em entrevistas realizadas por Cardoso em 2018, a moradora Célia Pacheco Terres relatou lembranças transmitidas por seu pai sobre o de-

Ao lado: página do jornal O Pioneiro, 27/6/1959. Acervo: AHMJSA.



Comércio, imagem de 2013. Foto: Aldo Toniazzo/IMHC/UCS.

senvolvimento da vila. Segundo ela, em diferentes momentos, existiram na localidade pequenas iniciativas produtivas, como fábrica de guaraná, produção de queijo e atividades ligadas à selaria. Contudo, muitas delas desapareceram ao longo do tempo, principalmente pela falta de continuidade das atividades pelas gerações seguintes.

Posteriormente, a exploração madeireira passou a desempenhar papel de relevância na economia local, especialmente com a instalação de serrarias que utilizavam a madeira de araucária, abundante na região. Durante esse período, a vila experimentou um aumento de movimento econômico e populacional. Entretanto, com o esgotamento dos recursos florestais e a diminuição da atividade madeireira, muitas famílias deixaram a região em busca de novas oportunidades, diminuindo significativamente a população local.

As origens da vila também são descritas em depoimento de Nauro Bossle de Andrade, que menciona a doação de terras realizada por José Ferreira de Castilhos para a criação do núcleo urba-

no. Segundo o relato, a localização inicial prevista para a vila seria em área próxima à atual cancha de laço. Contudo, o terreno não apresentava condições adequadas para a construção. Diante dessa situação, foi realizada uma permuta com o proprietário Bossle, permitindo a instalação da vila no local onde ela se encontra atualmente.

Além das questões econômicas e territoriais, a cultura local constitui elemento marcante da identidade do distrito. Cazuza Ferreira é conhecida regionalmente pela realização de cavalhadas – manifestação tradicional que remete a encenações históricas e festividades populares presentes em diferentes regiões do Brasil. Esses eventos, juntamente com rodeios e outras celebrações comunitárias, reforçam os vínculos sociais entre os moradores e mantêm vivas práticas culturais transmitidas entre gerações.

Outro elemento significativo da memória local é representado pela presença do antigo hotel da vila, que permanece como marco material da história da comunidade.



Ferreiro em atividade no distrito, imagem de 2013. Foto: Aldo Toniazzo/IMHC/UCS.



Igreja na sede da vila, imagem de 2013. Foto: Aldo Toniazzo/IMHC/UCS.



Paisagem com campos, imagem de 2013. Foto: Aldo Toniazzo/IMHC/UCS.



Vista da vila, imagem de 2013. Foto: Aldo Toniazzo/IMHC/UCS.



Preservar uma tradição

Célia Pacheco Terres Basso, 72 anos, nasceu na localidade de Mato Queimado, distante 12 quilômetros da sede do atual distrito de Cazuza Ferreira. É a caçula de uma família numerosa, composta por 14 irmãos. Sua infância foi marcada pelo trabalho no campo, auxiliando nas atividades domésticas e rurais na propriedade do pai, então dedicada à agricultura e à pecuária. Recordando aquele período e comparando-o com a atualidade, Célia observa que antigamente o manejo do gado era em outro ritmo e que hoje as exigências para se manter no trabalho na terra são muito diferentes:

> *Eu lembro do tempo do meu pai. Nascia o terneirinho, levava quase de um ano para o outro. Era um manejo demorado. E tirava o leite das vacas, para fazer o queijo. Para aquela época, tudo certo, mas hoje a evolução está muito rápida. A agricultura está bem expandida, mas viver só da agricultura e da pecuária está bem complicado. Hoje, são propriedades pequenas. A maioria, está sobrevivendo com um casal e, às vezes, um filho. A maioria do povo daqui dessa região, os mais novos, foram embora, se casaram e foram procurar outros lugares. Difícil para viver aqui assim, só da agricultura.*

Apenas os cinco irmãos mais novos de sua família é que tiveram a oportunidade de estudar. Célia frequentou os primeiros cinco anos de sua formação na escola rural de Mato Queimado, instalada em um terreno doado pelo seu tio, e com a denominação em homenagem ao seu avô, Lino Antônio Terres. Na sequência, o pai de Célia adquiriu uma casa em São Francisco de Paula, para onde ela seguiu e pode avançar nos estudos, primeiro terminando o ginasial na escola das freiras e, depois, frequentando a então Escola Normal José de Alencar. Ali, cursou o magistério, optando pela carreira de professo-

ra, uma das poucas profissões destinadas às mulheres:

> *Naquele tempo, quarenta e tantos anos atrás, as mulheres não tinham grandes aspirações. Para sair de casa, era para ir se empregar no comércio. Sem estudo, tu não conseguias nada, então ser professora era o foco. Não lembro se eu tive alguma reação, mas acho que não. Era o que tinha. Eu tenho três irmãs que são professoras também.*

Formada professora, retornou à Cazuza Ferreira, atuando por 43 anos na atividade, até se aposentar, sempre na instituição escolar da localidade, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Ritter. Ao longo desse longo período, acompanhou profundas transformações na educação rural: o fechamento das pequenas escolas do interior e a concentração dos alunos nas escolas-polo na sede dos distritos, a instalação do transporte escolar e as mudanças nos métodos de ensino e de avaliação. Sobre estes, observa com olhar crítico as mudanças no sistema educacional, especialmente no que se refere à progressão automática e à falta de recursos humanos, problemas que, segundo Célia, impactam diretamente a qualidade do ensino. Ainda assim, reconhece avanços importantes e destaca a dedicação dos seus colegas professores em manter a escola como um dos espaços de referência da comunidade.

Além da educação, Célia exerce papel fundamental na preservação das manifestações culturais de Cazuza Ferreira, especialmente como uma das organizadoras da Festa das Cavalhadas. Com lembrança da ocorrência desses eventos desde sua infância, a manifestação cultural ganhou novo fôlego a partir da década de 1990, quando o grupo de corredores se organizou na forma de uma associação, com o objetivo de manter viva a tradição. Célia atua hoje como secretária e uma das articuladoras do grupo, responsável pela organização dos eventos e, por muitos anos, fez a narração das apresentações. Em seu relato, contou como o grupo se organizou

inicialmente e como assumiu a função de narradora:

> *Desde que eu era criança, existiam as Cavalhadas aqui em Cazuza, coisa muito antiga. Eu lembro que, quando a gente era criança e a gente vinha pra Cazuza, nas festas, tínhamos medo, por causa dos tiros, por causa dos palhaços e aquela coisa toda. [...] Com o passar do tempo, depois que eu me casei, que eu vim morar em Cazuza, tive os filhos, e estava dentro da minha família o desenvolvimento das Cavalhadas. Hoje, o presidente do grupo é o meu cunhado. É uma coisa de família, de pai para filho. [...] Eu comecei a acompanhar o grupo. A primeira cavalhada que eu fui, foi em Cambará do Sul. O grupo foi convidado para fazer uma apresentação e eu fui, para levar o meu filho Charles, que tinha sete anos. Quando eu estava no ônibus que levava os acompanhantes, alguém chegou em mim e disse que eu tinha que falar alguma coisa lá, porque eu era professora, e professora, tu sabe, é sempre bem-vista e querem que ela dê conta, mesmo que às vezes ela não consiga dar conta de tudo [risos]. "Mas tem que falar alguma coisa lá...". Eu disse: "Mas tem que falar o quê?". A pessoa: "Ah, tem que fazer uma narração?". "Mas eu não tenho capacidade, eu nunca acompanhei, nunca me importei com história, nada." – eu falei. "Ah, mas é tu que vai ter que dar o jeito" – me disseram. Tinha um senhor, que naquela época não era tão idoso, estava indo para correr. No ônibus, eu me sentei do lado dele, peguei um papel*



Célia guarda em sua residência o acervo de peças utilizadas nas corridas da Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira.

e caneta na bolsa, e fui perguntando para ele, e ele foi me dizendo. E aí eu tive que encarar aquilo, sem nunca nem ter pensado... Fiz a narração, mas como as pessoas que estavam na plateia não conheciam muito... A partir de então, eu tive que começar a estudar, a saber mais, e passei a participar do grupo. Em 1994, foi criada uma diretoria, foi feito o CNPJ, foi oficializado o grupo, para podermos participar de eventos, para ficar legalizada. Começaram a surgir exigências do Exército também [devido ao uso de garruchas]. Hoje, temos uma diretoria legalmente constituída, e eu sempre faço parte.



O grupo de corredores, em foto datada de 1996.
Acervo pessoal: Célia Pacheco Terres Basso.



Antigos corredores, em registro possivelmente da década de 1940.
Fotografia exposta durante a Festa das Cavalhadas de 2013.

Segundo Célia, após a formalização do grupo, foi realizada a primeira Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, evento que se tornou tradicional na comunidade. Tenta-se promovê-lo a cada dois anos, embora em alguns períodos, como o da pandemia de Covid-19, a frequência tenha sido impactada. Sobre o roteiro da apresentação, um texto elaborado pelo Grupo de Corredores de Cavalhadas de Cazuza Ferreira explica os principais movimentos e personagens da encenação:

Corrida das Cavalhadas

A Cavalhada é uma apresentação de caráter dramático-religioso, que retrata uma batalha ocorrida no ano de 768, na França, quando reinava Carlos Magno. É apresentada por 24 cavaleiros, sendo 12 vestidos de vermelho, representando os mouros, que eram islamitas, adoradores de Maomé, e doze vestidos de azul, representando os cristãos, defensores da Igreja Católica.

O motivo da discórdia entre os dois exércitos era religioso, agravado pelo amor de Floripa, princesa moura, por um soldado cristão.

Este teatro, se assim podemos chamar, começa com a morte do espia (espião que observa os cristãos). Cada exército faz a apresentação disposto numa fila, onde o primeiro cavaleiro denomina-se o "guia", que comanda o grupo, o terceiro cavaleiro é o "embaixador", o qual leva as mensagens e tratativas ao lado adversário, e o sétimo corredor é o "contra-guia", que em determinados momentos lidera uma segunda fileira juntamente com os cinco últimos corredores. O "contra-guia" é acompanhado por um menino que carrega a bandeira de seu povo, o estandarte.

A Floripa, princesa moura, segue atrás do guia mouro até ser raptada pelos cristãos, passando assim a integrar o exército azul.



Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, em 2013.

Os "palhaços" são figurantes neutros que possuem indumentária própria e servem como espias, mensageiros e ajudantes de ambos os exércitos.

Após várias escaramuças com combates de lança, garrucha e espada, os embaixadores seguem até o meio do campo de batalha, aonde, ao empinar de seus cavalos fazem tratativas de paz. Como não chegam a um acordo, segue a batalha, e os cristãos acabam por roubar a princesa moura. Segue ao rapto da Floripa a prisão dos mouros e sua conversão para o cristianismo. Logo após acontece o batismo da Floripa e dos corredores mouros na Igreja.

Dando segmento ao desfile acontece a parte esportiva das cavalhadas, composta pelo tiro das cabeças e das argolinhas. O encerramento se dá com a despedida, em que os corredores fazem evoluções abanando lenços brancos selando a paz e se despedindo do público.

Para representar o prêmio pelas vitórias, os corredores ganham argolinhas enfeitadas com uma fita da cor de seu exército, Tais argolinhas são distribuídas para amigos, namoradas ou esposas, retribuindo a amizade e o companheirismo destes.

Texto elaborado pelo Grupo de Corredores das Cavalhadas de Cazuza Ferreira.








Fotografias de Aldo Toniazzo e Anthony Beux Tessari.







Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, em 2013.
Fotos: Anthony Beux Tessari.



Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, em 2013.
Foto: Anthony Beux Tessari.





Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, em 2013.
Foto: Anthony Beux Tessari.







Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira, em 2013.





Fotos: Aldo Toniazzo.

O evento principal da corrida dura de duas a três horas, durante a manhã. Antigamente, chegava a se estender por dois dias. Em Cazuza Ferreira, a parte final da corrida ocorre na igreja, onde é realizada uma celebração religiosa, e depois o público segue para um almoço de confraternização. A parte da tarde é reservada para as provas esportivas e, à noite, tem o baile:

> *A parte esportiva é o "tiro das cabeças": eles colocam nos quatro cantos da praça uma estaca, com uma latinha em cima, simbolizando uma cabeça. Eu fui lá em Santo Antônio, em cavalhada, uma vez assistir e eles tinham a cabeça tipo de um manequim, meio forte, daí parecia uma pessoa! Aqui, nós usamos latinhas. Eles colocam a latinha nos quatro cantos, porque a batalha é com a lança, com a espada e com a garrucha. [...] De noite, sempre tem o baile, com os corredores fazendo a polonaise. Eles vêm com a roupa normal do baile, põem a túnica em cima, e daí, ou com a esposa, ou com a namorada, ou com alguém, formam os pares e fazem o desenho da polonaise, que é uma dança bonita.*

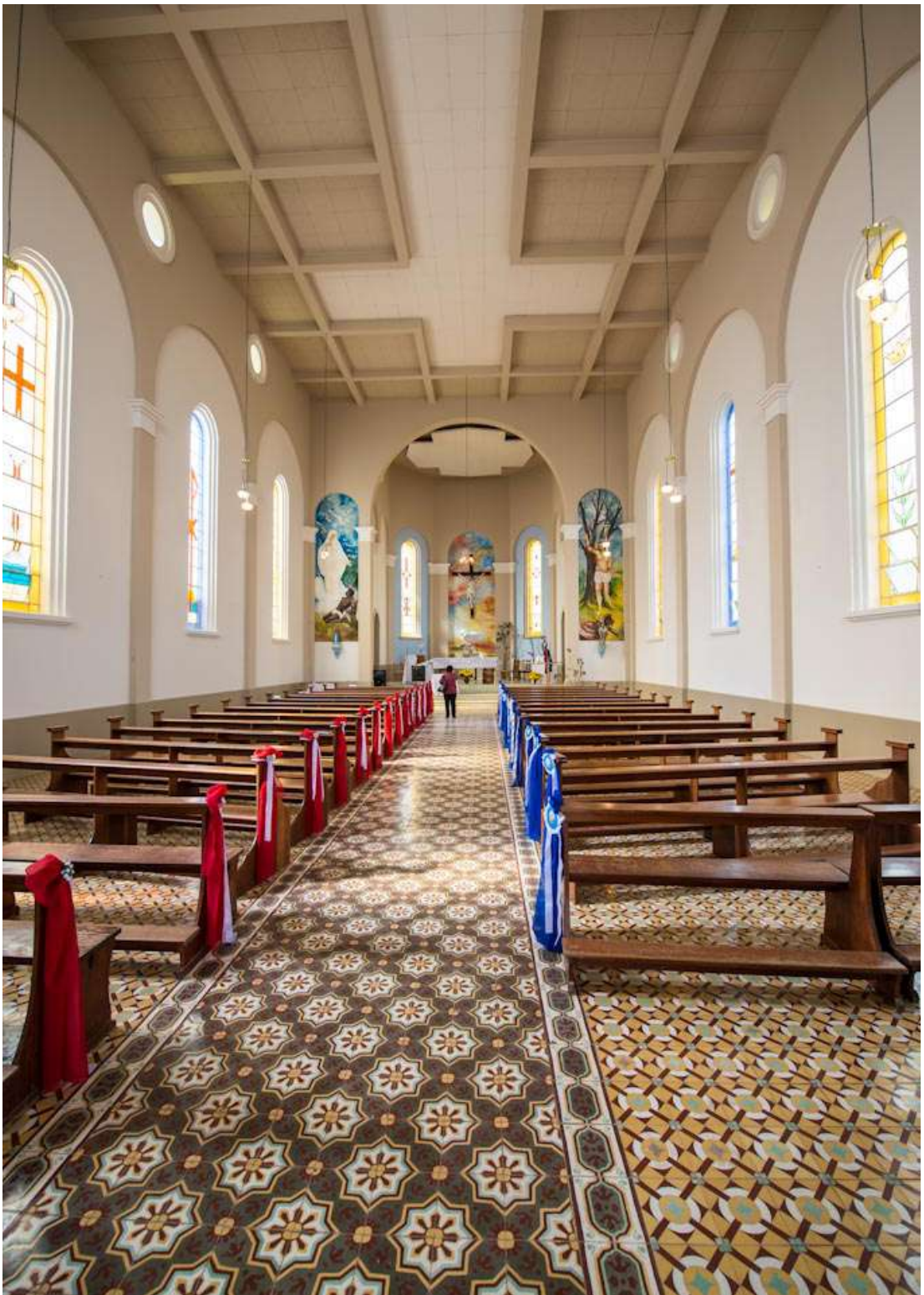
Além de Cazuza Ferreira, as Cavalhadas ocorrem em outras localidades espalhadas pelo país, com predominância nas regiões Sul e Centro-Oeste, como é o caso das Cavalhadas de Santo Antônio da Patrulha (RS) e das Cavalhadas de Pirenópolis (GO), esta registrada como patrimônio cultural imaterial nacional. A tradição tem ocorrência desde o período colonial brasileiro, no século XVII, e sua origem é luso-portuguesa, sendo comumente celebrada no Brasil junto aos festejos do Divino Espírito Santo. A Festa das Cavalhadas de Cazuza Ferreira passou a ser organizada de forma independente com a criação do Grupo de Corredores; antes, as corridas integravam a programação da festa religiosa do distrito.

A propósito das festas da igreja, em louvor à padroeira Santa Maria do Belo Horizonte, Célia também teve sempre muito envolvimento nesses eventos, auxiliando em atividades como a cozinha. Al-

gumas transformações das festas são comentadas pela professora:

> *Tínhamos as festas de dois dias. Era sábado com Cavalhada, com futebol, e no outro dia tinha festa de novo. O baile de noite e a festa no domingo. Agora foi cortado, então é só no sábado a festa. A parte religiosa, de noite, porque começou a não ter gente para o domingo. E pessoas para trabalhar um dia, tu consegues, mas dois dias, não.*

Interior da igreja Santa Maria do Belo Horizonte. Foto: Aldo Toniazzo.



Em casa, a entrevistada também cozinha, perpetuando receitas locais com o pinhão, como a paçoca, o pastel e o churrasco:

> *Tem uma porção de receitas de paçoca. Todo mundo sabe que paçoca vai farinha de mandioca, se fizer uma paçoca de carne, uma paçoca de ovos. Mas, a paçoca de pinhão, não vai farinha de mandioca. Então, às vezes, quem não sabe, vai querer colocar a farinha. Acho que não fica ruim, mas vai ficar mais seca. A paçoca de pinhão é assim: tu cozinha o pinhão mole, que pode ser congelado e guardado de um ano para o outro tranquilamente. Se usa carne, ou linguiça, ou bacon. Dá aquela fritadinha bem boa nele e tempera com sal, conforme o gosto. Tem gente que gosta de botar cebolinha. É uma alimentação forte. E dá para fazer o pastel. A gente põe meio a meio. Meio quilo de carne, meio quilo de pinhão. Dá pra fazer o churrasco de pinhão também. A gente faz, esporadicamente. Pega aquele pinhão moído e sova ele com a carne. É como se fosse fazer um hambúrguer. É bom que seja um pouco de carne de gado e um pouco de carne de porco, porque a carne de porco adere mais e é mais gostosa também. Mistura tudo quanto é tempero e sova bem ela com o pinhão moído. Daí assa, põe na grelha. Fica muito bom. E tem gente que faz bolo de pinhão.*

Além da cultura alimentar, Célia também apontou alguns aspectos marcantes da organização social no passado, como a existência de sociedades recreativas separadas por grupos sociais e cor. Realidade hoje superada, mas que ajuda a compreender a história local:

> *Tinham os bailes na sociedade. Aqui também teve esta divisão, "brancos", "negros" e "amarelos". Tinha o baile nas três sociedades: a sociedade dos brancos, que está lá ainda o prédio; a sociedade dos amarelos, que era bem em frente; e a dos negros, aqui na entrada. [...] Os brancos seriam os "bem*

de vida", os mais afortunados, os fazendeiros, vamos dizer. Os "amarelos" seriam os agricultores, os empregados. Os negros, eram os negros de pele. Era bem pontual, cada um na sua sociedade. Eu lembro, acho que eu tinha uns dez anos, e a sociedade dos brancos tinha três andares. A sociedade era aquele prédio que agora está abandonado. [...] Os "amarelos" começavam o baile bem cedo. Os brancos, o baile era 10 ou 11 horas da noite. E os negros, ficava aqui embaixo. Aquilo foi com o tempo se dissipando, eu acho que eu tinha uns 12 anos de idade. [...] Eu não lembro, eu acho que eu não fui nesse baile, mas contam que o primeiro baile que teve tinha um laço espichado no meio do salão, e ainda ficaram separados, mas depois, com o tempo, misturou todo mundo. Ainda tinha alguém que dizia "baile feijão com arroz", a discriminação era muito forte. Mas todo mundo convivia bem, não existia uma intriga, por exemplo. [...] São coisas de tradição que vão levando sem nem pensar. Hoje, Deus nos livre de fazer uma coisa daquelas.

Atualmente, Célia permanece vivendo em Cazuza Ferreira com o marido e vizinha de parte dos filhos que ainda residem no distrito. Mesmo diante das dificuldades de acesso, afirma não se imaginar morando em outro lugar. Para ela, o valor da tranquilidade e das tradições supera os desafios:

Quanto a morar, para viver aqui, é ótimo. É um lugar que dificilmente surge alguma violência. Lugar tranquilo, a gente deixa a roupa pousando no arame, as portas não precisam estar trancadas o tempo todo, o ar puro... A dificuldade maior é a questão das estradas. O choro do povo aqui é quanto às estradas. Mas, eu vou te dizer que ela está muito boa agora.

O marido de Célia é filho de Antônio Machado Basso, antigo proprietário do atual Hotel do Campo, cuja história é contada na voz de outra descendente sua.



Hospedar e acolher

Ironilce Maria Basso Albé, mais conhecida como Dona Neca, 74 anos de idade, é uma testemunha das transformações sociais de Cazuza Ferreira. Sua narrativa a respeito da localidade é marcada pelo seu forte vínculo afetivo com o território e revela o papel desempenhado pelo antigo Hotel Avenida – hoje Hotel do Campo – como espaço de acolhimento, de sociabilidade e de preservação da memória local.

A chegada da família de Dona Neca a Cazuza Ferreira ocorreu em 1949, quando seus pais, Antônio Machado Basso e Aurora Vilma Grilo Basso, decidiram se mudar para a região, então impulsionada pelo ciclo da madeira, com intensa atividade das serrarias. Com o apoio do avô materno de Dona Neca, Ricardo Grilo, seus pais instalaram na sede da vila o Hotel Avenida, empreendimento que rapidamente se tornou um ponto de referência local, espaço de convivência e lazer da comunidade. O hotel atendia aos trabalhadores das serrarias, aos vendedores e aos viajantes que circulavam pela região, funcionando também com um armazém:

> *Era muito florescente aqui, era muito "pra frente", tinha muitas serrarias e pessoal que vinha. Na época, tinha dinheiro, o dinheiro corria e vinha, e o pai colocou o hotel aqui, um prédio com três andares, com 60 leitos, então tu vê que era uma florescência, era bastante gente que tinha. E o pai tinha aquele enorme armazém, muito grande, então vinha muita gente comprar e vender. Eram os antigos vendedores, aquele pessoal que vendia coisas "de fora". O pai comprava, e o pai transitava para lá, ia para Caxias, trazia produtos.*



O pai de Dona Neca já possuía experiência no ramo de hotelaria, tendo aprendido a atividade com familiares seus, proprietários do hotel Veraneio Bela Vista, famoso destino turístico localizado em Ana Rech, região administrativa de Caxias do Sul. O Bela Vista, que viveu seu auge entre as décadas de 1930 e 1960, recebia centenas de moradores da região e de Porto Alegre, principalmente de nível econômico mais elevado, que buscavam no hotel um ambiente bucólico e de clima ameno para passar as férias de verão. Presidentes da república, em visita à cidade de Caxias do Sul durante as Festas da Uva, também ficaram hospedados no local.

> *Então, meu pai veio num traquejo fino, ele sabia como acolher as pessoas. No início, foi com muita dificuldade, mas depois foi vencendo, as coisas foram mudando. E o pai era uma pessoa muito acolhedora, ele gostava, ele sabia conversar.*

O Hotel Avenida, do pai de Dona Neca, chegou a ter empregados para ajudar nas atividades de limpeza, devido à quantidade de hóspedes que recebia. Desde a infância, Dona Neca também auxiliava nas tarefas, junto das suas irmãs, sobretudo, durante os períodos de férias escolares:

> *A gente vinha. E aí sim, nós ajudávamos. Era todo mundo no serviço, não adiantava... A gente estava de férias, mas era no serviço mesmo, porque aqui sempre tinha muita gente.*

Na década de 1970, o hotel passou por uma modificação na sua estrutura, quando foi necessário desmanchar o terceiro pavimento, mudanças essas motivadas por problemas na sustentação física da edificação, mas também pelo início de um período de decadência que só se acentuaria nas décadas seguintes:

> *Acho que foi em [19]70 que o pai tirou. Aqui não teve um engenheiro ou um projeto de engenharia, uma coisa pensada, não se fez as contas do peso do telhado, do que suporta, dos apoios embaixo. Com o tempo, a estrutura começou a pesar muito,*



Retrato de casamento dos pais de Dona Neca,
Antônio e Aurora Vilma, déc. 1940. Acervo pessoal.



O hotel, ao fundo, em registro durante Cavalhada. Acervo pessoal.

> *porque era de telha. Não suportaram, muito dos apoios, dos cepos que tem embaixo. Também, porque foi embora o pessoal das araucárias, das serrarias, e aqui houve uma decadência muito grande. As filhas dos fazendeiros e das pessoas que mais podiam levaram os filhos para estudar fora. E depois, eles não retornavam mais, porque aqui não tinha campo de trabalho para retornar.*

Com o fim da prosperidade oportunizada principalmente pela extração da madeira e pelo trabalho nas serrarias, o distrito entrou em uma fase de declínio econômico, o que significou o êxodo populacional, a diminuição e o fechamento de negócios e serviços. Por conta disso, o distrito chegou a ficar conhecido por uma alcunha irônica:

Interessante que no Campestre do Tigre [localidade de Cazuza Ferreira] dizem assim: "vamos lá no 'latinha'". O "latinha" é aqui, porque a gente diz: "lá tinha um hospital, lá tinha uma agência de banco, lá tinha policiamento, lá tinha todo esse tipo de coisa, quase que de uma cidade iniciando... Realmente tinha.

O distrito também apresentava uma vida social intensa, com a existência de três sociedades recreativas, organizadas por critérios étnico-raciais, conforme se viu na entrevista de Célia Basso. Dona Neca complementou algumas informações a respeito desses antigos espaços de lazer:

Nós tínhamos aqui três sociedades distintas: os negros tinham a sociedade deles; os brancos tinham a deles; e os mestiços, que eles chamavam de "amarelos", a deles também. A sociedade que era dos fazendeiros, dos brancos, era a Sociedade Recreativa Independência. A dos negros era a Sociedade Asa Branca.

O grande movimento de pessoas no distrito motivou o pai de Dona Neca a construir um anexo ao hotel, para instalar uma nova oferta de lazer, de grande sucesso no período entre os anos de 1950 e 1960:

No tempo do pai, ele colocou um cinema aqui. Ele viu a necessidade de lazer que tinha que ter para o público. Colocou o cinema em 1954, e eu acho que foi um pouco mais de 10 anos que ele durou. A dificuldade da época era muito grande. Por exemplo, o pai pegava os filmes lá na Zaniratti Filmes [loja que comercializava filmes], que é de Porto Alegre. Eles vinham através do ônibus, traziam os rolos de filme para cá. Só que o frete começou a fi-



O antigo projetor.



O Hotel Avenida de Antonio Machado Basso, ainda com os três pavimentos e já com o anexo para o cinema. Acervo pessoal.

> *car muito caro, tudo era muito caro. Mas as pessoas vinham para o cinema, assistiam. E tu visse como gostavam! O pai trazia todos os tipos de filme, filmes atuais da época. E era bem legal isso aqui. E tinha as três sociedades, como eu disse, com muita gente. Então, sempre tinha bailes, festas. Aqui era festa mesmo! Tinha as cavalhadas também. Tinha bastante animação!*

Em 2024, o antigo hotel fundado pelo pai de Dona Neca completou 75 anos de sua inauguração. Nesse longo tempo, ficou apenas um pequeno período sem uma definição sobre o seu destino, o que ocorreu após o falecimento do proprietário, em 2007. Foi logo em seguida, em 2008, que Dona Neca e o marido, que residiam em Ana Rech, decidiram se mudar para Cazuza Ferreira e assumir as atividades do empreendimento. Sob a nova direção, a denominação original foi alterada de Hotel Avenida para Hotel Serrano e, mais tarde, para

Hotel do Campo, usado até os dias atuais. E foram os filhos de Dona Neca, Fabrício e Carlos (ou “Caco”, que é professor de História), que incentivaram os pais a reativar e preservar a “alma” do hotel:

> *Meus filhos preferiram que nós viéssemos para cá restaurar o que era do vô. Foi também uma coisa muito nobre da parte deles. Chegamos aqui, era uma “coisarada”, uma “tranqueira”, uma “sujeirada”, e o Antônio [marido] foi limpar o porão, onde antigamente ficavam as bebidas – eram guardadas num porão só de terra, porque ali era tudo fresquinho. Aí o Antônio, para fazer a limpeza, tirou tudo o que tinha. Nós tínhamos um caminhão e colocávamos em cima para levar para o lixo. Era aquela “coisarada”, aquelas latas e outras coisas... E o Carlos, que estava aqui conosco na época, ele olhou para o caminhão e disse assim: “Mãe, para onde é que o pai vai levar isso que está no caminhão?”. Eu falei: “Para o lixo! Teu pai vai botar tudo fora...”. “Nem pensar!” – ele disse. Ele quis dizer que o nosso raciocínio estava completamente errado. “Isso aí é a vida do hotel. A senhora tem que ficar para sempre.” [...] Com isso, fomos entendendo o que que era, que destino tinha que dar, que rumo tinha que seguir. Foi aí que a gente soube o que a gente veio fazer aqui. Então, passamos a preservar.*





O prédio do cinema do antigo hotel sediou edições do ‘Woodhistória’, evento de confraternização dos estudantes do curso de História da Universidade de Caxias do Sul. O “Hotel do Caco” no cartaz é uma referência ao filho de Dona Neca, um dos herdeiros do empreendimento e então estudante do curso. Acervos: Helen Gelatti Dutra (foto) e Daiane Pereira (cartaz).

Atualmente, o Hotel do Campo comporta entre 18 e 24 hóspedes, a depender da configuração dos quartos. Mantém praticamente todas as antigas áreas preservadas, os dormitórios, o antigo anexo que serviu de cinema, a cozinha com fogão a lenha, o mobiliário do armazém. O público, agora, é outro, de perfil turístico e de aventura: ciclistas, motociclistas, jipeiros, cavalarianos de cavalgadas, casais e famílias que procuraram o turismo rural. “Esse público que gosta de viver assim, de estar em contato com a ecologia, que se identifica com o campo” – resume Dona Neca. Eventos como as Cavalhadas têm beneficiado o empreendimento, que vê atingir a sua ocupação máxima no final de semana de festa, bem como projetam o distrito de Cazuza Ferreira como um potencial destino turístico com significativos valores patrimoniais, pela preservação de antigas edificações e com seus usos inalterados. Assim é o Hotel do Campo de Cazuza Ferreira, com sua disposição para hospedar e acolher.



Dona Neca arruma porta-retratos que contam a história de sua família na recepção do hotel.



Os móveis e objetos do antigo armazém no interior do hotel.



Um dos quartos para hóspedes. Fotos: Anthony Beux Tessari.




Motociclistas e cavalarianos, hóspedes do hotel.



Fogão a lenha na cozinha. Foto: Anthony Beux Tessari.



Dona Neca, na recepção do atual Hotel do Campo.
Foto: Anthony Beux Tessari.



Paisagem em Tainhas.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Tainhas

Origem e aspectos socioeconômicos

O distrito teve sua criação oficial em 18 de outubro de 1922. Situa-se a aproximadamente 33 quilômetros da sede municipal, em uma posição estratégica marcada pelo entroncamento de duas rodovias que o contornam. Essa localização favoreceu, ao longo do tempo, a circulação de pessoas e mercadorias, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da localidade.

De acordo com Iva da Silva, o distrito é composto também por outras pequenas comunidades rurais que integram sua organização territorial, entre elas Várzea de São João, Várzea do Cedro, Potreiro Velho, Aratinga, Contendas e Várzea de Contendas.

Segundo a narrativa memorialística, a origem do nome Tainhas remonta aos primeiros momentos da ocupação da região, quando uma família que possuía o sobrenome “Tainhas” morou na área e delegou o nome ao local. Assim, o povoado que se formou às margens do rio também passou a ser conhecido pelo mesmo termo.

Durante várias décadas do século XX, o distrito de Tainhas experimentou significativo desenvolvimento econômico e social. O lugar chegou a contar com diferentes serviços e estruturas, que atendiam não apenas a seus moradores, mas também à população das áreas rurais vizinhas. Entre esses serviços, destacavam-se farmácia, atendimento básico de saúde, casas de comércio, clube social e cartório, elementos que demonstram a vitalidade do núcleo comunitário naquele período.

A economia local esteve ligada principalmente às atividades agropecuárias e ao aproveitamento dos recursos naturais da região. A presença de frigorífico e de serrarias marcou o desenvolvimento

econômico do distrito, sendo que alguns desses estabelecimentos ainda estão em funcionamento. A existência de extensos campos naturais favoreceu, ao longo do tempo, a criação de gado, atividade que permanece como uma das bases produtivas da região.



Criação de gado. Foto: Anthony Beux Tessari.



Escola Estadual de Ensino Fundamental Olímpio Soares Pinto, inaugurada em 1941 e funcionando desde então no mesmo prédio. Foto: Anthony Beux Tessari.



Álbum de fotografias da escola preserva a memória da comunidade. Fotos da década de 1940.



Área com pinheiros araucária. Foto: Anthony Beux Tessari.





Bailes da Serra

Jânio Alves Pinto, 69 anos, é morador e natural do distrito de Tainhas, em São Francisco de Paula. Atua como uma espécie de “guardião” do antigo clube da localidade, espaço que marcou a vida comunitária ao longo dos anos e que sobrevive na paisagem da vila.

Segundo Jânio, o Clube Tainhas foi fundado por antigos moradores do distrito, entre eles, seu pai, Nélio Nunes Pinto, e seu avô materno, Gervásio Alves Fogaça. O local funcionava como uma sociedade, com estatuto, e teve seu período mais ativo por volta da década de 1960, encerrando suas atividades formais há mais de 30 anos, em razão do falecimento de muitos de seus sócios-fundadores e da falta de continuidade administrativa.

A construção que serviu de sede para o clube, feita majoritariamente em madeira de araucária, chama atenção pela robustez e pela técnica empregada. O barroteamento é duplo, com peças de grande espessura, algumas ainda fixadas sem o uso de pregos, o que indica sua antiguidade, estimada em mais de um século. Muitas das tábuas originais permanecem preservadas, especialmente em áreas internas, como é o caso do forro do telhado.

Ao longo do tempo, o Clube Tainhas foi palco de importantes atividades sociais e culturais. Bailes, apresentações musicais e encontros comunitários marcaram gerações. Músicos conhecidos da região, como Honeyde Bertussi, apresentaram-se no lugar. Havia um palco destinado aos músicos, que posteriormente precisou ser adaptado para comportar conjuntos maiores, quando os bailes passaram a atrair mais frequentadores. A Escola Olímpio Soares Pinto também se serviu muitas vezes do espaço para realizar apresentações escolares com a presença da comunidade.



Jânio, no interior do antigo clube, em copa instalada onde antigamente era o palco. Foto: Anthony Beux Tessari.

Jânio recorda que, em sua infância, presenciou práticas de exclusão social e racial, quando pessoas negras não tinham permissão para entrar no salão durante os bailes, permanecendo do lado de fora:

> *Naquele tempo, tinha muito preconceito. Não entrava o pessoal de cor, eles ficavam nas janelas. Eu cheguei a ver isso, quando eu era pequeno. É uma coisa que não tem explicação... Outros lugares também tinham isso.*

Com o passar do tempo, as práticas explícitas de exclusão diminuíram. Jânio destacou que seu pai manteve relações de amizade e de solidariedade com famílias negras estabelecidas na localidade, inclusive doando um pequeno terreno para que uma delas pudesse construir sua moradia e criar os filhos. Em fotografias de times de futebol, outra atividade realizada pelo clube, observa-se a presença de jogadores negros.

Após o encerramento das atividades como clube social, o espaço passou por diferentes usos. Há cerca de 30 anos, Jânio reside no local. Nesse período, manteve o espaço funcionando eventualmente como bar e para encontros de jogos de baralho: “o pessoal daqui da vila pedia para eu abrir o clube, para jogar pife”. No entanto, dificuldades de manutenção do espaço, somados aos impactos da pandemia de Covid-19, levaram ao encerramento das atividades.

Apesar das limitações estruturais e financeiras, a sede do clube ainda é ocasionalmente utilizada por moradores de Tainhas para pequenos encontros, preservando, mesmo que de forma reduzida, sua função original. Jânio relata os desafios constantes de cuidados com a edificação, afetada pelo tempo, pela umidade e pelo peso da estrutura do telhado, o que torna inviável assumir sozinho uma restauração completa do prédio.

Além de sua importância comunitária, o antigo Clube Tainhas



Honeyde Bertussi, Conjunto Presilha Serrana e Arquelau Machado se apresentam no Clube, déc. 1980. Acervo: Escola Municipal Olímpio Soares Pinto.

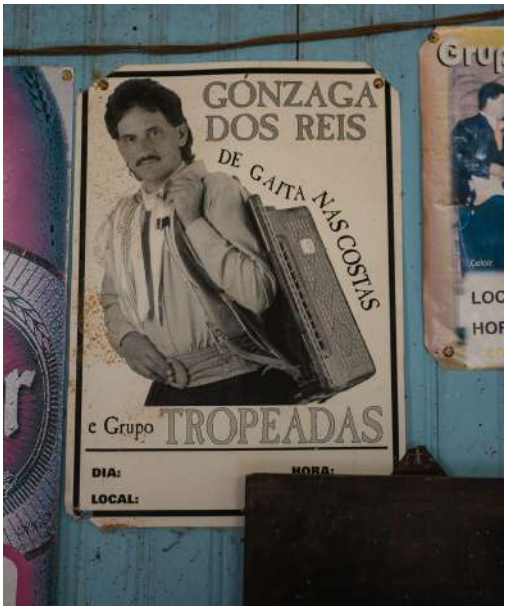
também ganhou alguma visibilidade nacional, ao servir de cenário para gravações de propagandas de grandes empresas, como a Brasil Telecom, Motocicletas Honda e Cerveja Skol, em diferentes períodos. As equipes de filmagem escolheram o local por suas características arquitetônicas e pelo aspecto preservado dos ambientes internos.

Entre as poucas alterações realizadas no interior da estrutura, está a ampliação da copa, que passou a ocupar o lugar que antigamente era do palco:

> *Eu que mudei, eu fiz isso aqui para o meu bar. Aqui tinha o palco dos músicos, só que era pequeno. Era gaita que utilizavam, mas quando tinha baile grande, não cabia o conjunto, os instrumentos. Aí, meu irmão e eu tiramos, e eu fiz um "puxado" para a frente, para ampliar.*

Aproveitando a oportunidade de narrar suas lembranças, Jânio contou que atuou, por quase 20 anos, na fábrica de calçados Ortopé, então com uma unidade instalada em São Francisco de Paula. Ele iniciou na empresa em 1978, na função de motorista, chegando ao cargo de chefe de almoxarifado. Segundo Jânio, a fábrica produzia ali modelagem de tênis, sandálias no modelo adulto e infantil, chegando a empregar 700 pessoas. Em 2007, a unidade no município foi fechada, encerrando trajetórias profissionais de décadas e afetando economicamente dezenas de famílias.

Voltando ao clube, outros aspectos da edificação podem ser observados em fotografias que evidenciam as características históricas e arquitetônicas da construção. Em sua fala, Jânio expôs lembranças desse espaço de sociabilidade, que permanece como um símbolo da memória coletiva dos moradores de Tainhas e que guarda a materialidade de outros tempos.





Cartazes de apresentações de artistas regionais e regras para os frequentadores são vestígios de outros tempos do clube.



Vista do salão. Fotos: Anthony Beux Tessari.



A sede do antigo clube. Foto: Anthony Beux Tessari.









Times de futebol do Clube Tainhas. Acervo pessoal do entrevistado.



Sentir-se bem

Celço Teles da Silva nasceu em 1956 e é natural do distrito de Tainhas, local onde construiu a sua vida, mantendo, até hoje, vínculo com o território e com a memória da comunidade. Seu nome é assim mesmo, Celço, com cedilha, e pode ser considerado quase único, representando 0,0006% (ou 65 pessoas) da população do estado do Rio Grande do Sul com nome igual, segundo o censo de 2025.

Foi a linhagem materna de sua família que se estabeleceu no distrito de Tainhas. O avô de Celço era fazendeiro, possuía grande extensão de terra, com aproximadamente dois mil hectares, área que depois foi dividida entre os numerosos quinze filhos. Já o seu pai trabalhava com carreta de bois e transporte de madeira para Taquara e charque para Praia Grande (SC). Ele passou a morar na propriedade dos Teles após se casar.

Celço é o único filho do casal e herdou a propriedade dos pais, na qual sempre residiu, inclusive mantendo de pé a velha casa



Antiga residência na propriedade de Celço.
Foto: Anthony Beux Tessari.

de madeira onde nasceu e viveu a infância. Quando criança, estudou apenas até o quinto ano, limite do ensino então disponível em Tainhas. Nessa fase, chegou a ter uma breve passagem por Novo Hamburgo, onde um tio morava, mas não se acostumou com a cidade e preferiu retornar ao distrito de São Francisco de Paula, mesmo que isso significasse ter que trabalhar. Na escola da localidade, foi aluno das professoras Dilema e Terezinha Pinto, filhas daquele que denomina a instituição, Olímpio Soares Pinto.

Ao longo da juventude e da vida adulta, Celço exerceu diversas atividades. Trabalhou em fazendas, no frigorífico que existiu em Tainhas por um curto período e, mais tarde, ingressou como servidor na prefeitura municipal de São Francisco de Paula, onde atuou como tratorista agrícola. Seu trabalho esteve fortemente ligado à chamada Patrulha Agrícola, iniciativa que prestava apoio direto aos pequenos produtores da região, preparando lavouras e auxiliando no cultivo de milho, feijão, batata e outras culturas. Por muitos anos, atendeu a dezenas de propriedades, contribuindo para o setor agrícola local.

Quando se aposentou, Celço adquiriu um trator próprio e prestou serviços de forma autônoma, até que as mudanças no modelo produtivo — com o arrendamento das terras para grandes produtores de hortaliças — reduziram a demanda por esse tipo de trabalho. Ainda assim, manteve-se ligado ao campo, criando algumas cabeças de gado, cultivando pequenas áreas e acompanhando de perto a transformação das lavouras tradicionais em grandes plantações de batata, soja e verduras, destinadas aos mercados regionais e estaduais.

A relação com o meio ambiente ocupa lugar central em sua memória. Ele relembrou o período em que o corte de araucárias era permitido, controlado por órgãos ambientais. Também comentou sobre a coleta do pinhão, hoje regulamentada, e sobre o conhecimento popular relacionado a plantas medicinais, como o chá de folha de amora branca, utilizado para auxiliar no controle do colesterol. O chi-

marrão também é feito com a folha de amora branca, com a infusão desta na água da chaleira que depois vai para a cuia.

Seu relato também menciona aspectos da cultura alimentar local. Celço descreve práticas antigas de conservação da carne, como a produção de charque, o uso da banha para armazenar alimentos e o preparo de pratos à base de milho e de pinhão, como a paçoca de pinhão. Essas práticas refletem um modo de vida anterior à popularização da eletricidade e da refrigeração doméstica. Questionado sobre como o charque era preparado, registrou:

> *Carneia a rês, tira as peças e abre a carne, deixa grossa e faz uma manta. Salga bem, deixa de três a quatro dias na salgadeira, que era uma gamela de madeira feita para aquilo. Então, branqueava de sal, botava outra peça em cima, branqueava de sal. Ia botando sal e branqueando. Quando dava três ou quatro dias no sal, fazia-se um varal... Tirava uma vara de pinheiro no mato, e com duas forquilhas se fazia um varal, e estendia o charque ali, para secar. O meu pai fazia o charque e levava para vender. E ele trazia o arroz, que não se produzia nem produz aqui.*





Celço colhe no mato a folha de amora.
Foto: Anthony Beux Tessari.



No galpão, onde estoca a farinha de milho e armazena artigos de montaria.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Outras formas de produção dos alimentos foram por ele destacadas:

> *Tinha os moinhos antigos, que produziam a farinha de milho. Aqui em Tainhas exatamente não teve moinho, mas cerca de quatro quilômetros à frente, tinha dois moinhos de pedra, aquele que vai peneirando e vai saindo a casquinha do milho para um lado e a farinha vai caindo. A farinha de trigo, muito pouca gente comia, mais era milho. Era pão de milho, rosquinha de milho, cuscuz, porque tinha o leite, e polenta. [...] E o meu pai tinha um sítio, nas proximidades do Arroio Carvalho. Ele tinha seis ou oito mulas, e ele plantava e colhia produtos lá e trazia para cá. Então, nós não comprávamos milho, nem feijão, nem moranga, nem abóbora... Esses produtos todos nós tínhamos.*

No âmbito das atividades sociais comunitárias, Celço recordou a importância da igreja, do clube local e dos bailes, todos espaços de convivência e de lazer coletivo. Mencionou ainda a existência, no passado, de divisões sociais marcadas por preconceitos raciais, como a separação entre “baile dos brancos” e “baile dos negros”.

As lembranças de Celço revelam transformações que modificaram o distrito de Tainhas ao longo do tempo: um lugar que já teve rodoviária, cancha para o jogo do bolão, serrarias e frigorífico e que hoje está caracterizado por novas formas de produção agrícola, com a presença de tecnologia e automação, e de ocupação do território, com forte presença de lavouras de batata, soja e verduras.

Hoje, vivendo na antiga propriedade da família e já com os filhos criados, Celço mantém um modo de vida simples, preservando estruturas como a antiga casa dos pais e a mangueira para o manejo do gado, delimitada por muro de taipa, outra tradição regional.

> *Me criei aqui e aqui fiquei, também cuidando da minha mãe por trinta anos. Agora, depois de velho, eu vou abandonar isso aqui? Aqui é onde eu me sinto bem.*

Paisagem no distrito de Tainhas. Foto: Anthony Beux Tessari.



Lavoura em Tainhas, vendo-se ao fundo a igreja da localidade. Foto: Anthony Beux Tessari.







Queda d'água no rio Lajeado Grande.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Lajeado Grande

Caminhos, economia e formação da comunidade

O distrito foi criado oficialmente em 12 de dezembro de 1968. De acordo com Fonseca (2019, p. 121), trata-se do segundo maior distrito do município, com área aproximada de 560 km². A localização atual da sede distrital está situada a cerca de 60 quilômetros da cidade, acessível atualmente por estrada asfaltada. Segundo o autor, a escolha desse local está diretamente relacionada ao cruzamento de três antigos caminhos utilizados, inicialmente, por cargueiros, carreteiros e tropeiros. Com o passar do tempo, esses percursos foram adaptados e passaram a receber caminhões e automóveis, acompanhando as transformações dos meios de transporte e das formas de circulação regional.

A presença dessas rotas históricas, bem como do curso d'água que atravessa a região, ajuda a explicar a origem do nome da localidade. Em entrevista concedida a Cardoso (2019, p. 67), o morador conhecido como Fogaça relata que a denominação "Lajeado Grande" está associada às características naturais do rio local, cuja presença de grandes lajes de pedra facilitava a travessia:

> Tu sabe, aqui tem o nome de Lajeado Grande por causa do rio que é cheio de lajes grandes, o que facilita a travessia, e as terras aqui por roda eram todas do falecido Pequeno Cardoso. Ele doou parte para a construção da vila, onde o falecido Leopoldino Cardoso, irmão do Pequeno, tinha uma "bodega velha" por aqui, sendo o primeiro comércio da vila.

A existência de atividades comerciais na localidade também foi registrada por Fonseca (2019, p. 123), que menciona a inauguração, por volta de 1946, da primeira loja de armarinhos, secos e molha-

dos. O estabelecimento pertencia a Leopoldino Cardoso de Andrade e situava-se na margem do rio Burati. Posteriormente, o comércio foi vendido a Joaquim Rosa, perpetuando-se como ponto de referência para os moradores da região.

O desenvolvimento do distrito contou com a melhoria das possibilidades de transporte. Em 1947, a empresa Flor da Serra mantinha uma linha de ônibus que realizava o percurso entre Gramado e Bom Jesus, passando por Lajeado Grande três vezes por semana. Posteriormente, a linha foi adquirida pela empresa Floresta. Mais tarde, surgiu também um ônibus que fazia o trajeto entre Cazuza Ferreira e Caxias do Sul, igualmente passando pela localidade.

O local teve uma fábrica de pasta mecânica, empreendimento que contribuiu para dinamizar o distrito. A unidade industrial empregava cerca de 28 operários e atraiu aproximadamente 12 famílias para a região. A matéria-prima utilizada era a ponta do pinheiro araucária, aproveitamento derivado da atividade das serrarias locais.



Prédio que serviu de rodoviária. Foto: Anthony Beux Tessari.



Rio Lajeado Grande. Foto: Anthony Beux Tessari.

Atualmente, a região também se destaca pelas paisagens naturais, que atraem visitantes e contribuem para o desenvolvimento de atividades turísticas. Parte da estrutura da antiga fábrica permanece preservada e foi incorporada a um restaurante local, evidenciando como elementos do passado podem ser ressignificados no presente.



Este meu lugar

A história de Lajeado Grande pode ser contada a partir das vivências de quem nasceu, cresceu e fez a sua vida nesse distrito. As memórias das vizinhas e amigas Marlene Teresinha Tonoli Terres, 77 anos, e Inez Jucelia Guilherme de Oliveira, 67, revelam um cotidiano marcado pelo trabalho, pela convivência comunitária e pela fé, e ajudam a compreender as transformações sociais que ocorreram nesse extenso território de São Francisco de Paula.

Marlene é natural de Cazuza Ferreira, mas se mudou com a família para Lajeado Grande ainda muito pequena:

> *eu lembro que o primeiro ano da escola, eu fiz lá em Cazuza. Mas eu nem terminei a escola lá; em setembro, a gente se mudou para cá, e estou aqui até hoje.*

Já Inez é natural da localidade, filha de um mestre de obras do DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem transferido para o distrito para comandar a construção de estradas na região. Seu nome era Capitulino Prudêncio de Oliveira, e ele liderava uma equipe grande de trabalhadores:

> *Ele era de Santa Catarina. Casou-se com a minha mãe em Vacaria (RS). Ele pertencia a um batalhão, que foi assumido pelo DAER. A capatazia do DAER, ele construiu aqui em Lajeado Grande, do outro lado do rio. Na época, eram muitos operários, muitos. Hoje, não existe mais essa mão de obra. O meu pai que abriu essas primeiras estradas. Ele só disse que não ia ver asfaltado, mas ele fez um bom trabalho. As estradas foram abertas com picão e a pás. Não tinha outra forma, como tem hoje a terraplanagem, era um trabalho braçal.*





Ponte com pilares em pedra sobre o rio Lajeado Grande. Foto: Anthony Beux Tessari.



Inez (à esquerda) e Marlene. Foto: Anthony Beux Tessari.

A necessidade de abertura e manutenção de estradas se deveu principalmente à extração da madeira e ao seu transporte: “era a época das araucárias, quando se podia cortar os pinheiros” – segundo Marlene. “Foi crescendo o transporte da madeira, eram charretes, carretas, caminhões, e precisava das estradas” – complementou Inez. A economia movimentada naquela fase de exploração da madeira foi a principal razão para o pai de Marlene optar pela mudança de Cazuza Ferreira para o Lajeado Grande: “na época, meu pai comprou um armazém aqui. Então a gente veio morar aqui”.

A infância das duas mulheres foi ligada ao ambiente rural e à vida comunitária. O rio ocupava um lugar central nas brincadeiras: era ali que se tomavam banhos, aprendia-se a nadar desde muito cedo e se viviam “aventuras”, conforme Marlene: “nós éramos todas umas criancinhas, assim, recém-saídas das fraldas, e já nadávamos”.

As crianças se reuniam para brincar de ciranda, pega-pega, carrinho de lomba e jogos noturnos à luz da lua cheia. Uma das brincadeiras mais lembradas por elas é a chamada “raposa”, em que o desafio envolvia correr e pegar um “rabo” improvisado, sujo com estrume, o que rendia muitas risadas e terminava em um banho de rio, às vezes tarde da noite, para se limpar. As fogueiras de São João, os piqueniques e a convivência entre vizinhos reforçavam o sentimento de coletividade. “Eu tenho uma saudade da infância, porque eram aquelas brincadeiras puras” – resumiu Marlene.

Uma lembrança a respeito da trajetória da mãe de Inez, Celesina da Silva, ocupa um lugar especial em seu relato. Parteira de campanha e benzedeira, mesmo sem saber ler ou escrever, ela realizou partos durante cerca de 40 anos, atendendo tanto em sua própria casa quanto nas residências das famílias da região. Os partos eram feitos com poucos recursos, porém com grande cuidado: bacias esmaltadas, toalhas brancas, orações e acompanhamento das puérperas durante o resguardo. Inclusive, a mãe de Inez fez o parto de dois dos três filhos de Marlene. Além disso, Celesina benzia pessoas e animais, tratando desde as “bichas” (vermes) até dores, nervos torcidos e outros males. Lembrou Inez de sua mãe:

Se um fazendeiro chegasse assim: “A minha tropa de boi está com um problema...”, ela benzia daqui, só dizia o pelo do boi e pronto. Dor nas costas, também. Eu achava uma graça, ela costurava um pedacinho de linha e ficava dizendo “eu cozo, eu cozo”; também dizia: “carne quebrada, osso rendido e nervo torto”. Terminava com “em nome do Pai e do Filho...”. E dava certo.



Inez com os pais, déc. 1960. Acervo pessoal.

O trabalho no campo foi outra dimensão central da vida em Lajeado Grande. Marlene dedicou-se por muitos anos à pecuária leiteira e à produção de queijo serrano, feito com leite cru, seguindo métodos transmitidos entre gerações e que hoje caracterizam o queijo serrano, reconhecido como patrimônio cultural imaterial de São Francisco de Paula e do estado do Rio Grande do Sul. A alimentação era baseada no que se produzia: carne conservada na banha, linguiça, charque, feijão, arroz, aipim, milho, além de pães caseiros e outros produtos preparados em casa. A falta de energia elétrica e de refrigeradores exigia alternativas e muito conhecimento prático para conservar os alimentos.

Já Inez teve uma trajetória diferente. Após o falecimento do pai, precisou sair do distrito. Estudou em São Francisco de Paula, depois em Caxias do Sul, onde concluiu o segundo grau, formou-se técnica de enfermagem e atuou em hospital. Retornou a Lajeado Grande para viver com seu esposo, contudo não encontrou ocupação na área da saúde, escolhendo então trabalhar como faxineira. Em seguida, realizou concurso público e passou à carreira de servidora na prefeitura de São Francisco de Paula, inicialmente no cargo de telefonista, depois como secretária de escola. Vivendo no ambiente escolar, buscou formação na área, graduando-se em Pedagogia. Exerce hoje a profissão de professora na escola municipal de Lajeado Grande e é servidora pública há 36 anos.

A sociabilidade da comunidade de Lajeado Grande se expressava nos bailes, rodeios e festas religiosas. Os bailes, animados por gaita e violão, muitas vezes se estendiam noite adentro, chegando a durar até o amanhecer. Entre os músicos que se apresentaram na comunidade, são lembrados pelas duas mulheres: Os Bertussi, Os Monarcas e Porca Véia. O músico tradicionalista Honeyde Bertussi, que seguiu carreira solo depois de encerrar a parceria com o irmão Adelar, teve forte relação com Lajeado Grande, pois a sua

Educação Patrimonial

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

Queijo: o saber dos Campos de Cima da Serra



São Francisco de Paula | RS

Para saber mais sobre o queijo serrano, é possível acessar o inventário participativo realizado com os estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Lajeado Grande pelo projeto cultural Memórias de São Francisco de Paula.



segunda esposa, Flávia Valéria, era nascida no distrito, onde parte da sua família ainda reside. Falecida em um acidente de automóvel, a parceira de vida e de apresentações musicais de Honeyde é lembrada com carinho por Inez – “era uma guria simples, do povo mesmo, e não tinha tristeza perto dela” – e por Marlene – “o que ela mais sabia fazer era sorrir”.

Flávia Valéria e Honeyde Bertussi. Acervo: IMHC/UCS.

Quanto aos rodeios, Marlene e seu marido, Daniel Andrade Terres, foram protagonistas na organização desses eventos no Lajeado Grande. O Rodeio Lajeado, promovido pelo Piquete Laçadores, foi iniciado no ano de 1986 e atraia laçadores de várias regiões. Eram realizadas provas campeiras, atividades artísticas e bailes, envolvendo grande esforço coletivo para a sua organização, com duração de quatro dias, de quinta-feira a domingo. Por conta de todo trabalho e devido à diminuição de pessoas para auxiliar, na década de 2000, os rodeios deixaram de acontecer, ficando hoje as lembranças daquele tempo, conforme Marlene: “eram lindos, os maiores rodeios aconteciam aqui no Lajeado Grande”.

As falas das entrevistadas também trouxeram passagens tristes da história local, como a existência de segregação racial em espaços de lazer, como na realização de bailes separados entre pessoas brancas e negras, realidade que marcou as relações sociais da época e esteva presente também em outros distritos. Tais práticas foram sendo questionadas e transformadas ao longo do tempo, embora algumas marcas ainda persistam.

No campo religioso, a igreja católica da comunidade, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, sempre foi um ponto de referência. As festas, os encontros e o trabalho voluntário fortaleceram os laços entre os moradores. No entanto, as entrevistadas observam que, nos últimos anos, a participação diminuiu, e a comunidade enfrenta desafios para manter viva essa tradição, apesar dos esforços de algumas pessoas com a catequese e com a organização local.



Igreja católica em Lajeado Grande.
Foto: Anthony Beux Tessari.

As histórias de seus casamentos foram outras passagens de suas vidas destacadas pelas duas mulheres. Marlene conheceu aquele que seria o seu futuro esposo em um baile, momento que reunia os amigos e vizinhos: “meu pai tinha uma caminhonete, subíamos vários para cima da caçamba e íamos numa casa para fazer baile. Isso era quase em todos os finais de semana”. A cerimônia religiosa da união do casal foi na igreja de Cazuza Ferreira, e a festa no então Hotel Avenida – hoje Hotel do Campo, cuja história também é contada neste livro. O casal optou por morar no Lajeado Grande:

> *em um pedaço de campo ali na beira do rio, um lugar maravilhoso. Eu fui morar lá, onde tive meus filhos. Mas já faz trinta e seis anos que eu moro definitivamente aqui na vila, o meu marido já é falecido.*

Quanto à Inez, ela conta que foi o seu pretendente quem foi “buscá-la” em Caxias do Sul, quando ela ainda trabalhava como enfermeira:



Inez e Volnei.

No hospital, me disseram assim: “Ô, Inez, tem dois gaúchos aí te procurando”. Eu disse: “Gaúcho!?”. Eu, toda de branquinho lá, bonitinha, fui atender. O Volnei chegou e disse assim: “Eu vim te buscar”. Estava ele e um parente meu. Eu disse: “Não, eu não vou, porque não sei o quê...”. Ele disse novamente: “Eu vim te buscar”. O meu chefe, Dr. Walter, entrou no local e disse: “Tu vais e pensa, que tu tens umas férias”. Fui e nunca mais voltei. [...] Eu conheci o Volnei na despedida de solteira, pois eu ia me casar com o filho de um coronel do exército, que eu conheci no hospital. O Volnei disse que eu não ia ser feliz com ele. Eu tirei a aliança, entreguei de volta e fiquei com este que até hoje é o meu marido.

As trajetórias de Marlene e Inez explicitam uma relação afetiva com o território em que vivem e com as pessoas do lugar e estão conectadas com a memória local, da qual são suas detentoras e a expressam evidenciando elementos da identidade regional. Além desse significado, elas explicam as razões pela escolha de residir no Lajeado Grande, onde encontram qualidades de uma vida simples e próxima ao campo. Nas suas formas de expressão:

Inez: A gente pode dizer assim: Meu Deus, eu amo aqui!

Marlene: Eu também, eu tenho um amor por este meu lugar.



Vista de Lajeado Grande, déc. 2000.





Vista da propriedade de Inez e Volnei.
Foto: Anthony Beux Tessari.



Produzir e transmitir

Flávio Scheifler nasceu no ano de 1958, na localidade onde vive até hoje, no Lajeado Grande. Sua trajetória pessoal se conecta com a história da ocupação e do desenvolvimento desse distrito de São Francisco de Paula, marcada pelo trabalho rural, pela produção artesanal de alimentos e pela preservação de saberes tradicionais.

A presença da família Scheifler no Lajeado Grande remonta à década de 1930. O avô de Flávio, Edmundo Scheifler, foi para a região em 1936. Natural de Nova Petrópolis, passou por Canela antes de se estabelecer definitivamente Lajeado Grande, quando a localidade ainda pertencia ao distrito de Eletra. Naquele período, não havia estrada: o caminho em frente à propriedade era apenas uma rota de tropeiros, utilizada para a passagem de tropas de mulas. A abertura da estrada viria mais tarde, realizada de forma braçal pelos operários encarregados, muito antes do uso de máquinas.

De origem austríaca, a família Scheifler traz consigo essa herança cultural. Os bisavós de Flávio chegaram ao Brasil por volta de 1870, e o avô Edmundo, além de comerciante, era caçador. Tendo se mudado de Nova Petrópolis para Canela, ele se encantou pelo interior de São Francisco de Paula tanto pela abundância de animais para a caça quanto pela possibilidade de comércio de gado, atividade que já exercia:

> *Ele tinha um açougue em Canela, naquela época, e ele subia a serra para comprar gado, então ele descia com as tropas a pé. E ele era caçador também, caçava veado, que era a caça preferida deles, e perdizes. O meu pai também era caçador de perdizes.*





Prefeitura Municipal
de
São Francisco de Paula
Exercício de 1953

O Prefeito de São Francisco de Paula, pelo presente

Alvará de Licença
para
Localização,

Outorga a Edmundo Scheiffler a estabelecer-se no local abaixo, satisfeitas as exigências da legislação em vigor:

Distº: Celeiro
Local: Celapeco
Com: Casa Comercial

Em 30 de maio de 1953

Prefeito

Pagou os tributos anteriormente, conforme talão nº 17 fls 19.

Rubrica

Cargo

Nota. Qualquer alteração, seja de local ou denominação de firma, etc., deve ser requerida sob pena de multa regulamentar

Alvará de licença do armazém de Edmundo Scheifler, 1953. Acervo pessoal.

Ao se estabelecer em Lajeado Grande, Edmundo abriu um armazém, que ficou conhecido como “o armazém dos alemães” ou “o armazém do Chapéu”, em referência ao Morro do Chapéu, denominação exata da localidade. Tornou-se um dos únicos pontos de comércio da redondeza, abastecendo famílias de diversas comunidades próximas.

O armazém vendia de tudo: mantimentos, ferramentas, gasolina a granel e até armas. O dinheiro circulava pouco; as relações comerciais eram baseadas principalmente na forma de escambo. Queijo, couro e outros produtos eram trocados por alimentos e mercadorias. Essa lógica de relações comerciais marcou a economia local e a memória de Flávio, que conviveu com o avô e testemunhou esse modo de vida.

Quando Flávio nasceu, o armazém já havia encerrado suas atividades. Seu pai passou a se dedicar exclusivamente à compra e venda de gado, atividade que manteve até falecer, em 1977:

> *Na época, não existia frigorífico, era matadouro, que eles chamavam. Aqui na zona de São Sebastião do Caí, para baixo, Morro Reuter, aí para baixo, na região dos vales. E foi o que ele fez até o fim da vida dele. Ele negociava, comprava e vendia gado.*

Na infância, Flávio estudou em uma escola municipal da comunidade, que oferecia ensino apenas até os cinco anos iniciais. Mais tarde, ele e as duas irmãs foram morar em Canela para continuar os estudos, frequentando o Colégio Marista de lá.

A morte precoce do pai fez com que Flávio, então com 18 anos, retornasse definitivamente para Lajeado Grande e assumisse a propriedade da família. Tentou inicialmente seguir no ramo da compra e venda de gado, contudo, sem experiência e sendo ainda muito jovem, precisou buscar outros caminhos. Um saber aprendido ainda na infância, que se tornou “uma paixão” – segundo suas palavras –, foi a melhor alternativa: a produção de queijo.



Flávio mantém preservados e expostos objetos que remetem ao armazém do avô.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Flávio aprendeu a fazer queijo aos oito anos de idade, com a tia Lucinda Scheifler (mais conhecida como Lúcia), que criou ele e as irmãs após a sua mãe ter saído de casa quando Flávio tinha apenas três anos de idade. Desde cedo, desenvolveu uma relação afetiva com o trabalho com o leite, com o manejo do gado leiteiro e a produção artesanal do produto. Durante muitos anos, produziu queijo de modo informal, vendendo diretamente a consumidores em Caxias do Sul, mas sempre enfrentando o risco da fiscalização.

A regularização da produção só foi possível a partir de 2011, quando surgiu a oportunidade de fornecer alimentos para a merenda escolar. Com o apoio da Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, Flávio e sua esposa (com quem convive há 35 anos) conseguiram legalizar uma agroindústria familiar, também voltada à produção de bolos, pães, chimias e doce de leite. Posteriormente, Flávio construiu uma queijaria específica para produtos de origem animal, atendendo às exigências sanitárias para a produção do queijo serrano.

Hoje, Flávio produz queijo serrano com leite cru, respeitando o período mínimo de maturação de 60 dias e mantendo um rigoroso controle sanitário do rebanho. Apesar das dificuldades e da concorrência com a produção informal, ele segue comprometido com a qualidade, inclusive buscando se aperfeiçoar na produção:

> *Eu fiz cursos da Emater, junto com a UCS [Universidade de Caxias do Sul]. Eu fiz o curso de queijo, de doce de leite e de outros tipos de queijo. Com esses cursos, eu comecei a melhorar a qualidade do meu doce. A gente fazia meio a olho... Com o curso, a gente conseguiu bem a receita, e vai testando, até acertar. Hoje, eu tenho um produto "padrão". [...] Isso ajudou bastante.*

Além do queijo e do doce de leite, Flávio e a esposa também produzem ambrosia e artesanato em lã: ela trabalha com tricô e crochê enquanto ele fia a lã em roca de pedal:

> *Fizemos curso no Senac [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial], com um instrutor que nos ensinou a fazer, a trabalhar com lã, ensinou a fazer o fio. Então, compramos a roca, e eu aprendi a fazer o fio. É uma "terapia". Às vezes, de noite, eu estou cansado, eu vou lá, pego um pedaço de lã e vou fiar.*

Além do trabalho artesanal, a arte musical ocupa um lugar importante na vida de Flávio. Criado em um ambiente familiar em que todos cantavam, Flávio cresceu falando alemão e aprendeu a cantar ainda criança, sob a influência do avô, que era maestro:

> *Com seis anos de idade, eu não sabia falar "água" em português, só falava em alemão. O avô não nos deixava falar português. E nós tínhamos uma tradição da nossa família, eram todos músicos e cantavam. A gente aprendeu a cantar desde criança, muito pequeno. O avô que ensinou, era maestro de banda, de instrumento de sopro, na época em que ele morou em Nova Petrópolis. Ele que nos ensinou a cantar. [...] Em*

Canela, no colégio dos irmãos Maristas, eles descobriram que a gente cantava, então eles colocavam a gente para cantar na igreja católica de Canela e na igreja do colégio. A minha irmã tocava gaita sanfona, e eu tocava violão. A gente começou a tocar em festinhas, em reuniões dançantes e outros eventos do colégio.

Ainda na juventude, formou com as irmãs, mais um baterista e um baixista, o conjunto musical "Os Regionais" – nome batizado por um irmão Marista –, com o qual animou bailes em diversas localidades da região (no Lajeado Grande, em Cazuza Ferreira, no Juá, por exemplo) e até em outros municípios do estado (Bom Jesus, Camaquã, Nova Prata, Veranópolis e demais). As principais músicas tocadas eram as tradicionalistas, com a interpretação de sucessos de outros conjuntos equivalentes no estado do RS:

Tinha até alguns que nos chamavam de "os chaveirinhos dos Bertussi" [risos]. Nós tocamos com eles. A gente era muito amigo do Honeyde Bertussi. Inclusive, a minha irmã gravou com ele. No último disco do Honeyde Bertussi, a minha irmã canta junto, tem a participação dela, a Loiva Scheifler.

Ainda sobre os bailes que animou, Flávio lamenta ter presenciado situações de segregação nos eventos:

A gente pegou essa época aqui no distrito de Juá. Eu me lem-



Conjunto 'Os Regionais'. Vê-se Flávio, Loiva, Adroaldo e Leda. Acervo: Loiva Scheifler.



Queijo serrano produzido no Bolicho do Chapéu.

> *bro que a gente teve que levar uma extensão de um fio mais comprido e colocar uma caixa de som dentro do salão dos chamados "morenos". Eu achava um absurdo aquilo. Tinha que tocar para os brancos ali, e para os "morenos", só as caixas de som. Era uma sala ao lado. Eu nunca achei normal isso.*

A tradição musical da família Scheifler segue viva entre a geração de seus novos descendentes: os dois filhos de Flávio estudaram música, um deles já formado na área, no curso de Graduação em Música da UCS – Universidade de Caxias do Sul, e o outro se formará em breve, quando retornar de um intercâmbio para o Canadá. No país estrangeiro, a propósito, o filho de Flávio está trabalhando em uma queijaria, aberta por um cidadão brasileiro do estado do Pernambuco:

> *Parece que produz queijo coalho lá no Canadá e doce de leite também. Eu achei muito engraçado o dia que ele me falou que conseguiu um emprego lá em uma queijaria. E mais: sabe qual é o nome do dono da queijaria? É Flávio [risos].*

Dessa forma, Flávio vê a possibilidade de continuidade do negócio familiar, de manutenção dos vínculos e transmissão dos saberes locais, muitos deles relacionados à possibilidade de uma sociedade sustentável, pelo caráter artesanal da sua produção. Finaliza Flávio:

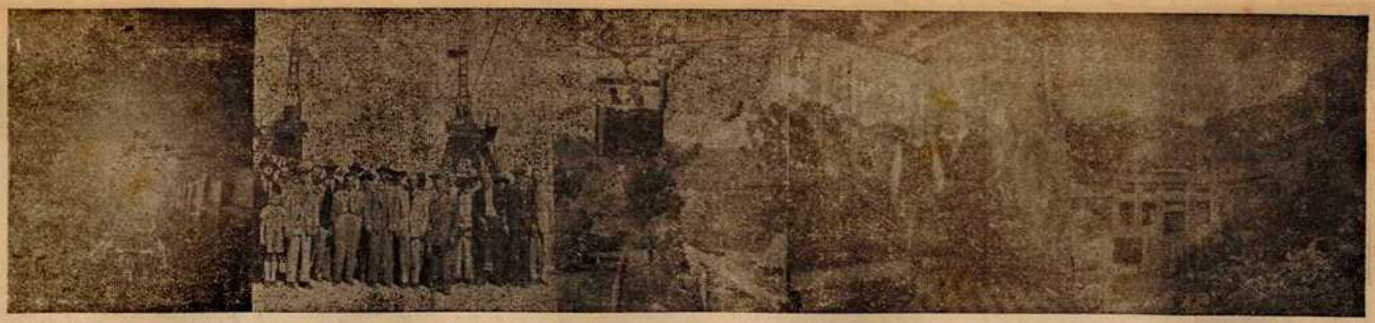
> *Eu estou muito feliz por isso, porque a gente tem uma estrutura montada, e é só querer trabalhar.*





Interior, casa de residência e entrada do Bolicho do Chapéu.
Foto: Anthony Beux Tessari.


BOLICHO
ARTESANATO
EM LÃ DE OVELHA



OS CLICHE'S mostram vistas do Passo do Inferno e Salto: — 1 — Boca do tunel do Salto, fotografada de dentro — 2 — Grupo de vereadores acompanhados pelos prefeitos de Caxias e São Francisco de Paula — 3 — O Ministro Clovis Pestana andando de caçamba — 4 — As turbinas do Passo do Inferno — 5 — A Usina do Passo do Inferno, vista do alto.

Passo do inferno, Tóca e Salto

Esperanças da Industria Gaúcha

Reportagem a prestações — Abrindo os portões do Passo do Inferno — Um churrasco «daqui» — O ministro Clovis Pestana andando de caçamba — Furando a montanha — O judeu fecha sua conta

Reportagem de JOSUE' FAVARO

Fotografias de JOSE' DALLABILIA

REPORTAGEM A PRESTAÇÕES

Isto é que se pode chamar de reportagem a prestações. Foi feita aos pedaços. Uma série de desencontros trouxe-lhe até um arzinho pitoresco de originalidade.

José Dallabilia pôs a mochila ás costas e partiu para Canela, enrabichado na Caravana do Prefeito. Isto foi no ultimo domingo do mês passado...

Ai, o primeiro desencontro. Ele foi. Bateu fotografias. Soltou todos os passarinhos que levava dentro da máquina. Eu, somente pude ir no domingo seguinte, dia 7, sem Speed-Grafic, sem passarinhos, sem caravanas...

Vimos a mesma coisa, é verdade. Mas em ambientes diferentes.

O dele, vestido de festa, com a presença do Ministro da Viação, sr. Clovis Pestana, os Prefeitos de Caxias de S. Francisco de Paula, vereadores de ambos os municipios, e outros caravaneiros. Muita distinção e muito formalismo.

Ao paso que o ambiente que eu encontrei foi de franca singeleza. Não era de festa. O grupo intimo e amigo, estava formado pelo sr. Luiz Andreazza e seus filhos Eli e David, Herminio Bassanesi, meu pai e e meu irmão.

Alguma coisa, entretanto, deve ter unido os dois grupos. Se não o destino comum, pelo menos a agradável sensação de ver o nosso Estado, pela primeira vez, realizando uma obra que merece referência em grifo.

Alguém do meu grupo, que não conhece, com certeza, as colossais turbinas do Cubatão em São Paulo, ignora por completo, a existência de Volta Redonda, exclamou, com ingenuidade, ao avistar, do alto, a Usina do Passo do Inferno:

— Puxa! pela primeira vez alguma coisa me comove, no Brasil.

ABRINDO OS PORTÕES DO PASSO DO INFERNO

A primeira impressão do Paso do Inferno foi de grandiosidade. Para nós, que vivemos aspirando o cheiro de óleo queimado dos motores Diesel, aquela força, silenciosa, movida a ulha-branca, deixou-nos satisfeitos. Passo do Inferno, que fornece energia a Caxias, tem apenas 2.000 HP. Pensando bem, não é nada. A Usina da Toca tem 1.500 HP. Somando as duas ainda não é nada para as cidades sedentas de força-motriz, que se abrem sôbre o solo riograndense. A cada dia que passa, mais as nossas industrias parecem bradar por: FORÇA, MAIS FORÇA!, como Goethe moribundo, berrava: Luz, mais luz!

Enquanto achávamos que aquele começo, aquele feliz começo podemos chamá-lo, era insignificante para tão prementes necessidaes, alguém veiu socorrer-nos.

Era o dr. Beno Koebe, engenheiro-chefe do Passo do Inferno.

Ele notara o nosso entusiasmo por tudo. Notara a nossa satisfação por vermos o Rio Grande ensaiando os seus primeiros passos, como criancinha preguiçosa... E, a sua perspicácia não deixou de notar também, a nossa desconfiança acêrca daqueles parcos 2.000 HP.

Mas o dr. Beno foi pronto.

Perguntou-nos se já conheciamos o Salto. Respondemos negativamente. Mas, não faltava vontade de vê-lo. E o fizemos aquele dia mesmo.

O engenheiro-chefe, com sua amável simpatia, apontou-nos o rumo desta nova iniciativa do govêrno gaucho. O Salto terá 20 mil cavalos de força! E isto em sua primeira fase. Mais adiante poderá atingir 60 mil e logo após 80.000 HP!

Foi o auge do nosso contentamento. Sabiamos que não era propaganda. Não era engôdo, para iludir.

E abrimos os portões do Passo do Inferno com olhos de quem vê a "maquete" de um futuro monumento de nossa industria.

Guiados a toda a parte pela mão experiente do Dr. Beno, entramos em contato com os segredos da moderna eletrotécnica.

CHURRASCO NO PASSO DO INFERNO

O Dallabilia, quando voltou da sua excursão, contou vantagens sobre vantagens. Não me admirei. E' próprio de repórter...

Contou que haviam sido recepcionados com um churrasco formidável:

— Daqui!

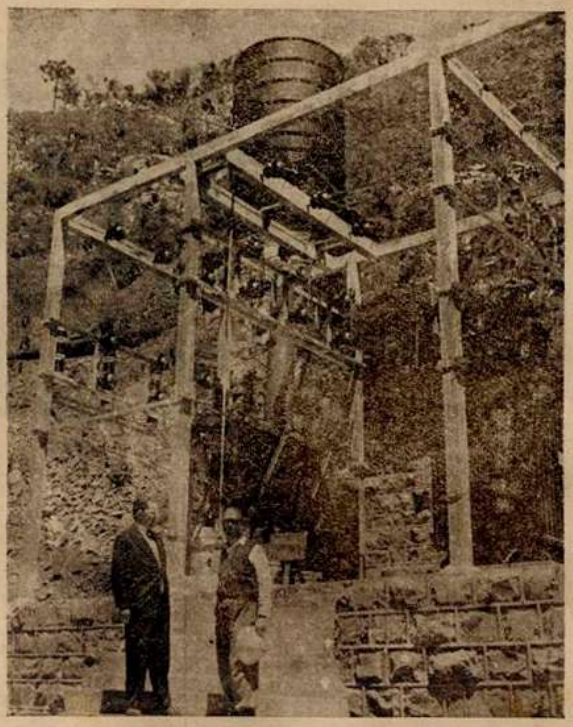
E dizendo isso, pegou no lobo da orelha, como se aquela pelanca desse bom churrasco.

Francamente, ao ouvi-lo falar, fiquei com água na boca. E arrependi-me sinceramente, de não ter acompanhado a comitiva oficial e formalistica.

Entretanto, no momento em que o meu grupo, curioso, enfiava os olhos por aquelas realizações promissoras, inquirindo, insaciavel, sobre tudo, aproximou-se de nós outra figura amiga que nos deixou verdadeiramente entusiasmados com sua solicitude. Era o Ten. João Alberto Haas, um dos dirigentes das obras do Passo do Inferno.

Suas primeiras palavras foram de boas vindas. Apesar da simplicidade do nosso grupo, apesar de quase desconhecidos, fomos extraordináriamente bem recebidos, a tal ponto que eu não poderia deixar passar em branca nuvem, nesta reportagem, o nome de tão solicito e prestativo amigo.

Para minha, ou melhor, nossa alegria, e para mágua do Dallabilia, havia churrasco também neste domingo. E a convite do Ten. Haas participamos dele, com toda a voracidade de quem faz honra aos assadores.



O INDUSTRIALISTA Julio Eberle em palestra com o engenheiro do Passo do Inferno.

AGORA O SALTO

Deixamos o Passo do Inferno, com ameaças de chuva. O céu tinha escurecido, e alguém jogava bolão lá em cima...

O edifico de pedra da Usina, contrastando com a virgindade selvagem da mata e a magestosa marcha do rio, parecia uma gravura dos livros de Julio Verne. O cano, negro e longo, como gigantesca gibóia negra, serpenteava pela margem do rio, até enfiar a cabeça na casa das máquinas.

E lá, ao longe, a represa. Um véu d'água, homogêneo, atirando-se de pouca altura, e fervilhando em espumas bravias.

Esta, a ultima imagem do Passo do Inferno, que ficou grudada em nossa retina, enquanto buscavamos o Salto.

E' preciso frizar primeiramente uma coisa. No Salto não há nenhuma queda d'água aproveitavel. A Usina de 20 mil cavalos vapor não será construida lá.

Vou explicar.

Naquela zona do municipio de São Francisco de Paula passa um rio. Não me lembro o nome. Tenho péssima memória retentiva.

Havia lá uma pequena barragem, onde uma usina grosseira fornecia seus magros cavalos (isto é H P) para a iluminação de S. Francisco de Paula. Hoje, da usina antiga não há vestigios. Da barragem, há ruinas.

Entretanto, a engenharia está construindo naquele local uma de suas mais interessantes obras.

Um sistema de caçambas transporta pedras de um lado do rio para o outro. Dizem que o ministro Clovis Pestana deu um passeio de caçamba, por ocasião de sua visita.

Estas pedras, depois de britadas, vão formar o dique enorme, que está sendo erguido.

A água, assim represada, vai inundar colônias e colônias. E o governo já indenizou dezenas de moradores pelas terras que pertencerão ao rio dentro em breve.

FURANDO A MONTANHA

Isto foi o que mais nos deslumbrou. A água, assim represada passará por baixo da montanha, onde modernas máquinas abrem um longo tunel de quase dois quilômetros.

Conduzida, desta maneira, a água vai se lançar nos abismos do salto do Bugre.

E é precisamente neste local que se erguerá a Usina do Salto. Dando ao Rio Grande inicialmente 20 mil HP e de futuro, 80 mil.

No instante em que penetrávamos no tunel escuro, gotejando água, pelo nosso pensamento passavam as silhuetas das futuras turbinas do Bugre, e dos encanamentos negros e longos como gibóias gigantes.

Tudo ali, entretanto, está no inicio. Apenas levantaram a coberta de terra e campo, para descobrir a rocha viva e virgem que servirá de base para a barragem.

Amanhã, talvez, haja sôbre aquelas paragens milhões de metros cubicos de água represada, ecoando-se pelo "ladrão" da montanha, e fornecendo ao Estado a energia elétrica que ele vem pedindo com insistência de uma perturiente.

O JUDEU FECHA A CONTA

A ultima prestação está paga. O judeu pode fechar a reportagem. Dallabilia trouxe as fotografias que aparecem nó alto da página. Eu, emendei essas notas. Alinhavamos tudo, recordações, comentários, agradecimentos, suspeitas, sem separar o joio do trigo.

Talvez um dia, quando a Usina do Bugre estiver em pleno funcionamento, e o Passo do Inferno e a Toca forem apenas usinas de emergência, voltemos ao assunto, prestando então a nossa segunda homenagem ao governo do Estado por esta iniciativa que vem beneficiar sobremaneira a terra e povo gauchos.

Esperamos, no entanto, que até lá, as estradas estejam mais transitáveis...

JOALHERIA BRAGATTI, COMANDULLI & CIA.

JOIAS, RELOGIOS E ARTIGOS PARA PRESENTES

Av. Julio de Castilhos, 1833 — Caxias do Sul — Fone, 696

Bomboniére Maratá

O proprietário desse conceituado estabelecimento, avisa sua distinta freguezia, que no dia 20 do corrente, mudará seu estabelecimento para o seguinte endereço:

AV. JULIO DE CASTILHOS, 1629

(EX-HOTEL BRASIL)

Salto

Formação da vila e transformações socioeconômicas

Situa-se a aproximadamente 19 quilômetros da sede municipal. Sua criação administrativa ocorreu em 31 de dezembro de 1932, em um contexto de expansão das atividades econômicas e de ocupação do território nos campos de altitude do nordeste do Rio Grande do Sul.

A proximidade geográfica do distrito com o município de Canela, bem como com a sede de São Francisco de Paula, favorece a mobilidade cotidiana de seus habitantes. Muitos moradores deslocam-se diariamente para trabalhar nesses centros urbanos, evidenciando a integração regional e a dependência econômica entre as localidades.

De acordo com Cardoso (2019), a população local costuma referir-se ao distrito simplesmente como “Salto”. A denominação está relacionada às barragens do Salto, Blang e Divisa, construídas sobre o rio Santa Cruz, curso d’água que atravessa o distrito e que desempenhou papel fundamental no processo de desenvolvimento da localidade. A presença dessas estruturas para a geração de energia marcou profundamente a paisagem e a dinâmica econômica da região, configurando-se como um dos principais elementos de referência territorial para os moradores.

Segundo Cardoso (2019), a formação da vila antecede a própria construção da barragem. Por volta de 1915, o local correspondia a uma propriedade rural denominada Fazenda do Salto. A sede da fa-

Ao lado: página do jornal O Pioneiro, edição de 11 de novembro de 1948. Acervo: AHMJSA.



"Belíssima queda d'água chamada do 'Salto', no rio Santa Cruz". Fonte: Costa, 1922, p. 420.

zenda pertencia a Francisco Soares de Oliveira, figura importante no processo inicial de ocupação da área. Em 1916, ele transferiu a casa da Fazenda do Cerro para a localidade do Salto, o que contribuiu para o início do povoamento. A necessidade de abrigar trabalhadores e funcionários levou à construção de moradias nas proximidades da propriedade, dando origem ao núcleo inicial da vila.

O desenvolvimento mais significativo da localidade ocorreu com a instalação da serraria dos irmãos Delavechia, empreendimento movido pela força da água e que favoreceu o surgimento de empregos e a atração de novos moradores para a região.

A partir de 1944, com o início da construção da barragem do Salto, intensificou-se o crescimento populacional e urbano do distrito. A obra atraiu trabalhadores e impulsionou a instalação de novos serviços e estabelecimentos comerciais. Nesse período, foram construídos espaços importantes para a vida local, como hotel, farmácia, cartório, rodoviária e cinema, elementos que demonstram o dinamismo social e econômico da localidade naquele momento histórico.

A pesquisa do historiador Alexandre Adão Basei Beck (2015) apresenta a história da barragem a partir de memórias dos trabalhadores que atuaram na construção do empreendimento. Conforme o autor, a barragem possui 583 metros de extensão e altura de 12 me-

tros, com uma bacia de captação de aproximadamente 14 milhões de metros cúbicos. Entre os depoimentos colhidos pelo historiador, está o de João Maria Noronha de Brito, com 90 anos na data da entrevista. Ele disse: “Eu ajudei, comecei batendo marreta, depois, quando abriu o túnel, na fundação, eu fui trabalhar no túnel, com compressor, com máquinas, martelo automático, que eu já sabia trabalhar com martelo, então atravessei o túnel do Salto, aqui do outro lado do morro, eu atravessei por baixo do chão, fazendo aqueles furos” (Beck, 2015, p. 57). Outras dezenas de depoimentos completam o estudo, demonstrando a participação e o esforço de engenheiros e trabalhadores de diferentes especialidades e origens na obra, com diversas passagens também sobre o cotidiano daquele período no distrito.



“Queda do Salto, situada no rio Santa Cruz, 180 hp. Nos. 1 e 2 respectivamente o intendente de São Leopoldo e de São Francisco e o Sr. Soares de Oliveira, proprietário das terras onde estão situadas esta queda e as da Toca e do Passo do Inferno”. Fonte: Máscara, 1922, s/n.

Barragem do Salto. Foto: Anthony Beux Tessari.







Um salto para o futuro

As memórias relacionadas à localidade de Salto/Eletra foram trazidas nas falas dos moradores Beatriz Pereira de Andrade (57 anos), Paulo Ricardo Andrade (58) e Zeli Bof (65), sendo os dois primeiros naturais desse distrito de São Francisco de Paula enquanto Zeli reside na comunidade há cerca de três anos, tendo forte envolvimento comunitário, a partir do qual também pôde ouvir e conhecer muitas histórias locais.

Beatriz e Paulo compartilharam suas lembranças de quando o Salto era um núcleo bastante ativo. Sobre o passado, ouvindo histórias de seus pais e de outros moradores antigos, registram que havia na localidade um matadouro, um cartório, uma rodoviária, um cinema, uma delegacia e um hotel, além de intenso movimento de pessoas, principalmente em época de veraneio, para usufruir das águas da barragem e do clima ameno serrano. A fase de construção da barragem do Salto explica a existência de todos esses serviços, pois a obra atraiu centenas de trabalhadores da região.

Durante a infância dos entrevistados, que corresponde ao período das décadas de 1960 e 1970, o Salto era uma comunidade pequena, com cerca de 30 casas e aproximadamente 100 moradores. Não havia energia elétrica nem água encanada em muitas residências, o que reforçava os laços de vizinhança: as famílias dormiam cedo, mas se reuniam ao escurecer para contar histórias. Compartilhavam uma convivência de solidariedade e segurança, a ponto de se deixar casas com portas abertas sem grandes preocupações. “Todo mundo se conhecia” – resumiu Beatriz.

A educação era limitada às primeiras séries do que hoje é equivalente ao Ensino Fundamental, e as aulas aconteciam na Esco-

la Cristino Ramos. Professores como a conhecida “Tia Zô” marcaram a memória afetiva de Beatriz e de Paulo, que foram seus alunos. A religiosidade também desempenhava papel central na comunidade, com predominância da religião católica. A igreja, dedicada a Santo Antônio, era o principal ponto de encontro religioso e social. O seu antigo salão de festas, construído em madeira, servia tanto para bailes quanto para velórios. Sobre a festividade em honra ao padroeiro, Beatriz recorda do tempo em que ela “*durava dois dias, e era uma baita festa! O que dava de gente... Eu lembro que o meu pai ajudava a assar a carne*”.

Os momentos de lazer eram simples, porém significativos, em razão da presença coletiva: destacavam-se as brincadeiras ao ar livre, jogos improvisados, bonecas de pano, pernas de pau e banhos no rio junto à barragem. A área da barragem era de livre acesso, com pesca, acampamentos e intensa circulação de visitantes, algo que se perdeu com o passar dos anos, com o surgimento de empreendimentos do tipo condomínio e o consequente cercamento de áreas.



Paulo Ricardo Andrade

Beatriz: No lado da barragem, podia tomar banho, porque era bem baixinho. Tinha um determinado ponto que marcava até onde podia ir adentro. Do outro lado, também dava para tomar banho, porque ali era seguro. [...] Antigamente, podia pescar, tinha acesso livre. E acampavam ali, chegavam até o rio.

Paulo: A gente conseguia ir até aquela ilha no verão, onde hoje tem os eucaliptos.

Ainda sobre o período da infância, Beatriz lembrou das brincadeiras que eram realizadas entre as crianças:



Igreja católica no Salto. Foto: Anthony Beux Tessari.

> *Nos finais de semana, não tinha muito o que fazer, então a gente brincava. Brincava de bola, e com aqueles arquinhos para fazer rodinhas no formato de boca de fogão. Aquelas pernas de pau que a gente fazia, era a melhor coisa que tinha. As bonecas, a minha mãe fazia de pano ou de trapo. Foi a melhor infância a que a gente teve.*

As atividades econômicas da localidade giravam, sobretudo, em torno da agricultura e da pecuária. As famílias cultivavam feijão, milho, arroz, batata, moranga, e algumas criavam gado, em terras pertencentes a proprietários maiores, como das famílias Bohrer e Soares – caso, por exemplo, do pai de Beatriz. Outra atividade lembrada pela entrevistada foi a da viticultura, que ajudou a empregar famílias durante a vindima:

> *Tinha um parreiral de uvas dos Galafassi, que, na época de colheita, dava trabalho para muitas famílias, inclusive para a minha. Faziam vinho e tinham pipas, muitas que ainda existem até hoje. É quase centenário, então isso é muito importante mencionar no livro.*

Beatriz Pereira de Andrade





Lago da barragem do Salto. Foto: Anthony Beux Tessari.

Olhando para o presente, os entrevistados observam como a localidade do Salto passou por processos de transformações em vários âmbitos da vida social. Após a fase da construção do Sistema Salto, muitas estruturas e serviços foram reduzidos ou desativados. Hoje em dia, boa parte dos moradores locais trabalha em Canela, especialmente nos setores do turismo, hotelaria, comércio e construção civil, beneficiando-se da isenção do pedágio instalado na rodovia, e é mais próximo chegar ao município vizinho do que à sede de São Francisco de Paula. A religião católica não é mais predominante entre os moradores, havendo a presença atualmente de três igrejas evangélicas e de praticantes da umbanda.

Nos últimos anos, também se observa um movimento de reor-



ganização comunitária e a expressão das demandas atuais daqueles que residem no Salto. A formação de uma comissão de moradores resultou na busca e em conquistas de melhorias, como água encanada, a retomada de atendimentos médicos e o asfaltamento da via principal. Projetos voltados à sustentabilidade são outras ações comunitárias locais, como a instalação de um ecoponto e a valorização de produtos artesanais e agroecológicos produzidos por moradores do Salto, com a ideia de expô-los e comercializá-los em feira local. Segundo Zeli:

> *Tem produção de massa, de tortéi, de capeletti caseiro aqui no Salto, em pequena indústria. Tem também a produção de cogumelos, de canecas e de outros produtos personalizados.*

São aquelas canecas personalizadas, com a logomarca que criamos e um slogan para o Salto, chamado "Um Salto para o Futuro". [...] Em um grupo de 44 moradores, selecionamos sete mulheres para organizar, neste ano de 2025, o 1º Evento Ecológico no Salto, que terá a inauguração do ecoponto, concurso fotográfico, caminhada ecológica, bancas de produtos locais e oficina de sabão ecológico.

Ainda na voz de Zeli, essa perspectiva de "futuro" que encontra no Salto, seu engajamento comunitário e o acolhimento que diz ter recebido ao se mudar para o local, depois de residir praticamente toda a vida na capital do estado, foram os motivos determinantes para a escolha da sua nova morada:



Saí de Porto Alegre, do bairro Tristeza, com todo aquele engarrafamento e estresse de trânsito. [...] Preferi ficar aqui, porque é calmo. Fui muito acolhida, principalmente pela mãe do Paulo, quando cheguei. Eu fui muito bem recebida no Salto. A Beatriz foi a primeira amiga, e continua sendo até hoje. Para mim, esse lugar é maravilhoso.

Zeli Bof

Vista da barragem a partir das proximidades do Clube Náutico do Salto, vendo-se ao fundo casas de condomínio. Foto: Anthony Beux Tessari.



O antigo hotel no Salto (hoje com sua vista coberta por árvores) foi o 'Clube Federal', local de hospedagem que funcionava na modalidade de associados para se obter desconto nas diárias. Foto: Anthony Beux Tessari.





Curso d'água no Juá.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Juá

Caminhos e transformações de uma comunidade rural

O distrito de Juá, localizado no município de São Francisco de Paula, destaca-se por sua trajetória histórica vinculada aos antigos caminhos de circulação de carreteiros e caixeiros-viajantes, que percorriam os campos do nordeste do Rio Grande do Sul.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o comércio constituiu um elemento central da vida econômica da vila. De acordo com Stumf e Rodrigues (2023, p. 23), até o início da década de 1940, era comum a presença de caixeiros-viajantes, que negociavam produtos como tecidos, doces e diversas mercadorias. Posteriormente, foram instaladas na localidade as tradicionais vendas de secos e molhados, estabelecimentos que, entre as décadas de 1950 e 1960, passaram a constituir o principal eixo do comércio local.

A circulação de pessoas gerou um significativo povoamento que resultou na existência de diversas instituições de ensino ao longo do século XX. Conforme apontam Stumf e Rodrigues (2023, p. 20), a educação no Juá teve início na década de 1920, período em que o distrito chegou a contar com cinco escolas. Segundo as autoras, a formação da comunidade é ainda mais antiga, remontando a um período anterior à Guerra dos Farrapos. Relatos de antigos moradores indicam que, durante esse conflito, ocorreram confrontos entre soldados revolucionários e habitantes do lugar.

O distrito passou por transformações ao longo das décadas seguintes. No cenário contemporâneo, a vila apresenta população reduzida, e a base econômica está associada principalmente à agricultura de subsistência, desenvolvida em pequenas propriedades rurais.



Paisagem na sede da vila. Foto: Anthony Beux Tessari.

Juá localiza-se a aproximadamente 65 quilômetros da sede municipal. Sua criação administrativa data de 10 de maio de 1950. A origem de seu nome está associada à presença abundante de uma planta espinhosa conhecida como juá.

O começo do povoamento também aparece registrado em depoimentos de moradores. Cardoso (2019, p. 60) transcreve entrevista concedida por Orides Reis, na qual o entrevistado recorda que o Juá era inicialmente habitado por poucas famílias, destacando os sobrenomes Pedroso e Castilhos. Com o passar do tempo, por meio de processos de herança, venda de propriedades e chegada de novos moradores, o núcleo populacional foi se ampliando gradualmente até constituir a vila. O relato também menciona a existência de escravidão na região durante o século XIX, indicando que um dos proprietários locais possuía pessoas escravizadas. Ainda segundo o entrevistado, é possível que descendentes dessas pessoas escravizadas permaneçam na região, compondo a diversidade social e étnica da comunidade.

A convivência entre diferentes grupos sociais e étnicos marca a história do distrito. A narrativa de Cardoso (2019) indica que, em

determinados momentos, as relações sociais eram atravessadas por preconceitos e práticas racistas, como os bailes organizados na comunidade, nos quais existiam espaços diferenciados para brancos e negros.

Estudos recentes continuam ampliando o conhecimento sobre a formação do distrito. Pesquisas desenvolvidas por autores locais, como o trabalho realizado em 2025 por Júlia Serafini — dedicado à composição social e territorial da comunidade —, contribuem para aprofundar a compreensão histórica e social do Juá.



Cemitério no interior do distrito. Fotos: Anthony Beux Tessari.

Escola Municipal Bento Egídio Rodrigues, ex-grupo escolar, fundado em 1954. A escola do Juá desenvolve com os estudantes atividades voltadas a preservação da memória e cultura local. Foto: Anthony Beux Tessari.





Um antigo ofício familiar

João Rodrigues nasceu e se criou no distrito do Juá, onde construiu não apenas a sua trajetória de vida, mas também a história de uma das últimas serrarias ainda em funcionamento na região. A atividade madeireira acompanha sua família desde a década de 1940, quando seus pais e tios fundaram, em 1948, a empresa que daria origem à atual serraria, inicialmente conhecida como Indústria de Camas Rodrigues e então localizada em Caxias do Sul, nas proximidades do campus-sede da Universidade de Caxias do Sul. Parte da produção foi, com o tempo, transferida para esse município, enquanto, no Juá, permaneceu a serraria, dedicada ao beneficiamento da madeira.

Ao longo das décadas, o serrador acompanhou intensas transformações no setor. O que antes era uma atividade comum, com cinco ou seis serrarias espalhadas pela região, hoje se tornou exceção.

Serraria de João Rodrigues. Foto: Anthony Beux Tessari.



Atualmente, a sua é a única serraria em funcionamento no distrito do Juá. E João atribui esse desaparecimento a uma combinação de fatores: o fim da extração da araucária, a dificuldade de mão de obra e o aumento dos custos para os pequenos produtores.

A serraria de João trabalha hoje principalmente com *pinus elliottii*, utilizando madeira de reflorestamento próprio ou adquirida de terceiros. A sua produção é voltada majoritariamente para a indústria moveleira e para fabricantes de embalagens de madeira e pallets.

Além da memória do trabalho, João guarda lembranças da vida comunitária no Juá. No passado, conforme o seu relato, a região chegou a reunir mais de quarenta famílias em torno da capela, com festas tradicionais realizadas duas vezes ao ano, no período do verão e do inverno. Esses eventos incluíam missa, churrasco à moda gaúcha, bailes e música ao vivo, muitas vezes com conjuntos vindos de Caxias do Sul, e marcaram gerações de moradores.



Aqui tem uma história que os Bertussi, o Honeyde e o Adelar, um dos primeiros bailes que eles tocaram foi aqui no Juá. Tinha uma "sociedade", como se dizia. Eles vinham tocar ali, no salão dessa sociedade, mas agora nem isso tem mais... Tem só o pavilhão da igreja. Foi diminuindo o pessoal.

João Rodrigues

Na mesma localidade da vila do Juá, restam cerca de dez famílias morando próximas. Nos últimos anos, João observa este novo movimento no distrito: a chegada de pessoas da cidade que adquirem pequenas áreas para descanso nos fins de semana, muitas na fase da vida de aposentadoria do trabalho. Já o dia a dia de quem reside no distrito, é marcado pelo trabalho no campo e pela distância percorrida entre as propriedades.

De uns 10 anos para cá, morreu dois ou três proprietários que tinham bastante terreno. Os herdeiros estão vendendo, e quem compra está fazendo chácara. São dois ou três hectares de terra. O pessoal da cidade vem mais aos finais de semana. Durante a semana tem que trabalhar na cidade, voltam para lá. Mas tem uma grande parte de pessoal mais de idade, que já está começando a ficar. Eu acredito que, daqui alguns anos, o Juá voltará a ter mais moradores. Por enquanto, são poucos.

A narrativa de João Rodrigues conta a trajetória de uma serraria familiar e ajuda a compreender a história do distrito de Juá ao tratar de temas relacionados às transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas no tempo. Sua opção por permanecer trabalhando onde nasceu, mantendo-se na atividade iniciada pelo pai, demonstra a sua forte ligação com a memória e a identidade locais.

Interior da serraria. Foto: Anthony Beux Tessari.







Produção da serraria. Foto: Anthony Beux Tessari.



Trabalho na serraria. Foto: Anthony Beux Tessari.



Mudanças e permanências

Antônio Sadi Santos – mais conhecido apenas como “Sadi” – nasceu em 1949 e tem boa parte de sua história de vida conectada à localidade de Cadeinha, no distrito de Juá. Natural de Jaquirana, nasceu quando o atual município ainda pertencia à São Francisco de Paula. Seus pais também nasceram nas proximidades do local em que hoje Sadi reside e que frequenta há cerca de 40 anos.

Ao longo de sua vida, Sadi percorreu outros municípios serranos, como Bom Jesus e Cambará, e viveu por um período em Curitiba, no Paraná. Posteriormente, fixou-se em Caxias do Sul, onde trabalhou, por cerca de três décadas, na empresa Pisani, iniciando em 1977. Adquiriu terras em Cadeinha e passou a frequentar o local aos finais de semana, depois passando períodos maiores, quando aposentado.

A experiência de Sadi evidencia mudanças econômicas e sociais vividas na localidade. Segundo ele, Cadeinha já foi uma vila mais movimentada, com várias serrarias nas proximidades que empregavam dezenas de trabalhadores. Aos finais de semana, o lugar via aumentar a quantidade de pessoas, que buscavam descanso na região. Com o passar dos anos, entretanto, a atividade econômica diminuiu, as serrarias fecharam e muitos moradores se mudaram ou faleceram. Atualmente, boa parte das casas pertence a veranistas, e o número de moradores permanentes é bastante reduzido.

> *Mudou muito, os mais velhos que se criaram aqui já se foram. Tem só um senhor ali, com 92 anos, que é o mais velho. Isso aqui era uma vila, tinha uma, duas, três, cinco serrarias. Cada serraria tinha mais de 20 funcionários. No domingo, fervia de gente. Agora, não tem mais ninguém. Quase tudo veranista. O tempo atrás era mais movimentado.*



Sadi em frente a sua residência. Foto: Anthony Beux Tessari.

Apesar da diminuição populacional, Sadi destaca as “belezas naturais” da região como um de seus maiores atrativos. O aposentado, que conhece bem o território, descreve os “peraus”, os rios e as paisagens que cercam a comunidade e vislumbra a construção do futuro aeroporto de Caxias do Sul, em Vila Oliva, que distará cerca de 5 km de onde mora, como um potencial roteiro turístico.

A vida religiosa e festiva da comunidade também ocupa lugar central em seu relato. A igreja local, dedicada a São Marcelino, foi construída em 1942 e teve papel importante na organização social da localidade. As festas do padroeiro reúnem grande número de pessoas, especialmente antigos moradores e descendentes que retornam à comunidade nessas ocasiões. Missas, almoços comunitários e bailes fazem parte da tradição festiva local.

Antônio Sadi teve participação ativa nessa organização comu-

nitária, especialmente na construção do salão de festas, para o qual chegou a elaborar o projeto. Embora hoje já não atue diretamente, ele relembra os desafios enfrentados para manter viva a tradição das festas, mesmo diante das mudanças sociais e econômicas:

> *Eles fazem duas festas, uma para São Marcelino e outra para Nossa Senhora Aparecida. Agora, será em março, a de São Marcelino. Isso aqui, quando dá festa, tu não consegue estacionar... Não sei de onde que sai tanta gente! Tempos atrás, no domingo, tinha mais de cinco ou seis ônibus. E agora, eles vêm de carro. Fecha o campo ali de veículos...*

Outros aspectos das celebrações foram detalhados por Sadi:

> *O almoço é o seguinte: compra o assado, que é padrão, de um quilo e meio ou dois quilos. Pega também uma salada, uma maionese ou outra salada que tiver. Aí vai comer ali embaixo das árvores. [...] Pega o espeto com a carne e vai comer. É em espeto de madeira.*

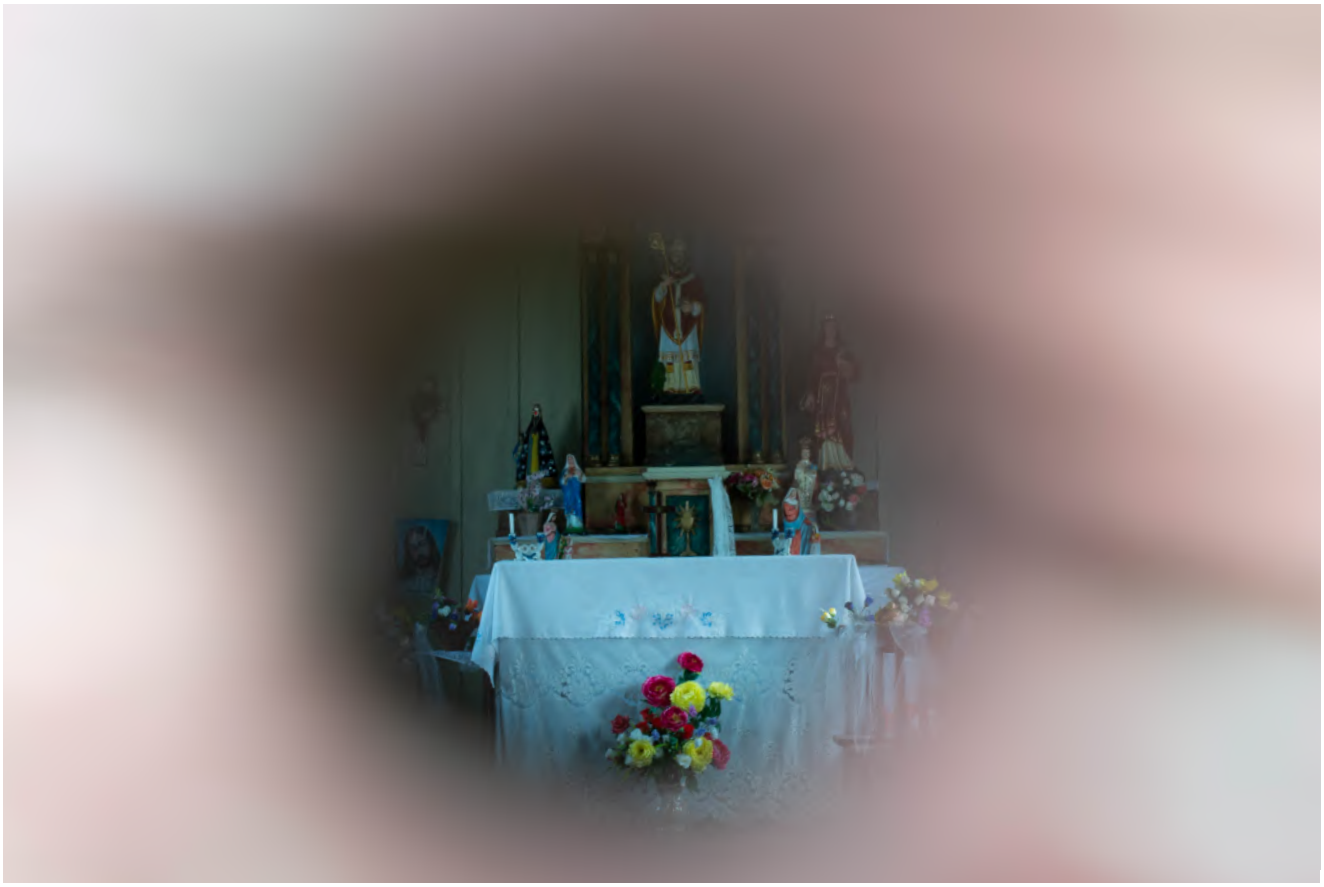
Além da celebração religiosa e do almoço, também há baile, que ocorre no salão de festas da igreja e é animado por conjuntos contratados, geralmente de música tradicionalista gaúcha. Em breve, a pequena igreja da localidade, construída em madeira de araucá-

Antiga igreja. Foto: Anthony Beux Tessari.



ria, será substituída, já estando em construção a nova estrutura, que será feita de tijolos: "*uns não queriam, porque é patrimônio histórico. Mas já está com o piso feito, é para começar na semana que vem*" – relata Sadi.

Por meio de seu depoimento, percebe-se que a história de Cadeinha é marcada por ciclos de crescimento e esvaziamento, principalmente relacionados à atividade econômica das antigas serrarias. Frequentando e vivendo no local por cerca de quatro décadas, Sadi preserva, em sua lembrança, traços dos modos de vida e das relações sociais que ajudam a compreender elementos da identidade da comunidade e o seu lugar no contexto histórico da região.



Altar, com imagem de São Marcelino, visto a partir da fechadura da porta central da igreja. Foto: Anthony Beux Tessari.



Vila de Cadeinha.
Foto: Anthony Beux Tessari.

Referências

BECK, Alexandre Adão Basei. "*Sistema Salto*": trajetórias e conquistas, uma história dos trabalhadores. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, Tatiana Melo. *São Francisco de Paula*: o Ensino de História e a identidade local. Dissertação de Mestrado. Caxias do Sul: PPGHis, Universidade de Caxias do Sul, 2019.

COPÉ, Silvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Estudos Avançados*, 29(83), 2015, pp. 149–171.

COSTA, Alfredo Rodrigues da. *O Rio Grande do Sul*: completo estudo sobre o Estado: obra historica, descriptiva e illustrada. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922. Acervo: IMHC-UCS.

COSTA, Luiz Pompeu Castello. *Coisas de São Chico – pequenas histórias*. Porto Alegre: Evangraf, 2017.

_____. *Outras Histórias de São Chico*. São Francisco de Paula: Escrita Serrana, 2022.

ERLO, Alberto Carlos Jr. *et al.* (org.). *Raízes da nossa São Chico rural*. São Francisco de Paula: UERGS, 2023.

FERNANDES, Ananda Simões *et al.* (org.). *Registros da presença negra no Arquivo Histórico do RS Fundo Polícia – documentação avulsa (1826/1888)*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Oikos, 2023.

FONSECA, José Carlos Santos da. *São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul*. História, encantos e mistérios. Resgatando o passado serrano. Vol. 1. São Francisco de Paula: Evangraf, 2012.

_____. *São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul*. História, encantos e mistérios. Resgatando o passado serrano. Vol. 2. São Francisco de Paula: Evangraf, 2015.

_____. *São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul*. História, encantos e mistérios. Resgatando o passado serrano. Vol. 3. São Francisco de Paula: Evangraf, 2019.

GIRON, Loraine Slomp. *Presença africana na Serra Gaúcha*: subsídios. Porto Alegre: Suliani, 2009.

HEINECK, Paulo Francisco. *O pensamento do serrano*. São Francisco de Paula pelo olhar de seus personagens. Porto Alegre: Concórdia, 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Vol. 34. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

_____. *São Francisco de Paula*. 2025. Online. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=35112. Acesso em: 19 set. 2025.

_____. *Cidades* – São Francisco de Paula. 2025. Online. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/ranking-resumido/download.html?cod=4318200. Acesso em: 2 nov. 2025.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. F*lona de São Francisco de Paula.* 2025. Online. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/

unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/mata-atlantica/lista-de-ucs/flona-de-sao-francisco-de-paula. Acesso em: 15 nov. 2025.

IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS. *Parecer técnico sobre o Inventário do Modo de Fazer Queijo Artesanal Serrano*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura, 2024.

KLEIN, BERETA, VIALE. *Taipas de pedra*: paisagens e patrimônio dos Campos de Cima da Serra. São Francisco de Paula: UERGS, 2023.

LAYTANO, Dante de. *O negro no Rio Grande do Sul*. *In:* CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. São Paulo: Difel, 1962.

MÁSCARA. *Número especial comemorativo ao centenário da independência do Brasil – 1822-1922*. Porto Alegre, 1922. Acervo: IMHC-UCS.

KOCH, Rodrigo; BERETA, Márcia dos Santos (org.). *Educação em São Francisco de Paula*. São Francisco de Paula: UERGS, 2023.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. *De Manoel Congo a Manoel de Paula*: a trajetória de um africano ladino em terras meridionais (meados do século XIX). Dissertação de mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL de São Francisco de Paula. *Histórias e memórias.* 120 anos de emancipação política São Francisco de Paula (1903-2023). São Francisco de Paula: Escrita Serrana, 2023.

REIS, José Alberione dos. *Arqueologia dos buracos de bugre*: uma pré-história do planalto meridional. Caxias do Sul: Educs, 2002.

SILVA, Bibiana Harrote Pereira da. "*Viemos trazer de volta a natureza, viemos trazer de volta a cultura*": história oral na retomada Xokleng Konglui em São Francisco de Paula (RS). Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

SILVA, Iva da. *Páginas de história* – São Francisco de Paula (RS). Porto Alegre: Martins Livreiro, 2017.

_____. *São Francisco de Paula* – a história, o povo, curiosidades e belezas. São Francisco de Paula, 2000.

TEIXEIRA, Luana. *Muito mais que senhores e escravos*. Relações de trabalho, conflitos e mobilidade social em um distrito agropecuário do sul do Império do Brasil (São Francisco de Paula de Cima da Serra, RS, 1850-1871). Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

TEIXEIRA, Maria Lúcia da Silva. *São Francisco de Paula*: um pouco de mim, um pouco de muitos. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

UCS – UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. *Plano de desenvolvimento estratégico e sustentável do município de São Francisco de Paula*. Diagnóstico socioeconômico. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2025.

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *12.000 anos de história*: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul: catálogo da exposição organizado pelo Museu da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

Entrevistados

ALBÉ, Ironilce Maria Basso. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistador: Anthony Beux Tessari. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

ANDRADE, Beatriz Pereira de; ANDRADE, Paulo Ricardo; BOF, Zeli Bof. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

BASSO, Celia Pacheco Terres. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistador: Anthony Beux Tessari. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

COSTA, Luiz Pompeu Castello. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

FONSECA, José Carlos Santos da. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

JOMERTZ, Julio; ROSA, Emerson Mucke da. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

LAUXEN, Inácio Schmitt Lauxen; LAUXEN, Margarete Sita. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

OLIVEIRA, Aurora Pasturina da Rosa de Oliveira. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

OLIVEIRA, Inez Jucelia Guilherme de; TERRES, Marlene Teresinha Tonoli. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

PINTO, Janio Alves. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

RAMOS, Daiane Sita Lauxen. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

RODRIGUES, João. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

SANTOS, Antônio Sadi. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores:

Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

SCALCON, Santo David. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

SCHEIFLER, Flávio. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

SILVA, Celço Teles da. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

TEIXEIRA, Maria Eduarda da Silva Comin; SILVA, Iva da. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

TEIXEIRA, Maria Lucia da Silva. Entrevista para o projeto São Chico 2050. Entrevistadores: Anthony Beux Tessari e Eliana Gasparini Xerri. São Francisco de Paula: Universidade de Caxias do Sul, 2025. Acervo: IMHC-UCS.

Apoio (cedência de acervo):

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
JOÃO SPADARI ADAMI
CAXIAS DO SUL . RS





Lago São Bernardo em dia de outono.
Foto: Anthony Beux Tessari.

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

EDUCS

Nossos Selos

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

“Há uma beleza particular em uma obra que se propõe a falar de uma terra pela voz de seus moradores. Não se trata apenas de narrar fatos, datas ou acontecimentos. Trata-se de permitir que o território fale por meio daqueles que o habitam, que o lembram, que o sentem e que continuam construindo-o cotidianamente.”

Publicação realizada no âmbito do Plano São Chico 2050

VIVA SÃO CHICO

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA 50 ANOS